

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

SOFIA MARTINS MOREIRA LOPES

**ANÁLISE DO ESTATUTO DA PALAVRA PROSÓDICA NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO NA INTERAÇÃO ENTRE  
CONSTITUINTES PROSÓDICOS E MORFOLÓGICOS**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras  
2016

Sofia Martins Moreira Lopes

**ANÁLISE DO ESTATUTO DA PALAVRA PROSÓDICA NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO NA INTERAÇÃO ENTRE  
CONSTITUINTES PROSÓDICOS E MORFOLÓGICOS**

Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos, apresentada ao POSLIN – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Organização Sonora da Comunicação Humana

Orientador: Prof. Dr. Seung Hwa Lee

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras  
2016

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

L864a

Lopes, Sofia Martins Moreira.

Análise do estatuto da palavra prosódica no português brasileiro na interação entre constituintes prosódicos e morfológicos [manuscrito] / Sofia Martins Moreira Lopes. – 2016.

220 f., enc.

Orientadora: Seung Hwa Lee.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Organização Sonora da Comunicação Humana.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 192-197.

Apêndices: f. 198-220.

1. Língua portuguesa – Análise prosódica (Linguística) – Teses. 2. Língua portuguesa – Morfologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Fonologia – Teses. I. Lee, Seung Hwa. II.

CDD : 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

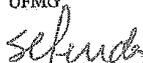
**Análise do estatuto da palavra prosódica no português brasileiro  
na interação entre constituintes prosódicos e morfológicos**

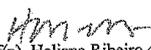
**SOFIA MARTINS MOREIRA LOPES**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha D - Organização Sonora da Comunicação Humana.

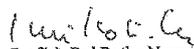
Aprovada em 25 de fevereiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Seung Hwa Lee - Orientador  
UFMG

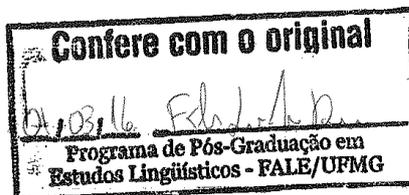
  
Prof(a). Soélis Teixeira do Prado Mendes  
UFOP

  
Prof(a). Heliana Ribeiro de Mello  
UFMG

  
Prof(a). José Suell de Magalhães  
UFU

  
Prof(a). Rui Rothe-Neves  
UFMG

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2016.



**Aos meus filhos Arthur e Otávio Augusto.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço:

a Deus, por me ter dado o dom da vida, por ser misericordioso e me dar muito mais do que eu mereço;

à minha família, marido e filhos, por entenderem os momentos de isolamento para me dedicar aos estudos;

ao meu orientador, Seung Hwa Lee, que foi sempre paciente e disponível, além de me dar muitos conselhos sobre família e filhos;

ao professor José Magalhães pela leitura cuidadosa e observações pontuais realizadas no meu texto, por ocasião da banca de qualificação;

aos funcionários e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, que sempre me atenderam com toda a presteza e profissionalismo; e

ao meu amigo Roger, que ocupou parte do seu tempo ouvindo as minhas lamúrias e fazendo a revisão cuidadosa desta tese.

*“Porque dele, por ele e para ele, são todas as coisas;  
A ele seja a glória para sempre. Amém.”  
(Romanos 11:36)*

## RESUMO

Esta tese busca explicitar o estatuto da palavra prosódica no português brasileiro (PB). Para isso, analisamos as evidências prosódicas e morfológicas implicadas nos processos de formação de palavras nessa língua, uma vez que consideramos imprescindíveis as estruturas desses processos para a caracterização da palavra prosódica. Partimos de alguns pressupostos básicos: a palavra prosódica recebe um e apenas um acento primário; e a relação entre constituintes morfológicos e constituintes prosódicos não é isomórfica. Morfológicamente, verificamos se a noção de forma livre e fatoração são critérios para a caracterização da palavra prosódica no PB. Verificamos, também, as estruturas morfológicas da prefixação, sufixação e composição, discutindo as semelhanças entre eles e também as diferenças, a fim de identificar qual deles tem características que os identificam como palavras prosódicas. Prosodicamente, demonstramos se o acento primário pode ou não ser atribuído a prefixos, sufixos e palavras compostas e as regras fonológicas a que estão sujeitos, com o intuito de identificar aqueles elementos morfológicos que devem ou não ser considerados como palavras prosódicas.

**Palavras-chave:** Palavra prosódica. Morfologia. Fonologia.

## **ABSTRACT**

This thesis seeks to explain the prosodic word status of Brazilian Portuguese (BP). It analyzes the prosodic and morphological evidence implicated in word formation process in that language, since we consider essential to analyze the structures of these processes for the characterization of prosodic word. We start from a few basic assumptions: a prosodic word gets only one primary stress; the relationship between morphological constituents and prosodic constituents is not isomorphic. Morphologically we analyze the notion of freely and factoring are criteria for the characterization of prosodic word in the PB. We also check on the morphological structures of prefixing, suffixing and composition, discussing the similarities between them and also the differences in order to identify which one has characteristics that identify them as prosodic words. Prosodically, we look as the primary stress may or may not be assigned to prefixes, suffixes and compound words and phonological rules that apply to them, in order to identify those morphological elements that should or should not be considered as prosodic words.

**Keywords:** Prosodic word. Morphology. Phonology.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.1.	Objetivos.....	22
1.1.1.	<i>Objetivo geral</i> .....	22
1.1.2.	<i>Objetivos específicos</i> .....	22
1.2.	Metodologia.....	23
1.3.	Organização da tese .....	27
2.	REVISÃO DA LITERATURA: A PALAVRA PROSÓDICA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	30
2.1.	Câmara Júnior (1967, 1969).....	37
2.2.	Nespor e Vogel (1986).....	44
2.3.	Lee (1995) .....	50
2.4.	Moreno (1997).....	58
2.5.	Schwindt (2000).....	69
2.5.1.	<i>Os prefixos composicionais (PCs)</i> .....	74
2.5.2.	<i>Os prefixos legítimos (PLs)</i> .....	77
2.6.	Vigário (2001, 2007, 2010).....	82
2.7.	Síntese do capítulo .....	94
3.	EVIDÊNCIAS MORFOLÓGICAS E PROSÓDICAS NA BUSCA DO ESTATUTO DA PALAVRA PROSÓDICA NO PB.....	96
3.1.	Evidências morfológicas na busca do estatuto da palavra prosódica no PB.....	102
3.1.1.	<i>A noção de forma livre / forma presa</i> .....	102
3.1.2.	<i>Fatoração</i> .....	105
3.1.3.	<i>Evidências morfológicas na prefixação</i> .....	110
3.1.3.1.	Perda da consciência da prefixação.....	113
3.1.3.2.	Prefixos que funcionam como afixos genuínos .....	116
3.1.3.3.	Prefixos como formas livres .....	119
3.1.4.	<i>Evidências morfológicas na composição</i> .....	124
3.1.4.1.	Compostos lexicais do tipo I.....	127
3.1.4.2.	Compostos lexicais do tipo II .....	129
3.1.4.3.	Compostos pós-lexicais.....	132
3.1.5.	<i>Evidências morfológicas na sufixação</i> .....	132
3.2.	Evidências prosódicas na busca do estatuto da palavra prosódica no PB	136
3.2.1.	<i>O acento nos prefixos</i> .....	138

3.2.1.1.	Prefixos que funcionam como palavra prosódica .....	138
3.2.1.2.	Perda da consciência da prefixação .....	143
3.2.1.4.	Prefixos genuínos.....	145
<b>3.2.2.</b>	<b><i>O acento nos compostos</i></b> .....	<b>152</b>
<b>3.2.3.</b>	<b><i>O acento nos sufixos</i></b> .....	<b>156</b>
<b>3.3.</b>	<b>Em busca do estatuto da palavra prosódica</b> .....	<b>165</b>
<b>3.4.</b>	<b>Síntese do capítulo</b> .....	<b>173</b>
<b>4.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS IMPORTANTES PARA A ANÁLISE</b> .....	<b>175</b>
<b>4.1.</b>	<b>A palavra prosódica e os clíticos no PB</b> .....	<b>175</b>
<b>4.2.</b>	<b>Os processos não concatenativos no PB e as restrições de minimalidade</b> .....	<b>179</b>
<b>4.3.</b>	<b>Síntese do capítulo</b> .....	<b>188</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>189</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>194</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>200</b>
	<b>A) LISTA DE EXEMPLOS</b> .....	<b>201</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Um conceito fundamental no estudo da língua é a noção de **constituente**. Constituintes são unidades constantes que possuem um papel na organização de um sistema. Desde que a língua seja organizada em sistemas, não é surpreendente que cada componente linguístico funcione como constituinte, como parte do sistema. Os componentes morfológicos e fonológicos, por exemplo, são subsistemas linguísticos que operam como unidades precisas do material morfológico e/ou fonológico.

Numerosos estudos têm demonstrado a necessidade da análise de um constituinte prosódico maior do que a sílaba (ou pé), porém menor do que a frase fonológica: a **palavra prosódica**,<sup>1</sup> muitas vezes nomeada como **palavra fonológica**.

O intuito desta pesquisa é analisar o estatuto da palavra prosódica no português brasileiro (doravante PB), levando em consideração a interface Morfologia-Fonologia, imprescindível na análise de tal constituinte.

Para isso, será necessário verificar como os estudos linguísticos trataram esse constituinte até então e evidenciar a importância do componente morfológico para esclarecer as suas especificidades.

Nosso interesse pelo tema foi aguçado pelas indagações teóricas apresentadas na pesquisa que originou uma dissertação de mestrado (MOREIRA, 2003), em que priorizamos o estudo da prefixação.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, palavra prosódica e palavra fonológica serão usadas como expressões sinônimas.

No referido trabalho, analisamos o estatuto do prefixo no PB, na interface Morfologia-Fonologia, num modelo baseado na subcategorização dos domínios prosódicos e morfológicos, utilizando as teorias da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982, 1985), da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986) e da Fonologia Lexical Prosódica (INKELAS, 1989; 1993; LEE, 1995).

À luz dessas teorias, desenhamos, naquela ocasião, uma proposta de organização do léxico do português brasileiro, motivada pela falta de isomorfia entre os constituintes prosódicos e morfológicos. Tal organização não utilizou o *loop* ou alçamento por considerá-lo uma solução *ad hoc* e justificou a inserção dos prefixos em níveis ordenados por meio da subcategorização dos domínios morfológicos e fonológicos.

No referido estudo, nossa análise apresentou resultados que identificaram a existência de três situações diferentes para os prefixos no PB:

- i. existem prefixos que, sincronicamente, deixaram de existir, devido à perda da consciência da prefixação pelo falante.

Assim sendo, nesses casos devem ser considerados como um vocábulo fonológico único;<sup>2</sup> ou seja, não possuem estrutura interna. Logo, devem ser descritos como uma palavra fonológica e uma palavra morfológica: < \_\_\_\_ > <sub>ma</sub>  
 - > [ \_\_\_\_\_ ] <sub>pa</sub>

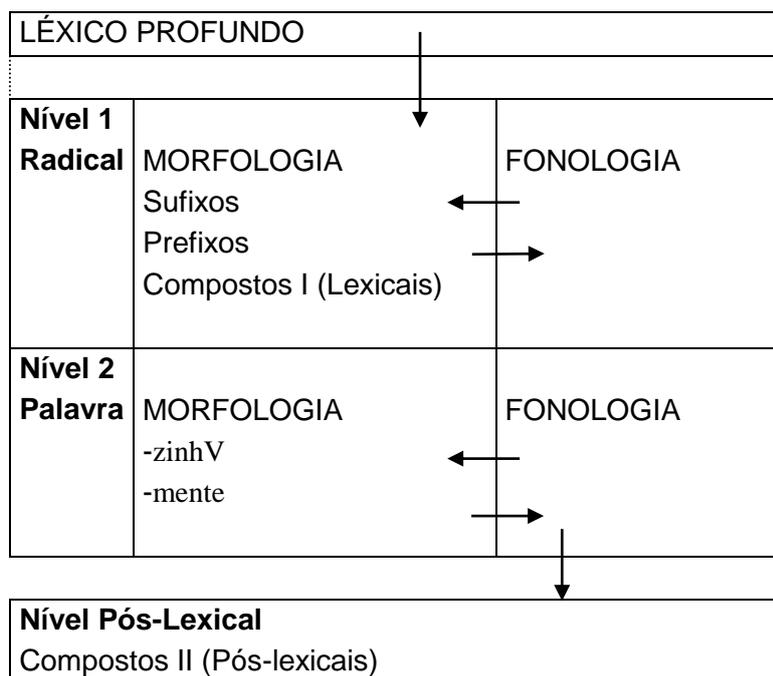
(1) inspirar → < inspirar > <sub>ma</sub> - > [ inspirar ] <sub>pa</sub>

---

<sup>2</sup> A expressão “vocábulo fonológico único”, usado na referida dissertação, é sinônima de “palavra prosódica única”, que será usada nesta tese.



(4)



No nível 1, o nível do radical, entram os prefixos genuínos, ou seja, aqueles que funcionam como afixos legítimos que só aparecem unidos a uma base. Eles se encontram em formações como:

(5) amoral, adjunto, co-autor, desaconselhar, inábil, reanimar

A divisão entre compostos I e II é baseada na análise de Lee (1995). Conforme Lee, os compostos I pertencem ao nível 1, o nível do radical. Quando se unem a uma base, passam ao nível 2, onde sofrem as regras fonológicas daquele nível, como, por exemplo, a neutralização da átona final. São os chamados compostos lexicais ou compostos fonológicos. Eles se comportam como palavra morfológica única e não admitem derivação no primeiro constituinte, como no exemplo:

(6) rádio-táxis

Os compostos II são chamados pós-lexicais. Eles se formam na Sintaxe, permitem flexão interna, admitem derivação no primeiro constituinte e mantêm a concordância entre seus componentes, conforme o exemplo:

(7) boias-frias

Todas os prefixos que funcionam como vocábulos fonológicos independentes (Grupo 2) são considerados como compostos fonológicos, ou seja, entram no nível I como uma palavra morfológica e descem ao nível 2 como duas palavras fonológicas.

(8) **pós**-graduação, **tri**-campeão

As conclusões a que chegamos na pesquisa de mestrado deixaram alguns questionamentos que motivaram a elaboração desta tese. O estudo da prefixação ou de qualquer processo derivacional na interface Morfologia-Fonologia aponta para a necessidade de definir os padrões da palavra prosódica no PB, bem como os processos fonológicos que regem a formação de palavras nessa língua.

Considerando as três situações apresentadas sobre os prefixos do PB na referida dissertação, verificamos que é imprescindível analisar o que, então, devemos considerar como palavra prosódica no PB e de que modo ela se

diferencia da palavra morfológica, não somente na prefixação, mas também em outros processos de formação de palavras.

Analisar o estatuto da palavra prosódica no PB é um trabalho bastante complexo, ao se considerarem os vários tipos de estruturas internas das palavras nessa língua: são diferentes tamanhos, formações, padrões acentuais, como podemos observar nos exemplos a seguir:

- (9) (a) só, mês, por, táxi, casa, lanterna, pássaro  
 (b) desonesto, insatisfeito, cozinheiro, lealdade  
 (c) couve-flor, guarda-roupa  
 (d) planalto, floricultura  
 (e) primeiro-ministro  
 (f) chafé, portunhol  
 (g) neura, refri  
 (h) pré-avaliação, pós-graduação  
 (i) chapeuzinho, felizmente  
 (j) come e bebe, pensa-se, doce de leite

Em 9(a), há palavras com estrutura interna simples, consideradas palavra primitivas, com uma ou mais sílabas e marcação acentual em diferentes posições.

As palavras apresentadas em 9(b) são derivadas, formadas por processo de derivação não complexos: derivação prefixal (desonesto, insatisfeito) e derivação sufixal (cozinheiro, lealdade). Comparando os dois tipos de derivação, já podemos verificar a diferença na adjunção de prefixos e sufixos

no que diz respeito, por exemplo, à atribuição de acento. Em desonesto e insatisfeito a prefixação não altera a posição do acento na palavra-base. Já em cozinheiro e lealdade, o acento principal muda de lugar, em relação a sua posição na palavra base, sendo deslocado para o sufixo:

(10) cozinha → cozinheiro

leal → lealdade

Os exemplos de 9(c) são casos de composição, em que há a junção de duas palavras para formar uma terceira. Já em 9(d), trata-se também de casos de composição, com o encadeamento de dois elementos formadores. Entretanto, na junção desses elementos, pode ocorrer a perda de um material fônico (plano + alto = planalto) ou o acréscimo (flor + cultura = floricultura). O que observamos em ambos os exemplos é que a composição preserva a ordem linear dos elementos formadores, de modo que a segunda palavra se inicia exatamente no ponto em que a primeira termina.

Em 9(e), temos também um caso de composição, no entanto ele se diferencia das formações 9(c) e 9(d), uma vez que admitem flexão entre seus elementos formados (primeiros-ministros). Em 9(c) e 9(d), a flexão é admitida somente no final do segundo elemento (guarda-roupas, planaltos). Lee (1995), ao analisar os compostos do PB, considera tal distinção e classifica composições semelhantes aos exemplos 9(c) e 9(d) como compostos lexicais, porque se comportam como uma unidade em relação a processos morfossintáticos. Já formações como 9(e) são chamadas pelo autor de compostos pós-lexicais, pelo fato de serem sintaticamente transparentes, ou seja, admitirem flexão,

derivação e concordância entre seus constituintes. A análise de Lee será explicitada no capítulo 2.

Temos, em 9(f), palavras formadas por um processo de formação de palavras não linear, que consiste na fusão de duas bases: chafé (chá + café) e portunhol (português + espanhol). Nesse processo, chamado por alguns autores de “*blend*” (MARTINI, 2010; BAT-EL, 1996) ou “cruzamento vocabular” (GONÇALVES, 2006; SILVEIRA, 2002), apesar de duas palavras servirem de *input* para formação de uma terceira, como na composição, diferem-se de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases, e não pelo encadeamento. A sucessão linear estrita não é preservada no *blend*, já que as bases são realmente fundidas, havendo, em decorrência, perda de material fônico não justificável por processos fonológicos segmentais.

As palavras em 9(g) foram constituídas por um processo de formação de palavras em que ocorre supressão de segmentos fônicos da palavra derivante e conseqüente inserção de uma vogal à direita dos elementos copiados. Nesse processo, as formações resultantes não apresentam mudança de sentido. Trata-se de um fenômeno de redução somente.

Em 9(h), encontramos exemplos de formações que, conforme a tradição gramatical, seriam consideradas como casos de derivação prefixal. Porém, tendo em vista o fato de possuírem prefixos acentuados (pré- e pós-), apresentam comportamento semelhante ao dos compostos lexicais (LEE, 1995; MOREIRA, 2003). Logo, tais palavras são distintas de formações como em (1b), que possuem prefixos inacentuados (desonesto, insatisfeito). Formações com prefixos acentuados, uma vez que contêm dois elementos formadores possuidores de acento, são consideradas como compostos fonológicos (cf.

LEE, 1995; SCHWINDT, 2000; MOREIRA, 2003), isso porque possuem mais de um acento primário, o que aponta para a existência de duas palavras prosódicas.

De forma semelhante, as formações em 9(i), tradicionalmente apontadas como palavras formadas por derivação sufixal (felizmente, chapeuzinho), pelo fato de possuírem sufixos acentuados (-mente, -zinho), também são atualmente consideradas como compostos fonológicos (LEE, 1995). No entanto, a distribuição do acento nessas formações se diferencia daquele das palavras com prefixos acentuados. Isso será esclarecido e discutido nas seções posteriores.

Em 9(j), os elementos sublinhados (respectivamente, conjunção, pronome e preposição) são chamados de clíticos. Como podemos verificar nos exemplos, os clíticos apoiam-se nas palavras adjacentes, uma vez que não possuem acento próprio. No entanto, de acordo com Bisol (2000, 2005a), o clítico se anexa a uma palavra prosódica pronta, mas sem a integrar. O fato de o clítico se adjungir a uma palavra prosódica não o iguala a um afixo, uma vez que possui comportamento distinto na maioria das vezes: afixos se juntam a uma palavra base e formam com ela uma palavra morfológica e uma palavra prosódica. O clítico, mesmo se juntando a uma palavra, mantém sua independência em relação a ela. Prova disso, conforme afirma Bisol, é que os clíticos figuram como contextos independentes na aplicação de regras fonológicas (do menino --> du mininu).

Na análise preliminar dos exemplos supramencionados (9a-j), notamos a complexidade da análise do estatuto da palavra prosódica no PB, tendo em vista sua evidente relação, na maioria das vezes não isomórfica, com o

componente morfológico nos diferentes tipos de formação de palavras existentes nessa língua.

Para desenvolvermos um estudo minucioso da palavra prosódica no PB, partiremos dos seguintes pressupostos:

- i. Uma palavra prosódica possui somente um acento primário (cf. NESPOR e VOGEL, 1986).
- ii. Os componentes morfológicos e fonológicos interagem para a constituição da palavra prosódica (cf. NESPOR e VOGEL, 1986).
- iii. A palavra prosódica e a palavra morfológica nem sempre são coincidentes nas formações do PB (cf. CÂMARA JÚNIOR, 1967; LEE, 1995).

À luz desses pressupostos, sintetizamos, no quadro a seguir, os exemplos discutidos em 9 (a-j), a fim de observarmos quantas palavras prosódicas estão contidas em cada formação.

(11)

<b>PALAVRA MORFOLÓGICA</b>	<b>ACENTO</b>	<b>PALAVRA PROSÓDICA</b>
só, mês, por, táxi, casa, lanterna, pássaro	1	1
desonesto, insatisfeito, cozinheiro, lealdade	1	1
couve-flor, guarda-roupa	2	2
planalto, floricultura	1	1
primeiro-ministro	2	2
chafé, portunhol	1	1
neura, refri	1	1
pré-avaliação, pós-graduação	2	2
chapeuzinho, felizmente	2	2

O quadro mostra que o número de acentos está diretamente ligado ao número de palavras prosódicas contidas na formação, uma vez que, como vimos, cada palavra prosódica pode receber somente um acento. Podemos observar, também, a não isomorfia entre palavra prosódica e palavra morfológica no PB, já que podemos ter mais de uma palavra prosódica dentro de uma mesma palavra morfológica. O exemplo (1j) não foi incluído no quadro porque não podemos afirmar que a união de clítico com palavra se configure em uma palavra prosódica, assim como ocorre com afixos. Apesar de ele não receber acento, ele tem uma certa independência. Trataremos especificamente dos clíticos no capítulo 4.

Será necessário, então, verificarmos como se dá a relação entre palavra prosódica e palavra morfológica nas formações de palavras no PB, para uma análise mais precisa do constituinte palavra prosódica nessa língua.

A discussão dos exemplos supramencionados suscitou os seguintes questionamentos:

- i. Qual é o estatuto da palavra prosódica no PB, tendo em vista a interação Morfologia-Fonologia?
- ii. Quais critérios devem ser considerados para caracterizar a palavra prosódica no PB?
- iii. Quais as contribuições do componente morfológico para a análise do estatuto da palavra prosódica no PB?
- iv. Prefixos, sufixos e compostos podem ser considerados como palavras prosódicas no PB?
- v. A que regras fonológicas a palavra prosódica está sujeita no PB?

- vi. Quais são os limites de uma palavra prosódica?
- vii. Qual o tamanho mínimo de uma palavra prosódica no PB?
- viii. O que considerar como forma livre no PB, tendo em vista as relações entre palavra morfológica e palavra prosódica?
- ix. Os clíticos devem ser considerados palavras prosódicas no PB?

A partir dessas indagações, este trabalho de pesquisa perseguirá os seguintes objetivos:

## **1.1. Objetivos**

### *1.1.1. Objetivo geral*

O objetivo geral é analisar o estatuto da palavra prosódica no português brasileiro, tendo em vista a interação entre os componentes morfológico e fonológico, a fim de evidenciar a suma importância de se analisar os processos de formação de palavras para a caracterização da palavra prosódica.

### *1.1.2. Objetivos específicos*

Para a persecução do objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- i. Rever o estatuto da palavra prosódica no PB, levando em conta as contribuições trazidas pelas análises anteriores.

- ii. Verificar como se dá a interação entre palavra morfológica e palavra prosódica nos diferentes processos de formação de palavras no PB;
- iii. Apresentar as evidências fonológicas e morfológicas na constituição da palavra prosódica no PB;
- iv. Verificar se os clíticos podem ser considerados como palavras prosódicas no PB;
- v. Verificar se a palavra prosódica no PB é domínio de restrições de minimalidade.
- vi. Demonstrar quais elementos morfológicos devem ser considerados palavras prosódicas no PB.

## 1.2. Metodologia

Conforme já mencionado nesta introdução, o interesse pelo tema investigado nesta tese partiu das indagações teóricas apresentadas na nossa pesquisa da dissertação de mestrado (MOREIRA, 2003), que teve como objetivo geral o estudo da prefixação no PB na interface Morfologia-Fonologia.

Ao avaliar a estrutura morfológica e prosódica dos prefixos, verificamos na referida análise que existiam três tipos distintos de prefixos no PB e que um deles poderia ser considerado como palavra prosódica, pelo fato de receber acento primário. Naquele trabalho, verificamos que esses prefixos, tais como *pré*, *pós* e *super*, apesar de não serem considerados morfológicamente palavras, prosodicamente tinham autonomia vocabular, o que comprova que palavra morfológica e palavra prosódica no PB nem sempre são coincidentes. Logo, percebemos a necessidade de avaliar outros processos de formação de

palavras, além da prefixação, no intuito de investigar o funcionamento da palavra prosódica nas demais formações do PB, tendo em conta a falta de isomorfia entre componentes morfológicos e prosódicos.

Diante de tais considerações, nossa pesquisa atual partiu da seguinte **pergunta-problema: qual é o estatuto da palavra prosódica no PB, tendo em vista a interação Morfologia-Fonologia?**

Para responder a tal questão, levantamos a **hipótese** de que, **para uma análise precisa do estatuto da palavra prosódica no PB, é imprescindível avaliar as evidências prosódicas e morfológicas desse constituinte nos processos de formação de palavras nessa língua.**

A hipótese deste trabalho surgiu das quatro principais fontes de formulação de hipótese apontadas por Gil (2002, p. 35 et seq.), importante referência em metodologia científica: i) observação, ii) resultados de outras pesquisas, iii) teorias e iv) intuição. Isso ficará mais claro a seguir.

A fim de verificar tal hipótese e cumprir os objetivos propostos, partimos de alguns **pressupostos teóricos**, os quais já foram apresentados nesta introdução:

- i. **Uma palavra prosódica possui somente um acento primário (cf. NESPOR e VOGEL, 1986).**
- ii. **Os componentes morfológicos e fonológicos interagem para a constituição da palavra prosódica (cf. NESPOR e VOGEL, 1986).**
- iii. **A palavra prosódica e a palavra morfológica nem sempre são coincidentes nas formações do PB (cf. CÂMARA JÚNIOR, 1967; LEE, 1995).**

Além dos pressupostos mencionados, nossa análise será norteadada, principalmente, pela abordagem realizada por Lee (1995), que, ao estudar a Morfologia e Fonologia, considera tais pressupostos, além de fornecer conceitos e exemplos importantes para o propósito da nossa pesquisa.

Para conduzir nossa análise, partiremos do trabalho realizado na pesquisa de mestrado (MOREIRA, 2003). Iniciaremos a discussão fazendo um resgate histórico do estudo da palavra até chegar ao trabalho de Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1967, 1969), que foi o primeiro a abordar a palavra prosódica no português. Em seguida, ampliaremos tal discussão, tendo como fio condutor o trabalho de Lee (1995), no entanto sem deixar de considerar as contribuições de trabalhos relevantes para os estudos morfofonológicos, tais como Nespor e Vogel (1986), Moreno (1997), Schwindt (2000) e Vigário (2001, 2007, 2010). O propósito de discutir esses trabalhos é, além de mostrar o que de importante trouxeram para a análise da palavra prosódica, promover uma análise crítica, mostrando as lacunas deixadas e em que medida nosso trabalho poderá contribuir para preencher tais lacunas e/ou apresentar um enfoque distinto.

As propostas citadas de Vigário, sobretudo Vigário (2001), são as que tratam diretamente da palavra prosódica do português. Todavia, a autora aborda especificamente o português europeu. Além disso, o enfoque de sua pesquisa é muito diverso daquilo a que nos propusemos nesta tese. A principal preocupação da autora é mostrar em que domínio da hierarquia prosódica a palavra prosódica pode ser inserida, o que não é o propósito de nossa abordagem. Preocupação idêntica foi encontrada no trabalho de Toneli (2014),

que também se dedicou à análise da palavra prosódica no PB, em comparação com o português europeu, utilizando como quadro teórico os trabalhos de Vigário mencionados acima.

Consideramos que nossa proposta é inovadora, porque se dedica a um viés totalmente distinto dos estudos já realizados. É também mais eficiente, porque faz uma caracterização mais detalhada da palavra prosódica propriamente dita, sem se deter na análise de outros constituintes. Além disso, evidencia as contribuições da Morfologia, o que, até então, não foi destacado nos trabalhos anteriores, que priorizaram, sobretudo, a análise prosódica desse constituinte.

Utilizamos dados do Português Brasileiro, enfatizando aqueles que ilustram e/ou confirmam as generalizações e descrições. Os exemplos foram, sobretudo, palavras e morfemas da língua, com o intuito de fazer uma caracterização exaustiva do que podemos ou não considerar como palavra prosódica no PB. Tal procedimento aproxima-se do que Chomsky chama de “adequação descritiva”:

A gramática de uma língua particular satisfaz a condição de adequação descritiva na medida em que oferece uma descrição completa e minuciosa das **propriedades da língua**, ou seja, daquilo que o falante dessa língua sabe (CHOMSKY, 1997, p. 5, grifo nosso).

Desse modo, podemos afirmar que a nossa pesquisa tem caráter descritivo-explicativo.

É descritiva porque buscamos caracterizar a palavra prosódica de forma mais detalhada possível, estabelecendo relações entre as variáveis, assim como define Gil:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a **descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis**. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a **observação sistemática**. (GIL, 2002, p. 41, grifo nosso)

É explicativa porque justifica essa relação entre as variáveis, no sentido de determinar os fatores que singularizam e/ou especificam a palavra prosódica. A pesquisa explicativa tem essa função de justificar o motivo pelo qual o objeto é de uma forma e não de outra:

Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque **explica a razão, o porquê das coisas**. Por isso mesmo, é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (GIL, 2002, p. 41)

Consideramos que os procedimentos metodológicos utilizados foram suficientes para atingirmos os objetivos propostos e respondermos adequadamente aos questionamentos levantados.

### **1.3. Organização da tese**

A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho foi organizado da seguinte forma.

No segundo capítulo, apresentaremos a revisão da literatura, apresentando análises anteriores que se relacionam ao tema proposto, a fim de verificar as contribuições que trouxeram, assim como as lacunas apresentadas. Ainda nesse capítulo, mostraremos que, das análises apresentadas, a que servirá de embasamento teórico para esta tese é a proposta de Lee (1995).

No terceiro capítulo, discutiremos as evidências morfológicas e prosódicas implicadas nos processos de prefixação, sufixação e composição, com o intuito de buscar uma caracterização da palavra prosódica no PB e mostrar quais os elementos morfológicos devem ser considerados palavras prosódicas em nossa língua. Nesse capítulo, buscaremos, também, reforçar a argumentação de que a estrutura morfológica deve ser considerada na verificação do estatuto da palavra prosódica. Por fim, demonstraremos quais são as características da palavra prosódica no PB, mediante a interação entre constituintes morfológicos e prosódicos, e quais critérios devem ser levados em conta em sua identificação.

No quarto capítulo, desenvolveremos algumas discussões acerca das evidências morfológicas e prosódicas dos clíticos para demonstrar que eles não devem ser considerados como palavras prosódicas no PB. Verificaremos, também, a estrutura morfológica e prosódica dos processos de formação de palavras não lineares para demonstrar que a maioria das formações resultantes desses processos constituem apenas uma palavra prosódica. Ao final do capítulo, utilizaremos exemplos de palavras formadas por esses processos, juntamente com o parecer de autores como Bisol (2000), para argumentar a favor de que a palavra prosódica no PB não possui a síndrome da palavra mínima.

No quinto capítulo, apresentaremos as considerações finais desta pesquisa. Mostraremos, em síntese, o que foi discutido em cada capítulo, a relevância das inovações deste trabalho.

Nos Anexos, reuniremos todos os exemplos que serão analisados no corpo do texto, de modo a facilitar a consulta por parte do leitor.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA: A PALAVRA PROSÓDICA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

A noção de palavra foi discutida em vários momentos da história da Linguística e continua sendo debatida até hoje. Nos estudos tradicionais, a palavra sempre ocupou o centro da gramática.

Tal perspectiva tem origem nos estudos filosóficos greco-latinos e se define pela preocupação tanto com a relação entre a lógica e a linguagem quanto com a descrição e fixação de paradigmas e com as questões de regularidades e irregularidades da língua.

Surgem, a partir desse momento histórico, questionamentos importantes acerca do proposto neste trabalho: que unidades deverão ser consideradas palavras? A partir de quais critérios? Como definir e justificar os limites da palavra?

A Linguística saussuriana, no início do século XX, impõe-se como uma forte adversária da vertente de estudos histórico-comparativos que domina o século anterior. Para Saussure (1916), a língua é um sistema, e, para compreender o valor de uma unidade linguística, é preciso analisá-la em um determinado momento, dentro dos limites de uma comunidade linguística, ou seja, em uma perspectiva sincrônica.

Segundo Saussure, a comunicação entre os falantes de uma comunidade se dá por meio da capacidade que eles têm de relacionar sequências sonoras a significados. A unidade mínima de som (significante) e sentido (significado) que representa tal comunicação é o signo lingüístico, e não propriamente a palavra, tal como concebida nos estudos anteriores.

Os dois elementos – significante e significado – que constituem o signo, na perspectiva saussuriana, são interdependentes e inseparáveis, pois sem significante não há significado e sem significado não existe significante. Nesse sentido, diríamos que, quando um falante do português recebe a impressão psíquica que lhe é transmitida pela imagem acústica ou significante / *kaza* /, graças à qual se manifesta fonicamente o signo *casa*, essa imagem acústica, de imediato, evoca-lhe psiquicamente a ideia de abrigo, de lugar para viver, estudar, fazer suas refeições, descansar, etc. Figurativamente, diríamos que o falante associa o significante / *kaza* / ao significado *domus* (tomando-se o termo latino como ponto de referência para o conceito).

Quanto ao princípio da arbitrariedade, Saussure esclarece que arbitrário

[...] não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, [porque] não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo lingüístico; queremos dizer que o *significante é imotivado*, isto é, *arbitrário em relação ao significado*, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (op. cit., p. 83, grifo nosso)

Desse modo, compreendemos por que Saussure afirma que a ideia (ou conceito ou significado) de mar não tem nenhuma relação necessária e “interior” com a sequência de sons ou a imagem acústica ou o significante / *mar* /. Em outras palavras, o significado *mar* poderia ser representado perfeitamente por qualquer outro significante. E Saussure argumenta, para provar seu ponto de vista, com as diferenças entre as línguas. Tanto é assim que a ideia de mar é representada, em inglês, pelo significante *sea* /*si* / e, em francês, por *mer* /*mér*/.

Apesar de haver postulado que o signo linguístico é, em sua origem, arbitrário, Saussure não deixa de reconhecer a possibilidade de existência de certos graus de motivação entre significante e significado. Em coerência com seu ponto de vista dicotômico, propõe a existência de um “arbitrário absoluto” e de um “arbitrário relativo”.

Como exemplo de arbitrário absoluto, o autor cita os números dez e nove, tomados individualmente, e nos quais a relação entre o significante e o significado seria totalmente arbitrária, isto é, essa relação não é necessária, é imotivada. Já na combinação de dez com nove para formar um terceiro signo, a dezena *dezenove*, Saussure acha que a arbitrariedade absoluta original dos dois numerais se apresenta relativamente atenuada, dando lugar àquilo que ele classificou como arbitrariedade relativa, porque, do conhecimento da significação das partes, podemos chegar à significação do todo.

O mesmo acontece no par *pera* / *pereira*, em que *pera*, enquanto palavra primitiva, serviria como exemplo de arbitrário absoluto (signo imotivado). Por sua vez, *pereira*, forma derivada de *pera*, seria um caso de arbitrário relativo (signo motivado), devido à relação sintagmática *pera* (morfema lexical) + *-eira* (morfema sufixal, com a noção de “árvore”) e à relação paradigmática estabelecida a partir da associação de *pereira* a *laranjeira*, *bananeira*, etc., uma vez que é conhecida a significação dos elementos formadores.

Em artigo dedicado aos conceitos básicos da Morfologia e da formação de palavras, McCarthy (2004) argumenta que, embora uma concepção de Morfologia baseada em morfemas possa, de fato, ser encontrada na obra de Saussure, predomina a concepção de signo como equivalente não ao

morfema, mas sim à palavra. Podemos observar isso na discussão a respeito da arbitrariedade do signo.

Todavia, após a publicação da obra fundadora de Saussure, despertou-se uma grande ênfase em trabalhos de campo com línguas africanas e americanas, que contribuíram para o desenvolvimento de teorias morfológicas baseadas na noção de morfema, definida como unidade mínima significativa.

Se o signo linguístico permanece no centro da proposta saussuriana, para a vertente americana do Estruturalismo o morfema é o elemento central.

Nesse contexto, é importante mencionar o trabalho de Bloomfield (1933) e de seus seguidores e, no Brasil, de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1967; 1970; 1971). Para esses autores, a Morfologia é vista como o estudo da estrutura interna de uma palavra, ou seja, da forma como os morfemas se organizam – para constituir as palavras.

De acordo com Bloomfield (1933, p. 162), “o estoque total de morfemas numa língua é seu léxico”. Nesse sentido, toda estrutura linguística (forma de palavra, sintagma, oração) é tratada como resultado da aglutinação de morfemas em camadas sucessivas de constituintes imediatos, o que torna indefinida a fronteira entre Morfologia e Sintaxe, e a palavra passa a ocupar o segundo plano.

Conforme essa concepção, a palavra passa a ser considerada uma unidade problemática, a não ser na escrita. “Pela substituição, um dos eixos da análise estrutural, podia-se ir do morfema para o enunciado, tornando a palavra uma unidade, se não desnecessária, de forma alguma um primitivo” (ROSA, 2002, p. 39).

Na obra “Um conjunto de postulados para a ciência da Linguagem”, Bloomfield (1978) propõe uma definição de palavra de cunho puramente distribucional. De acordo com o autor, uma *forma* é um traço vocal recorrente que tem significado, e todo enunciado é inteiramente constituído de formas.

Dentro desse quadro, define-se a palavra por meio das seguintes afirmações:

- i. Um X mínimo é um X que não consiste inteiramente de Xs menores;
- ii. Uma forma que pode ser um enunciado é livre.
- iii. Uma forma que não é livre é presa; e
- iv. Uma forma livre mínima é uma palavra.

Para Bloomfield, uma palavra é, portanto, uma forma que pode ser enunciada sozinha (com significado), mas não pode ser analisada em partes que podem (todas elas) ser enunciadas sozinhas (com significado).

Em sua tarefa de descrição de línguas indígenas, o estruturalismo americano vai operar com a identificação de morfemas (um átomo de som e significado) por meio da análise comparativa, buscando estabelecer essas unidades irreduzíveis, sua ordenação linear e os padrões que regem sua combinação.

A metodologia de análise por eles utilizada consiste em observar grupos de palavras que apresentam uma oposição parcial, tanto na expressão como

no conteúdo (teste de comutação ou substituição). Assim, vejamos as palavras do Asteca de Tecelcingo (México):<sup>4</sup>

(12)

1. nikwika	“eu canto”
2. tikwika	“você canta”
3. nikonis	“eu vou beber”
4. tikwikas	“você vai cantar”

Podemos depreender morfemas dessas palavras, como { ni-}: 1p.sg; {ti-} 2p.sg.; {kwika}: cantar; {koni}: beber, {-s}: futuro. Tal modelo ficou conhecido como Item-e- Arranjo. Sob a égide do Estruturalismo, o morfema, definido como unidade básica de comunicação, ou seja, como unidade mínima de significante e significado, torna-se, portanto, a categoria básica da Morfologia e também da Sintaxe.

Podemos perceber que tal definição não considera a estrutura sonora da palavra especificamente. E também não explica de maneira satisfatória as palavras derivadas e compostas, o que, para o estudo do conceito de palavra, é superficial, uma vez que a estrutura e as características da palavra, nessa abordagem, não são analisadas. De outro modo, ela é considerada tão somente com um dos elementos da frase/enunciado.

Tomando alguns dos exemplos citados na introdução deste trabalho (como o exemplo 1), a análise de Bloomfield nos levar a considerar, erroneamente, que palavras tais como *mês*, *táxi*, *pássaro*, *desonesto*, *lealdade*, *cérva* e *chapeuzinho* possuem a mesma estrutura; e que palavras compostas por duas bases justapostas, como *couve-flor* e *guarda-roupa*, serão analisadas

---

<sup>4</sup> Esses exemplos foram encontrados em Rosa (2002, p. 78).

como duas palavras distintas, no nível da Sintaxe, quando, na verdade, formam uma palavra morfológica única.

De outro modo, Saussure problematiza os métodos correntes de delimitação:

[...] basta pensar na palavra cheval ('cavalo') e em seu plural chevaux. Diz-se correntemente que são duas formas da mesma palavra; todavia, tomadas na sua totalidade, são duas coisas bem diferentes, tanto pelo sentido como pelos sons. (1916, p. 122)

Saussure prossegue dizendo que a tentativa de equiparar unidades concretas a palavras nos leva a um dilema, o de ignorar a relação evidente que une, por exemplo, cheval a chevaux e dizer que são palavras diferentes; ou então, estabelecer uma abstração que reúne as formas de uma palavra.

Percebemos, portanto, que, enquanto Bloomfield identifica palavras por seu papel na estrutura do enunciado, Saussure (1916, p.123) se preocupa em identificar palavras no sistema de valores mental, o que não traz também análise consistente para o aprofundamento do conceito de palavra. Os dois conceitos refletem dois pontos de enfoque do estruturalismo: a estrutura do enunciado e a estrutura do sistema linguístico.

Logo, podemos verificar que as tentativas de descrição e definição de palavra até aqui apresentadas não tomam a discussão da palavra na corrente da fala; nem mesmo sua estrutura morfológica foi analisada de maneira específica e satisfatória. Características importantes, como o acento, as regras fonológicas a que estão sujeitas, entre outros, não foram abordadas nas referidas teorias.

É possível verificar uma discussão a esse respeito a partir das análises de Joaquim Mattoso Câmara Jr. O autor levantou importantes discussões a respeito do conceito de palavra, que impulsionaram os estudos a respeito das questões fonológicas. O autor, ao fazer a descrição do sistema fonológico do português, já sinaliza a necessidade de fazer a distinção entre palavra morfológica e palavra fonológica.

## 2.1. Câmara Júnior (1967, 1969)

Em *Princípios de Linguística Geral*, Câmara Jr. (1967) critica o conceito de palavra formulado até então pelos estruturalistas:

Esta falta corriqueira de coincidência entre o elemento na fonação e o elemento na fala tem levado alguns lingüistas a negarem que o vocábulo significativo, ou vocábulo propriamente dito, seja entidade natural lingüística. Tendem a considerá-lo qualquer coisa de convencional, imposto à nossa consciência pelas formalidades do ensino e da língua escrita. O elemento significativo seria, a rigor, exclusivamente a própria frase. (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 86)

O autor nega a adequação dessa proposta, segundo a qual apenas o vocábulo é puramente um elemento da língua. Afirma, ao contrário, que é exatamente a falta de coincidência entre o vocábulo fonético e o vocábulo como elemento significativo que possibilita a aceitação da realidade linguística do vocábulo:

[...] relacionam-se entre si os elementos idênticos existentes em múltiplas frases, e desta comparação emerge o modelo mental chamado vocábulo, com individualidade ao mesmo tempo significativa e formal. Em outros termos, a noção do vocábulo assenta na identificação parcial que se faz dentro da diferença global das frases. (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 87)

Em “Problemas de Linguística Descritiva”, Câmara Jr. (1969) introduz uma importante distinção que muito interessa a nosso trabalho. Segundo o autor, é necessário fazer a distinção entre duas unidades diferentes sob o mesmo nome: o vocábulo fonológico, correspondente a uma “divisão espontânea na cadeia de emissão vocal”, e o vocábulo formal ou mórfico, “quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua”, fazendo a colocação de que, embora relacionadas, essas entidades podem não coincidir (CÂMARA JÚNIOR, 1969, p. 34). Essas afirmações vão ao encontro dos pressupostos iniciais que firmamos nesta tese: para analisar o estatuto da palavra prosódica no PB, é necessário considerar a interação entre componentes morfológicos e prosódicos, bem como a falta de isomorfia entre eles. Temos, por exemplo, o caso das formações com prefixos acentuados, conforme mencionamos no capítulo 1:

(13) pré-avaliação, pós-graduação

Esses exemplos mostram justamente a falta de coincidência discutida por Câmara Jr.: a estrutura morfológica é formada por um morfema e uma palavra base, que resultam em somente uma palavra morfológica; ao passo que, prosodicamente, prefixo e palavra são acentuados e, por isso, consistem em duas palavras prosódicas. Uma análise detalhada desse assunto será realizada no capítulo 3.

Nesse contexto, ao caracterizar o vocábulo fonológico, o autor introduz o conceito de “acento”. “Em português, o vocábulo fonológico depende da força de emissão das suas sílabas. Essa força é o que se chama de <<acento>>.” (op. cit., p. 35). O autor usa a pauta prosódica como critério de identificação de vocábulo fonológico. São atribuídos 3 para acento máximo, 2 para acento médio, 1 para a sílaba pretônica e 0 para as sílabas átonas. O vocábulo isolado, quando houver, será identificado com o acento 3, como no exemplo (a). Se ocorrer um sintagma constituído de um ou mais vocábulos, esse será identificado pelo acento 3 no vocábulo mais à direita e acentos 2 nos vocábulos precedentes, como em (b). Vejamos essa representação:

(14)

(a) habilidade	celebridade
a.bi.li.da.de	ce.le.bri.da.de
1 1 1 3 0	1 1 1 3 0
(b) hábil idade	célebre idade
a.bi.li.da.de	ce.le.bri.da.de
2 0 1 3 0	2 0 0 3 0

(op. cit. p. 36)

É possível, pois, reconhecer a individualidade prosódica de cada um dos vocábulos, na distinção entre acentos 2 e 3. Como já afirmamos, a maioria dos autores, entre eles, Nespor e Vogel (1986), Lee (1995, 1997), Schwindt (2000), consideram, conforme Câmara Jr., o acento como característica fundamental para caracterização da palavra prosódica. Nesta tese, usaremos as propostas de Lee (1995, 1997, 2002) para empreender uma análise do acento primário e

do acento secundário nas formações prefixais, sufixais e compostas do PB, o que será discutido no capítulo 3.

Segundo Bisol (2004), ao realizar essa análise, Câmara Jr. apresenta a distinção de palavra morfológica e palavra fonológica no PB. A palavra morfológica compreenderia palavras pertencentes a classes abertas, palavras lexicais, como o nome, o adjetivo e o verbo; já as palavras funcionais pertenceriam a classes fechadas, a exemplo das preposições e conjunções. A palavra fonológica, por sua vez, seria aquela que possui acento. Aquelas que não possuem acento são os clíticos.

No intuito de esclarecer as possíveis adjunções das palavras, o autor formula a distinção entre três formas básicas da palavra, em adição à proposta bloomfieldiana:

Chegamos assim a 3 tipos de formas: 1) forma presa, que só aparece ligada a outra e por ela condicionada; 2) forma dependente, que nunca aparece isolada, mas pode aparecer ligada a outra que não é aquela que a condiciona, quando entre ela e a sua condicionante se intercalam livremente outras formas; 3) forma livre, que aparece não raro isolada. (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 88)

A primeira é a colocação de Bloomfield de que a palavra, ao contrário dos afixos, ocorre isoladamente, constituindo uma forma livre. A segunda é a mobilidade de posição (anteposição ou posposição), possível nos clíticos, mas não nos afixos. E a terceira diferença é de caráter fundamental: o vocábulo “tem incontestável autonomia ou individualidade formal, porque não é condicionado pela forma particular do vocábulo a que se adjunge.”. (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 88)

Então, conforme o autor, uma palavra pode ser constituída:

- i. de uma forma livre mínima indivisível: fé, luz.
- ii. de duas formas livres mínimas: beija-flor, vaivém
- iii. de uma forma livre e uma ou mais presas: leal-dade; des-leal-dade

Câmara Jr. insere um novo conceito em relação à Bloomfield: as formas dependentes. Elas funcionam ligadas às livres, mas não funcionam sozinhas como comunicação suficiente. Distinguem-se das presas por permitirem a intercalação de novas formas entre elas e das livres por poderem variar de posição.

(15) Diga-me/ não me diga/ que não me diga. (intercalação)

Casa de detenção (presença de preposição)

As formas dependentes podem ser artigos, preposições, algumas conjunções, pronomes oblíquos átonos que não podem constituir um enunciado. Conforme o autor, a falta de coincidência entre o vocábulo fonológico e o vocábulo formal<sup>55</sup> no português, aparece justamente com as formas dependentes, as quais são consideradas vocábulos mórficos, mas não constituem, sozinhas, um vocábulo fonológico, uma vez que não possuem acento. Esses são os chamados clíticos. Discutiremos no capítulo 4, as especificidades dos clíticos, uma vez que estes não podem ser considerados palavras prosódicas, porque não possuem acento, no entanto devem ser

---

<sup>55</sup> Entendido como a palavra morfológica.

tratados como palavras morfológicas independentes, porque se estabelecem como formas livres no contexto sintático.

Imbuído dessa distinção entre palavra morfológica e palavra fonológica, Câmara Jr. faz uma distinção entre o que a tradição gramatical<sup>6</sup> chama de composição por aglutinação, composição por justaposição e prefixação. Segundo o autor, as palavras compostas por aglutinação, conforme vemos em palavras como fidalgo (filho + de + algo) e embora (em + boa + hora), são, na verdade, vocábulos fonológicos únicos que perderam a justaposição na história da língua. Trata-se da combinação de formas presas ou de uma forma livre combinada com formas presas.

Ele faz uma importante análise da prefixação do português que se diferencia significativamente das análises anteriores e vai ao encontro de nossa proposta anterior (MOREIRA, 2003), mencionada na introdução deste trabalho. Ele afirma que a prefixação pode resultar numa só palavra prosódica<sup>7</sup> ou em uma composição.

A prefixação, por sua vez, é um processo para criar novos vocábulos formais. Devemos considerá-lo uma composição, é certo, porque os prefixos são elementos vocabulares com valor significativo de preposições, embora vários deles não se usem como preposições e outros sejam alomorfes de preposições (cf. ex-, de um lado e, de outro lado, in- em face de em, ou super em face de sobre, que diferem da situação de com, de, em, que funcionam tanto como prefixos quanto como preposições). (CÂMARA JÚNIOR, 1970, p. 39)

---

<sup>6</sup> A tradição gramatical, assim como as gramáticas escolares atuais, classificam as palavras formadas por composição em dois tipos básicos: composição por justaposição (guarda-roupa, pontapé, beija-flor) e composição por aglutinação (planalto, embora) (cf. CUNHA; CINTRA, 1985.)

<sup>7</sup> Nesta tese, os termos “palavra prosódica”, “palavra fonológica” e “vocábulo fonológico” serão usados como sinônimos.

Tomando essa definição, teríamos, então, prefixos que deixaram de existir, devido à perda da consciência da prefixação pelo falante. Conforme Moreira (2003), esses casos devem ser considerados como uma palavra fonológica única; ou seja, não possuem estrutura interna. Logo, devem ser descritos como uma palavra fonológica e uma palavra morfológica, como verificamos nestes exemplos:

(16) inspirar, destituir, reduzir

Mas existem prefixos que são realmente afixos e não se podem estabelecer como palavras fonológicas autônomas, o que constatamos nos exemplos a seguir:

(17) infeliz, descontente, reavaliar

O que Câmara Jr. considera como justaposição, pode ser comparado aos prefixos que, por si só, são considerados palavras fonológicas independentes. Sendo assim, podem aparecer isoladamente em determinados contextos, e, quando se juntam a uma base, tal formação deve ser denominada composição fonológica, isso porque se trata de uma palavra morfológica e duas palavras fonológicas, como em:

(18) pré-silábico, pós-graduação

Tal comportamento se assemelha ao que ocorre na composição tradicional, em exemplos como guarda-chuva.

Diante de tais considerações, reiteramos a importância que as abordagens de Câmara Jr. trouxeram para o estudo da palavra prosódica, sobretudo quando utiliza o acento como critério para caracterizar a palavra prosódica e, a partir daí, diferenciá-la da palavra morfológica.

Nossa pesquisa, além de se alimentar dessas contribuições de Câmara Jr., buscará suporte nos estudos atuais alicerçados na interface Morfologia-Fonologia, sem os quais não é possível empreender uma análise consistente do estatuto da palavra prosódica no PB. Esses trabalhos serão demonstrados nas seções subsequentes, que obedecerá à ordem cronológica em que foram publicados. Dentre eles, encontra-se o que servirá como principal fundamento teórico deste estudo, qual seja a proposta de Lee (1995).

## **2.2. Nespor e Vogel (1986)**

A teoria da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986) apresenta-se como uma teoria que organiza o contínuo sonoro da fala em constituintes fonológicos dispostos hierarquicamente, os quais formam contextos para a aplicação de regras fonológicas.

As autoras apresentam uma escala prosódica em que cada constituinte prosódico é uma unidade resultante de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior que pressupõe uma cabeça e um ou mais dominados. Os constituintes oferecem diferentes tipos de informação fonológica ou não

fonológica na definição de seu âmbito e não apresentam, necessariamente, isomorfia com os constituintes sintáticos, morfológicos ou semânticos.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), a hierarquia prosódica reflete a relação de dominação entre os constituintes prosódicos. São sete os constituintes da hierarquia prosódica: “sentença fonológica”, “frase entoacional”, “frase fonológica”, “grupo clítico”, “palavra fonológica”, “pé” e “sílabas”, que podem ser assim representados:

- (19) Enunciado U  
 Frase entoacional I  
 Frase fonológica  $\phi$   
 Grupo clítico C  
 Palavra fonológica  $\omega$   
 Pé  $\Sigma$   
 Sílabas  $\sigma$

O que garante a hierarquia é o princípio básico da teoria de Selkirk (1984), denominado *strict layer hypothesis*, que determina que um constituinte seja composto de uma ou mais unidades do constituinte imediatamente inferior e que este, por sua vez, esteja exhaustivamente contido nos constituintes imediatamente superiores dos quais faz parte.

Os constituintes da hierarquia prosódica são arranjados hierarquicamente para satisfazer a *strict layer hypothesis*, apresentada por Nespor e Vogel como:

- Princípio 1: cada unidade da hierarquia prosódica é composta por uma ou mais unidades da categoria mais baixa;  
 Princípio 2: cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;  
 Princípio 3: os constituintes são estruturas n-árias;

Princípio 4: a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor de forte (s) e a todos os demais o valor de fraco (w). (1986, p. 7)

Os princípios referidos, que são universais, estão integrados na *strict layer hypothesis*, segundo a qual um dado constituinte da hierarquia prosódica só pode dominar um constituinte de um nível imediatamente inferior ao seu (cf. SELKIRK, 1984).

Os pressupostos teóricos desta tese, expostos na introdução, advêm da afirmação de Nespor e Vogel (1986) de que a palavra fonológica é o menor constituinte da hierarquia prosódica que faz uso de noções não fonológicas e representa uma interação nem sempre isomórfica entre componentes fonológicos e morfológicos.

Nesse sentido, as autoras acrescentaram a ideia de que não existe isomorfia necessária entre as estruturas morfológicas e as estruturas fonológicas, já que a aplicação de várias regras se dá em domínios fonológicos internos, derivados das estruturas morfológicas, mas não necessariamente correspondentes a qualquer estrutura morfológica ou métrica. A determinação de constituintes prosódicos como domínio de aplicação de regras soluciona, conforme as autoras, a possível falta de isomorfismo entre as estruturas fonológicas por um lado e as estruturas morfológicas ou sintáticas por outro, daí sua importância em nossa análise.

Convém destacar também que o estudo feito por Nespor e Vogel (1986) do estatuto prosódico do prefixo no italiano demonstrou que, para explicar o comportamento de tal classe, além de levar em consideração as informações morfológicas, devem considerar-se noções fonológicas específicas naqueles casos em que tais regras produzem constituintes que não são bem formados.

Segundo as autoras, no italiano, alguns prefixos parecem formar uma palavra prosódica com o radical e outros não. Analisando a regra de sonorização intervocálica do *s*, presente no norte da Itália, percebe-se que ela se aplica no interior dos vocábulos, mas não entre vocábulos, o que ocorre também com determinados prefixos:

- (20) (a) a[z]ola ‘casa de botão’  
       a[z]ilo ‘asilo’  
       (b) la [s]irena \*la[z]irena ‘a sirene’  
           hanno [s]eminato \*hanno [z]eminato ‘terminaram’  
       (c) a[s]ociale  
           pre[s]entire (ouvir antes)  
       (d) pre[z]entire (pressentir)  
           re[z]istenza

(NESPOR E VOGEL, 1986, p. 78)

O fato de a regra não se aplicar aos prefixos *a-* e *pre-* em (c) sugere que tanto os prefixos como as palavras a que estão afixados constituem palavras prosódicas independentes. Por outro lado, em *resistenza* é bem diferente a natureza do prefixo; em primeiro lugar, a palavra não é analisada pelos falantes nativos como derivada, pois o prefixo está afixado a um radical que não é uma palavra prosódica independente no italiano contemporâneo; além disso, enquanto o prefixo *re-* costuma indicar “de novo”, o significado de *resistenza* não inclui essa noção. Casos semelhantes ocorrem no PB, no qual há palavras em que falantes nativos não as identificam como palavra derivada. De outro modo, são consideradas palavras prosódicas únicas e sem estrutura interna, ou seja, nelas não é possível considerar a partícula *re* como prefixo.

(21) resistência, retiro, resistir

Com base em dados como esses, podemos afirmar, assim como as autoras, que nas palavras prefixadas historicamente, que não são analisadas como tal sincronicamente, o prefixo forma uma palavra prosódica única com a base a que está ligado.

Para enfatizar a relevância dos fatores fonológicos a fim de verificar a condição de boa formação das palavras no italiano, as autoras evidenciam processos fonológicos que ocorrem com palavras que possuem prefixos e que não ocorrem em palavras nas quais o prefixo não é identificado. Um exemplo que serve tanto para o PB como para o italiano é a assimilação total da nasal, que tem como domínio a palavra prosódica.

Os exemplos seguintes mostram que tal regra bloqueia a ocorrência das sequências nr e nm no interior da palavra, mas não as exclui em vocábulos diferentes:

(22) a) in rima

con molti

b) \*inregolare (irregolare)

c) \*inmaturo (immaturo) (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 78)

Da mesma forma, ocorre no PB, em que essa regra se aplica invariavelmente entre prefixo e palavra base, demonstrando que tanto o prefixo com coda quanto a palavra a que ele está afixado pertencem à mesma palavra

prosódica:

d) in + racional → i [R] acional (irracional)

e) in + móvel → i [m] óvel (imóvel)

Nespor e Vogel analisaram também os prefixos do inglês e do polonês, dividindo-os entre afixos ligantes (“*cohering*”) e não-ligantes (“*non-cohering*”). Os primeiros se fundem com a palavra prosódica (por elas nomeado de “*mot*”) que os precede ou sucede, formando uma nova palavra prosódica; os outros são palavras prosódicas independentes. Podemos verificar o mesmo no PB, em que há prefixos e sufixos que funcionam realmente como afixos e outros que devem ser considerados palavras prosódicas autônomas, pelo fato de possuírem acento, assim como se atesta nos exemplos seguintes:

(23) pré-escolar; supermercado, minissaia

Esses exemplos, assim como postulam as autoras para outras línguas, devem ser tratados como compostos fonológicos no PB, pelo fato de prefixo e palavra base possuírem acento e serem ambas palavras prosódicas. No capítulo 3, mostramos, com mais detalhes, esse comportamento triplo do prefixo: prefixos que sincronicamente não são mais reconhecidos pelos falantes; prefixos que realmente funcionam como afixos; e prefixos que devem ser considerados como palavras prosódicas autônomas.

### 2.3. Lee (1995)

Lee (1995) propõe um modelo de descrição da Morfologia e da Fonologia Lexical do PB, tendo como base teórica a Fonologia Lexical Prosódica (cf. INKELAS, 1989, 1993), assumindo que há hierarquias de constituintes prosódicos no léxico, que são o enunciado, a frase entonacional, a frase fonológica e a palavra prosódica.

O autor afirma, com base em Nespor e Vogel (op. cit.), que a palavra fonológica é a unidade fonológica que, na hierarquia prosódica, funciona como o domínio da aplicação das regras fonológicas. Para explicitar essa definição, o autor menciona os seguintes exemplos:

- (24)            a) guarda-chuva  
                  b) garota  
                  c) fala-lhe a verdade            (LEE, 1995, p. 30)

Segundo Lee, em (2a), o composto é morfologicamente uma palavra, porém, fonologicamente, inclui duas palavras; já em (2b) é uma palavra morfológica e, também, uma palavra fonológica. Sobre (2c), ele compreende tratar-se de uma frase formada por duas palavras fonológicas.

O autor, adaptando a abordagem de Inkelas (op. cit.), explica a formação de palavras da Fonologia Lexical Prosódica (FLP), afirmando que, além da subcategorização lexical assumida por Lieber (1980), as entradas lexicais também devem ser subcategorizadas por domínio morfológico.

Segundo Lee, essas subcategorizações, portanto, devem incluir:

- i. tipo de elementos morfológicos afixados, eg.  $\alpha$ ,  $\beta$ ;
- ii. tipo de elementos morfológicos produzidos; e
- iii. a ordem linear.

Observemos os esquemas de subcategorização mostrados pelo autor:

- (25) a) prefixo:      in-              [ \_\_\_\_ [ ] $\alpha$  ] $\alpha$
- b) sufixo:      -eza            [ [ ] $\alpha$  \_\_\_\_ ] $\alpha$
- c) sufixo:      -inho          [ [ ] $\beta$  \_\_\_\_ ] $\beta$
- d) raiz:        -logo          [ [ ] $\alpha$  \_\_\_\_ ] $\alpha$

Do mesmo modo, conforme o autor, as subcategorizações prosódicas podem também ser derivadas por:

- i. tipo de elementos prosódicos afixados;
- ii. tipo de elementos prosódicos produzidos; e
- iii. ordem linear.

O que demonstra que tal sufixo é afixado no lado direito do radical  $\alpha$  e o resultado da afixação será o radical derivacional  $\alpha$ .

Lee faz a representação da palavra pureza para ilustrar tal organização:

- (26) <puro>  $m\alpha$                               MCF
- [pur]  $p\alpha$  O                              PCF

<<puro> <sub>μα</sub> εza> <sub>μα</sub>	afixação de α (-eza) e MCF	
[[puro] <sub>πα</sub> ez] <sub>πα</sub> a	PCF	:
[[purez] <sub>απ</sub> a	truncamento	:
[[púrez] <sub>πα</sub> a	acento	
:		
:		
[pureza]		:

De acordo com o autor, em tais representações,  $\leq_m$  significa o domínio morfológico atribuído pelo Algoritmo da Formação de Constituinte Morfológico (MCF) e  $\lfloor \_ \rfloor_p$  significa o domínio prosódico atribuído pelo Algoritmo da Formação de Constituinte Prosódico (PCF). O radical derivacional, *puro*, tem domínio prosódico  $\alpha$ , na medida em que todo o radical derivacional do não verbo pertence morfológica e prosodicamente ao nível  $\alpha$  (cf. INKELAS, 1989, 1992). O marcador de palavra -o, que satisfaz a Condição de Perifericidade, é visível na Morfologia, mas é invisível para a Fonologia no primeiro ciclo, devido às regras fonológicas, tais como a regra de acento. Em seguida, ocorre a afixação de -eza, e aplicam-se MCF e PCF. No nível intermediário – [puro] ez]a – o marcador de palavra, o, não é mais periferia do seu domínio prosódico, mas se apaga durante a derivação pela regra de truncamento. Fica claro então que, nesse caso, que as regras fonológicas aplicam-se somente sob o domínio prosódico.

Ao descrever os compostos do PB, Lee afirma que existem dois tipos distintos de compostos:

- i. lexicais, que possuem flexão semelhante à palavra comum; e
- ii. pós-lexicais, que possuem flexão entre seus constituintes, idem às palavras sintáticas.

O autor busca evidências também na FLP para fundamentar tal diferença. Com relação ao domínio prosódico dos compostos, estabelece a seguinte divisão:

a)  $\alpha$  composição I:  $\langle \_ \rangle_{m\alpha} \rightarrow [ \_ ]_{p\alpha}$

(27) [ferrovia]<sub>ω</sub> [espaçonave]<sub>ω</sub>

b)  $\alpha$  composição II:  $\langle \_ \rangle_{m\alpha} \rightarrow [ \_ ]_{p\alpha} [ \_ ]_{p\alpha}$

(28) [puxa]<sub>ω</sub> [saco]<sub>ω</sub>

c) pós-lexical:  $\langle \_ \rangle_{\gamma} [ \_ ] \rightarrow [ \_ ]_{\gamma} [ \_ ]_{\gamma}$

(29) [presidente]<sub>ω</sub> [ministro]<sub>ω</sub>

Sobre a composição I, o autor explica que, em (a), o composto lexical do tipo N+N constrói um domínio morfológico pelo MCF (Formação de Constituinte Morfológico) e um domínio prosódico pelo PCF (Formação de Constituinte Prosódico);

Logo, a derivação de domínio morfológico e prosódico, em (a), pode ser assim representada:

(30) <ferro> <sub>m</sub>	[feR] <sub>pa</sub> o	MCF e PCF
<via> <sub>m</sub>	[vi] <sub>pa</sub> a	MCF e PCF
<ferrovia>	[feRovi] <sub>pa</sub> a	composição de α e PCF
	:	
	[feRovía]	

O marcador de palavra exibido por um dos elementos envolvidos na composição – a palavra ferro – não fica mais na periferia do domínio prosódico devido a Convenção de Apagamento de Colchetes, de modo que deixa de ser um marcador de palavra e é visível no domínio prosódico.

Em (b), o composto lexical de tipo II, V + N ou A + A, constrói um domínio morfológico MCF e dois domínios prosódicos pelo PCF; portanto, o composto contém dois acentos:

(31)			
<puxa> <sub>m</sub>	[puš] <sub>pa</sub> a	MCF e PCF	
<saco> <sub>m</sub>	[sak] <sub>pa</sub> o	MCF e PCF	
<puxasaco> <sub>m</sub>	[puš] <sub>pa</sub> a [sak] <sub>pa</sub> o	composição de α e PCF	
<puxasaco> <sub>m</sub>	[pùš] <sub>pa</sub> a [sák] <sub>m</sub> α o	acento	
	:		
	[pùšasáco]		

A derivação acima mostra que o composto é morfológicamente uma palavra, mas, fonologicamente, duas palavras, de tal maneira que pode ter dois acentos.

Em (c), o composto pós-lexical mostra que cada constituinte do composto constrói seu domínio morfológico e prosódico. O processo de formação de composto ocorre no componente pós-lexical (Sintaxe), de modo que cada constituinte funciona como uma palavra independente na Fonologia e na Morfologia; os domínios prosódicos e morfológicos desse tipo de composto podem ser representados como:

(32) <presidente><sub>m</sub> <ministro><sub>m</sub>            [prezidênte]<sub>p</sub>            [minístro]<sub>p</sub>

Os compostos lexicais, segundo o autor, podem apresentar três tipos de estruturas: o primeiro é formado por dois substantivos e sempre apresenta a sequência constituída, nos termos da gramática tradicional, de determinante (DT) + determinado (DM); o segundo, constituído por dois adjetivos, apresenta uma estrutura do tipo: [Adjetivo]Radical + o]Adj. + Adj; o terceiro é muito produtivo e é formado pela junção de verbo e nome.

Já os compostos pós-lexicais apresentam, de acordo com o autor, uma sequência entre os constituintes contrária à dos compostos lexicais – determinado + determinante – e se formam na componente pós-lexical. Embora constituam uma unidade semântica, cada constituinte desse composto funciona de forma independente nas operações morfológicas. Esse tipo de compostos pode apresentar as seguintes estruturas: a primeira é formada por dois nomes, que podem ou não ser intercalados por uma preposição; a segunda, por um nome seguido por um adjetivo; a terceira, por dois adjetivos; e a última, pela sequência adjetivo seguido de nome. Esse último tipo apresenta a sequência de determinante + determinado, como o composto lexical, mas

cada um dos seus constituintes funciona como palavra independente nas operações morfológicas.

A proposta de Lee oferece vantagens em relação a propostas anteriores, tais como a de Villalva (1990). Para esta autora, todo o processo de composição tem como resultado apenas palavras sintáticas reanalisadas, o que não é suficiente para resolver a opacidade para a descrição e a operação sintática nos casos em que envolvem composto como objeto morfológico. Tal análise ignora os processos derivacionais que podem ocorrer com os compostos que funcionam como palavra morfológica única. Por exemplo, temos o acréscimo do morfema plural ao final do composto lexical, assim como ocorre na palavra comum: *pontapés*, *guarda-roupas*. Nessas formações, não é permitido que o morfema plural apareça entre os constituintes do composto: *\*pontas-pés*, *\*guardas-roupas*.

Apesar de esta pesquisa não considerar a organização do léxico em níveis como o melhor modo de se explicar a interação Morfologia-Fonologia, o trabalho de Lee se mostra inovador, já que incorpora a hierarquia prosódica no léxico, além de apresentar indícios importantes para a caracterização da palavra prosódica, que justificam o fato de adotarmos tal abordagem nesta tese.

A partir da proposta de Lee, podemos afirmar que os três comportamentos morfoprosódicos dos compostos podem ser aplicados aos processos derivacionais do PB, como, por exemplo a derivação e a sufixação.

É possível, considerar, por exemplo, que prefixos acentuados têm comportamento prosódico idêntico aos compostos lexicais do tipo II, já que formam com sua base um domínio morfológico e dois domínios prosódicos.

- (33) pré-história --> [pré]<sub>ω</sub> [história]<sub>ω</sub>  
 supermercado --> [súper]<sub>ω</sub> [mercádo]<sub>ω</sub>

O mesmo ocorre com os sufixos especiais -zinho e -mente, que consistem em uma palavra morfológica e duas palavras prosódicas.

- (34) chapeuzinho --> [chapéu]<sub>ω</sub> [zínho]<sub>ω</sub>  
 felizmente --> [felíz]<sub>ω</sub> [ménte]<sub>ω</sub>

De outro modo, temos prefixos inacentuados que formam com a palavra a qual se une somente uma palavra prosódica, assim como os compostos lexicais do tipo I.

- (35) infeliz --> [infelíz]<sub>ω</sub>

Portanto, a proposta de Lee será importante fundamento para alcançarmos os objetivos definidos em nossa proposta. A divisão feita por ele para os compostos lexicais, tipo I e II, e compostos pós-lexicais será utilizada por nós para tratarmos das evidências prosódicas e morfológicas da constituição dos compostos no PB; e servirá, também, de embasamento para analisarmos também os prefixos e sufixos. Assim sendo, tais pressupostos do autor serão retomados e relacionados à nossa análise nos capítulos 3 e 4.

## 2.4. Moreno (1997)

Moreno (1997) faz um estudo sobre a Morfologia Nominal do português sob a ótica da Lexical (KIPARSKY, 1985) e da Fonologia Prosódica (NESPOR E VOGEL, 1986). Parte do pressuposto de que, no PB, há falta de isomorfia entre os constituintes prosódicos e os constituintes morfossintáticos.

Ao analisar o nível do vocábulo, o autor discute a condição dos sufixos, prefixos e compostos do PB. Primeiramente, atentemo-nos para a abordagem feita por ele sobre os prefixos.

Moreno sugeriu que há dois tipos de prefixos no PB:

- i. Há prefixos que eram considerados como tais historicamente, mas, sincronicamente, perderam o estatuto de prefixos e se incorporaram ao vocábulo a que se uniram.

São prefixos que existem em determinadas palavras e, em outras, não são considerados pelo falante do PB como prefixos. Formações em que eles se encontram são consideradas como uma só palavra. Vejamos alguns exemplos:

(36) seduzir, considerar, retiro

- ii. Há prefixos que existem de fato porque são, obviamente, reconhecidos pelo falante nativo.

A maioria deles são vocábulos fonológicos independentes e pertencem ao nível 2 – o nível da palavra. O critério para verificar sua existência é a faturação. Semanticamente, também, podem ser focados (*pitch focal*). Observemos algumas formações em que eles aparecem:

(37) preexistente, maxidesvalorização,<sup>8</sup> inconsequente, reavaliar

Para discutir o estatuto do prefixo no PB, Moreno utilizou, inicialmente, a análise de Nespor e Vogel (1986), que estudaram o prefixo na língua italiana, conforme vimos na seção 2.2. Segundo as autoras, o vocábulo fonológico do italiano une informações morfológicas e fonológicas. Morfologicamente, deve diferenciar-se prefixos de sufixos. Fonologicamente, privilegia-se a condição de boa formação da estrutura de um vocábulo fonológico observando, além da SLH (*strict layer hypothesis*), as noções fonológicas específicas de cada caso: há prefixos que formam um vocábulo fonológico único com o radical e outros que possuem existência própria e podem, por isso, ser identificados separadamente.

Para discernir prefixos que se incorporaram e os que se estabelecem como vocábulos fonológicos independentes, Moreno utiliza o modelo de Booij e Rubach (1984) sobre faturação, também adotado por Nespor e Vogel para o italiano.

De acordo com o estudo de Booij e Rubach (op. cit.), são realmente independentes somente prefixos suscetíveis à faturação, ou seja, quando se é possível isolar o prefixo.

---

<sup>8</sup> Exemplo dado por Moreno (1997, p. 104).

Vamos observar os exemplos de faturação ilustrados por Moreno (1997, p. 96), que afirma serem vocábulos fonológicos independentes a maior parte dos prefixos:

(38)	pr� e pós fixado	hipo e hipercalórico
	intra e extramuros	intro e extrovertido
	bi e tricampeonato	uni e tridimensional
	pr� a antiaborto	macro e microeconômico
	sub e super-avaliado	mini e maxidesvaloriza�o
	in e exclusive	exo e endogâmico
	ex e importar	retro e antecarga
	supra e infraestrutura	neo e paleozóico

Baseado em tais critérios, o autor sugeriu uma possível divisão dos prefixos em dois grupos:

- i. aqueles considerados vocábulos fonológicos independentes: auto-, contra-, infra-, neo-, proto, semi-, ultra-, ante-, anti-, arqui-, supra-, ex-, vice-, multi-, p s- (pos), pr - (pre), pseudo-, recém-, co-, extra-, hiper-, macro-, micro-, não- e sub-; e
- ii. aqueles que integram o vocábulo fonológico a que estão afixados (todos monossílabos átonos): *in-*, *des-*, *re-*, *em-* e *a-*.

A fim de corroborar a afirma o de que a maioria dos prefixos são vocábulos fonológicos independentes, o referido autor demonstra, com

exemplos, regras fonológicas típicas do PB, que não atuam, segundo ele, com os prefixos considerados vocábulos fonológicos independentes:

- i. neutralização da pretônica: \*p[o]sgraduado
- ii. silabação e ressilabação: \*su.ble.nho.so (sub- é considerado com sub[i])
- iii. assimilação da nasal: \*p[a]namericano
- iv. harmonização vocálica: \*hipir sinsível
- v. degeminação: \*pr[e]xistente
- vi. neutralização da átona final: \*aut[u]móvel

A respeito do outro tipo de prefixo, aqueles que se fundem com os vocábulos fonológicos a que estão ligados, o autor não menciona características fonológicas que lhe são típicas.

Outro fator relevante para diferenciar os prefixos, segundo Moreno, além dos morfológicos e fonológicos, é a análise semântica; especificamente, o foco (*pitch focal*). O autor afirma ser o foco essencial para verificar se há ou não perda da transparência semântica de um dado prefixo. Caso não haja consciência dos elementos, temos, conforme tal análise, apenas um vocábulo fonológico.

Ele utiliza alguns exemplos do inglês que servem também para o português, para demonstrar que o prefixo pode receber o foco como qualquer outro vocábulo fonológico:

(39) That country has both **IN**ternal and **EX**ternal problems.

(MORENO, 1997, p. 107)

É um medicamento tanto para uso **IN**terno quanto **EX**terno.

Tendo em vista os argumentos de Moreno, podemos depreender os seguintes exemplos, nos quais o falante não reconhece a presença de prefixo:

(40) adivinhar

retiro

instalar

Seguindo o raciocínio do autor, tais 'formações' não permitem o foco no prefixo e devem ser considerados como um vocábulo apenas. Ou seja, *a-*, *re-* e *in-* não possuem estatuto de prefixos nas formações acima porque, sincronicamente, o falante não reconhece a existência deles dentro desses vocábulos. Entretanto, há formações em que eles podem ser notados:

(41) anormal, reavaliar, intolerante

Em síntese, Moreno afirma que são vocábulos fonológicos independentes os prefixos que:

- i. podem ser fatorados;
- ii. não estão sujeitos a determinadas regras do PB (citadas anteriormente);
- e
- iii. podem ser focalizados.

Aqueles que não possuem as características acima, segundo o autor, foram incorporados ao vocábulo e não mais funcionam como prefixos.

Todavia, apesar de corroborarmos a opinião do autor de que há formações que perderam a consciência da prefixação, consideramos problemáticos os argumentos sugeridos para os reconhecer. A fatoração e o foco são insuficientes como meios de verificar se um prefixo é ou não vocábulo fonológico independente. Há prefixos que existem, podem ser fatorados, mas não são independentes:

(42) des e refazer

Note-se que, mesmo sendo suscetíveis à fatoração, des- e re- não são vocábulos fonológicos independentes. Prova disso é que tais prefixos tornam determinados contextos agramaticais quando se encontram separados da base:

(43) Vou refazer o que você *des*\*.

O diretor *re*\* tudo que ela já tinha feito.

Logo, eles devem sempre aparecer unidos a outro vocábulo fonológico.

Devido a essas ocorrências, não nos parece razoável, como postula Moreno, incluir todos prefixos que podem ser fatorados e focados no grupo dos vocábulos fonológicos independentes. Tais critérios não contemplam todos os prefixos existentes no PB e omitem a existência de prefixos como morfemas dependentes que só existem afixados a uma base.

De outro modo, consideramos, nesta tese, que o principal indício da existência de uma palavra prosódica é o acento, acrescido a outras evidências morfológicas, tais como a noção de forma livre e a faturação.

Tomemos como exemplo o prefixo *in-* que, de acordo com Moreno, possui todas as características de um vocábulo fonológico independente. Esse prefixo pode, por exemplo, ser fatorado:

- (44) *in-* e exterior  
*in-* e externo<sup>9</sup>

Em todos esses exemplos não há, na verdade, prefixação, ou seja, são vocábulos fonológicos únicos. Nos exemplos abaixo, aparentemente provenientes da mesma base, o significado, a cada prefixação, pode ser modificado:

- (45) *inspirar*, *conspirar*, *transpirar*, *expirar*

Na formação *inspirar*, podemos ter dois significados, segundo o Dicionário Aurélio:<sup>10</sup>

- i. Introduzir ar nos pulmões; e
- ii. Sugerir; entusiasmar.

---

<sup>9</sup> Pesquisando a origem das palavras *exterior*, *interior*, *interno* e *externo*, provenientes do latim, verifica-se que '*terno*' e '*terior*' não são bases. As bases originais são *inter-* e *exter-*. Logo, *in-* e *ex-* não podem ser considerados prefixos. O mesmo ocorre em *posterior*, *anterior*, cujas bases são *poster-* e *anter-*.

<sup>10</sup> Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 8 ed. São Paulo: Positivo, 2010.

Se inspirar, em um contexto, estiver com o significado (I), pode então ser fatorado com expirar. No entanto, com o significado (II), seria vocábulo único, já que não é possível reconhecer o prefixo.

No caso de transpirar (expelir o suor do corpo através da pele), não é possível fazer correspondência com nenhuma das outras formações (expirar, inspirar (I) e (II) e conspirar). O prefixo trans- carrega a ideia de “passar através de” em várias formações (transparente, transfixar, entre outros); todavia a suposta base –spirar não possui o mesmo significado das outras formações.

Na hipótese de aceitarmos o fato de que expirar e inspirar (I) podem ser focados em determinados contextos, como em Ele EXpirou e INspirou o ar ao fazer o teste com o médico, não é conveniente aceitarmos que in- seja considerado como vocábulo independente nem tampouco que ele seja inserido no componente pós-lexical. Tal prefixo não possui estatuto de palavra, é uma forma presa e não possui acento. Entretanto, morfemas como super, pós, infra podem ser considerados vocábulos fonológicos independentes, visto que possuem acento e são formas livres.

Quanto aos compostos, Moreno compara o comportamento deles ao de determinados sufixos, os quais ele chama de sufixos especiais.<sup>11</sup> Ele postula que tais sufixos, assim como os compostos, apresentam dois acentos. Observemos o exemplo do autor:

(46) cafezinho

---

<sup>11</sup> Lee (1995) também reconhece os sufixos especiais -mente e -zinho como vocábulos fonológicos independentes. No entanto, o autor explica, nas formações em que eles aparecem, a atribuição de dois acentos: primário e secundário.

Moreno afirma que o acento original é em café. O sufixo –zinho possui acento secundário. Segundo ele, os sufixos especiais comportam-se como vocábulos fonológicos independentes e, postumamente, no nível 2, incorporam-se à palavra pronta como um processo lexical, com características flexionais e composicionais ao mesmo tempo.

Ao distribuí-los no léxico, o referido autor insere –inhV e –íssimV no nível do vocábulo (nível 2) e –zinhV e –mente no nível pós-lexical. Para justificar tal divisão, ele diferencia –zinho e –inho, afirmando que –zinho se une a bases flexionadas e com marcadores; por sua vez, -inhV se liga a um radical, e não a um vocábulo completo:

- (47) coração → coraçõeszinhos  
 porta → portinhas

Distintamente de Lee (1995), Moreno afirma que todos os compostos têm sua origem na Sintaxe. Ele faz críticas à análise de Lee, usando argumentos para afirmar a não existência de compostos lexicais, por considerar que todos nascem na Sintaxe.

Uma das críticas feitas por Moreno sobre a proposta de Lee diz respeito aos diminutivos. Moreno defende, ao contrário de Lee, que a formação do diminutivo no primeiro ou no segundo elemento do composto não é uma evidência para distinguir compostos lexicais de compostos pós-lexicais. O autor afirma que é o núcleo que carrega o sufixo, independentemente de sua localização. Assim, se o núcleo está à esquerda, aí fica o sufixo de diminutivo,

como em trenzinho-bala; do contrário, o sufixo se aloja à direita, como videoclubezinho. Nos compostos sem núcleo, conforme Moreno, o diminutivo se localiza à extrema direita da formação, como em porta-aviõeszinhos. Em palavras compostas que apresentam flutuação, ou seja, que ora apresentam o diminutivo à esquerda, ora o diminutivo à direita, a variabilidade, segundo o autor, é uma questão do grau de lexicalização atribuída na interpretação do composto. Em pãozinho de ló, em que o sufixo de diminutivo se aloja à esquerda, o composto é visto como na frase sintática, enquanto em pão de lozinhos, como diminutivo à direita, o composto é reanalisado, ou seja, por meio de *loop*, é alçado da Sintaxe para o nível 2 do léxico. Assim sendo, o composto, depois da Sintaxe, está sujeito a retornar ao componente lexical, onde passa pelas regras do domínio de palavra.

Fica evidente, na argumentação de Moreno, que sua afirmação inicial de que todos os compostos se originam na Sintaxe não condiz com a explicação que é dada para se contrapor à análise de Lee. Quando sugere que certos compostos retornam ao léxico, o autor faz uso de níveis ordenados. Sendo assim, semelhante a Lee, assume que existem compostos os quais não se encontram no léxico, paralelamente àqueles que se encontram na Sintaxe. O único diferencial da proposta de Moreno é que unifica o local de formação do composto. A nosso ver, o autor sobrecarrega sua análise ao afirmar necessariamente a origem do composto na Sintaxe, ao mesmo tempo em que pressupõe que há compostos que sofrem processos lexicais. O autor foi obrigado a acionar o mecanismo de *loop* para poder remeter ao léxico os compostos que apresentam um certo grau de opacidade e estão sujeitos a processos que ocorrem apenas do nível da palavra. Logo, consideramos mais

pertinente a abordagem de Lee, que assume a existência de compostos lexicais, os quais são sintaticamente opacos, e compostos pós-lexicais, que são visíveis na estrutura sintática, conforme explicitamos na seção 2.3.

Diante de tais considerações, é importante ressaltar o que Moreno considera como vocábulo fonológico individual no PB:

- a) radical + (sufixos derivacionais) + (marcadores)
- b) cada membro de um composto;
- c) prefixos reconhecidos como tal pelos falantes;
- d) -zinhV, -mente, -inhV e -íssimo. (MORENO, 1997, p. 26)

Em consonância com a proposta de Lee (op. cit.) e apoiados em outros argumentos que serão expostos no capítulo seguinte, sugerimos uma reformulação da proposta de Moreno.

Logo, consideramos que se constituem como palavra prosódica individual no PB:

- i. radical + (marcadores);
- ii. radical + (sufixos derivacionais) + (marcadores);
- iii. os prefixos acentuados que, ao se unir a uma base, mantêm sua independência fonológica;
- iv. os prefixos inacentuados juntamente com o radical ao qual se juntam;
- v. cada parte de um composto lexical que consiste em duas palavras prosódicas (cf. LEE, 1995);
- vi. cada parte do composto pós-lexical (cf. LEE, 1995);
- vii. palavras compostas que formam somente uma palavra prosódica;

- viii. palavras compostas por radicais;
- ix. os sufixos -mente e -zinho;
- x. formações resultantes de processos não lineares de formação de palavras, tais como *blends*, truncamento, hipocorísticos e alguns casos de reduplicação.

No capítulo 3, mostraremos as evidências prosódicas e morfológicas (presentes nos processos de formação de palavras) que justificam o fato de considerarmos os elementos elencados acima como palavras prosódicas no PB.

## 2.5. Schwindt (2000)

Schwindt (2000) faz um estudo do estatuto prosódico e lexical do prefixo, a partir dos pressupostos da Fonologia Lexical (op. cit.) e da Fonologia Prosódica (op. cit.). Ele afirma que os prefixos podem ser divididos em dois grupos, utilizando como critério distintivo a configuração prosódica:

- i. Prefixos Composicionais (PCs)
- ii. Prefixos Legítimos (PLs)

Os PCs são considerados vocábulos fonológicos independentes. Os PLs possuem estrutura de sílabas átonas à esquerda de uma base ( $\sigma$ ).

O autor assume que ambos estão inseridos no processo derivacional; no entanto, aparecem em níveis distintos do léxico: prefixação de nível 1 (nível da raiz) e prefixação de nível 2 (nível da palavra).

Os PCs, segundo Schwindt, fazem o caminho de vocábulos fonológicos independentes até o nível pós-lexical, de onde são alçados, a fim de sofrerem prefixação. Os PLs são os pretônicas à esquerda de uma base. O autor subdivide esse segundo tipo em duas classes: PLs de classe I, os que se afixam no nível 1; e PLs de classe II, que pertencem ao nível 2.

Para argumentar a favor de tal divisão, ele busca evidências prosódicas e morfológicas.

Schwindt descreve a estrutura prosódica do PC afirmando que o nível da palavra tem de ser derivada do léxico e assume que a categoria vocábulo fonológico admite recursividade.

Ao descrever a estrutura prosódica dos PLs, Schwindt argumenta que o prefixo não influencia o padrão acentual da base. Esta, por sua vez, já seria um vocábulo fonológico antes da afixação.

Os PCs, de acordo com o autor, não podem formar um único vocábulo fonológico com a base a que se ligam, porque eles também recebem acento. E, conforme a teoria de Nespor e Vogel (1986), não é possível que um vocábulo fonológico tenha dois acentos primários.

(48) pr(E)-sil[A]bico  
p[O]s-operat[O]rio<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Nesses exemplos, as letras maiúsculas correspondem às sílabas tônicas das palavras.

O autor afirma que os PLs, contrariamente aos PCs, não possuem acento e, por isso, formam um vocábulo fonológico apenas com a base a que se ligam:

- (49) inesquec[I]vel  
descuid[A]do

Morfologicamente, ele compara a estrutura dos PCs com palavras existentes na língua (formas livres): substantivos, adjetivos, advérbios. Já os PLs, ele os considera como formas presas e os compara aos clíticos.

Para comprovar tais afirmativas, o autor demonstra exemplos nos quais os PCs, em determinados contextos, podem ser isolados. Contrariamente, os PLs não se podem separar da base:

- (50) Está faltando **infra**. (infra-estrutura)  
Carlos decidiu fazer uma **pós**. (pós-graduação)  
João reencontrou sua **ex**. (ex-mulher)  
Eles estão sonhando em ser **tri**. (tricampeões)  
Ele já retornou, mas ela ainda não **\*re**.  
Enquanto ela expirou, ele também **\*ex**.  
Paulo desfez as malas, antes que Maria **\*des** as dela.

Tais sentenças demonstram que PLs, distintamente de PCs, não se podem isolar da base a que se ligam, já que tornariam o contexto agramatical.

Além das evidências explicitadas, o autor busca ainda processos fonológicos específicos do PB que ocorrem com PCs e não ocorrem com PLs e vice-versa.

Segundo Schwindt, ocorrem com PCs:

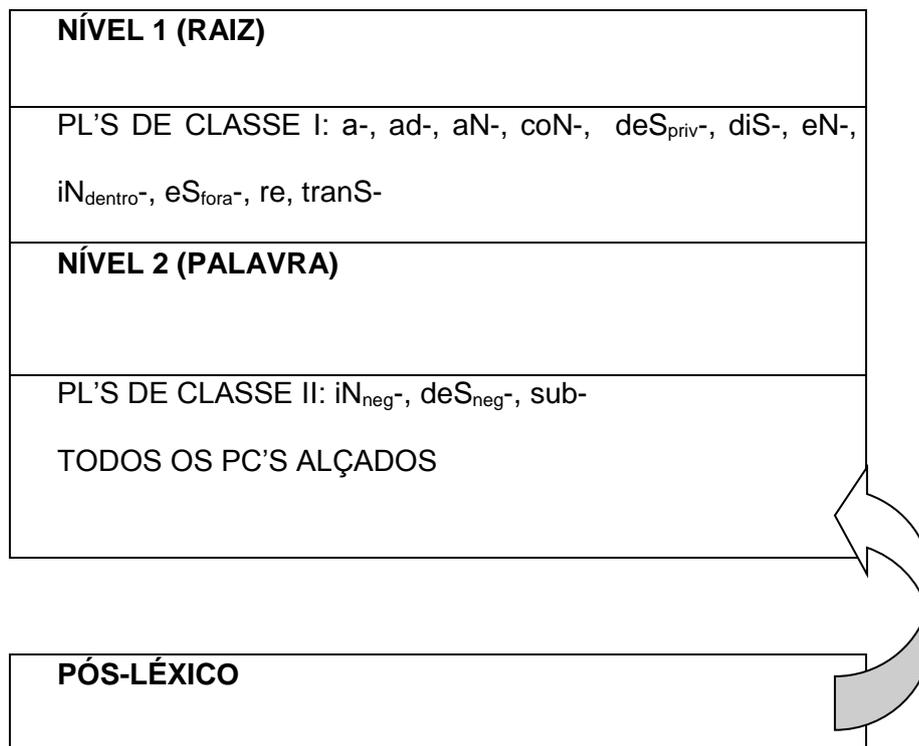
- i. neutralização da átona final: aut[u]avaliação
- ii. sândi vocálico externo → elisão: contr[e]xemplificar

Ocorrem com PLs:

- i. neutralização da vogal pretônica: n[é]oliberal
- ii. harmonização vocálica: d[ê]sfazer ~ d[i]sfazer
- iii. assimilação da nasal: inalterado

Baseado em todos esses argumentos, o autor formulou a seguinte proposta de distribuição dos prefixos no léxico do PB:

(51)



Embora, nesta tese, não utilizemos como fundamento teórico a proposta do léxico organizado em níveis, consideramos pertinente explicitar a divisão dos prefixos de Schwindt, uma vez que os argumentos utilizados pelo autor para inserir os prefixos em níveis distintos já foram por nós confrontados em Moreira (2003). Na referida dissertação, conforme expusemos no capítulo 1, fizemos uma nova proposta de divisão dos prefixos. Aqui, retomaremos alguns pontos em que divergimos da proposta de Schwindt, com o intuito de fundamentar nossa proposta atual, que busca explicitar quais elementos morfológicos são palavras prosódicas no PB.

Para mais bem entendermos a proposta de divisão do léxico feita pelo autor, vamos analisar, nas subseções em sequência, PCs e PLs, separadamente, e as respectivas justificativas de Schwindt para sustentar tal divisão, conforme Moreira (2003).

### 2.5.1. Os prefixos composicionais (PCs)

A partir da observação do quadro mostrado na seção anterior, percebemos que o autor atribui aos PCs dois processos:

- i. como são vocábulos fonológicos independentes, o autor postula que os PCs necessitam passar pelo pós-léxico a fim de sofrerem as regras daquele nível;
- ii. logo após, necessitam ser alçados para o nível 2, onde se aliam-se a uma base por meio da prefixação, formando com ela apenas um vocábulo fonológico. Ele acredita que os PCs, mesmo sendo vocábulos fonológicos independentes, possuem o que ele denomina de “informação derivacional”. Isso justifica, segundo o autor, a utilização do *loop*, ou alçamento, para retornar os PCs ao nível 2 para serem afixados.

O referido autor apresentou ainda mais evidências morfológicas e fonológicas para reforçar sua argumentação. Fonologicamente, ele descreveu a estrutura silábica de PCs e PLs.

A fim de entender adequadamente o caminho por que passam os PCs, de acordo com a concepção do autor, analisaremos a estrutura silábica da formação *auto-avaliativo*:

(52)

**LÉXICO****Nível 1**

Sufixação [au.to] [a.va.li.a.] tivo ]

Silabificação [au.to] [a.va.li.a.ti.vo]

Acento [áu.to] [a.va.li.a.tí.vo]

**Nível 2**

Prefixação n.a. [autu [avaliatívu] ]

Silabificação n.a. [au.tu. [a.va.li.a.tí.vu] ]

**Pós-léxico**

Neutralização [áu.tu] [a.va.li.a.tí.vu] n.a.

Ressilabificação n.a. [au.tu.a.va.li.a.tí.vu]



O esquema acima ilustra a análise de Schwindt para os PCs: o PC percorre o léxico como vocábulo fonológico independente até o pós-léxico, onde se sujeita a regras variáveis, como a neutralização final. Depois, ele é alçado para o léxico (nível 2) e sofre afixação, sujeitando-se às regras fonológicas desse nível como um só vocábulo fonológico. No nível 2, ele funciona como afixo e se liga a uma base.

Como vimos anteriormente, Lee (op. cit.) estabelece que os compostos lexicais são sintaticamente opacos e possuem comportamento de palavra comum no que diz respeito a processos morfossintáticos, pois não permitem flexão, derivação nem concordância entre seus constituintes.

(53) rádio-táxis

guarda-roupinha

í<sub>l</sub>alo-brasileiros

Observando exemplos de PCs, verificamos que eles funcionam semelhantemente aos compostos lexicais:

- (54) pré-vestibulares  
 ex-maridinho  
 auto-avaliativo

Analisando os PCs dessa maneira, conforme propôs Moreira (2003), eles seriam inseridos no nível 1 (nível da palavra), e não seria preciso utilizar o *loop*, já que eles não caminhariam até o pós-léxico. Assim sendo, o modelo de Schwindt seria simplificado, tendo em vista que os PCs passariam somente por um processo, descartando o uso de recursividade. Seriam, então, considerados como palavras prosódicas, e não como afixos.

Para comprovar a semelhança desses com os compostos lexicais de Lee, tomemos como exemplo a formação bi-campeão, considerada por Schwindt como prefixação:

- i. bi-campeões: recebe flexão apenas na posição final;
- ii. bi-campeonato: forma nova palavra a partir da afixação;
- iii. bi-campeãozinho: forma diminutivo;
- iv. bi-campeão: DT + DM; e
- v. \*bis-campeões: não manifesta concordância de gênero e número entre seus elementos.

Percebemos, portanto, que todas as propriedades peculiares aos compostos lexicais foram atribuídas, também, à formação bi-campeão.

Tal fato é conclusivo para admitirmos que aquilo que Schwindt chama de PC formam, na verdade, compostos fonológicos com a base à qual se ligam, daí aceitarmos que formações como bi-campeão são duas palavras prosódicas e uma palavra morfológica.

### 2.5.2. Os prefixos legítimos (PLs)

Outro tópico na distribuição dos prefixos de Schwindt que merece ser discutido é a segmentação dos prefixos legítimos (PLs) em PLs de classe I e PLs de classe II.

Ele argumenta que PLs são prefixos genuínos, ou seja, sílabas átonas à esquerda de uma base. Entretanto, ele vê a necessidade de os separar em diferentes níveis do léxico. Observemos a divisão do autor:

- i. PLs de Classe I (nível do radical): a-, ad-, aN-, coN-, deS<sub>priv-</sub>, diS-, eN-, iN<sub>dentro-</sub>, eS<sub>fora-</sub>, re-, trans-
- ii. PLs de Classe II (nível da palavra): iN<sub>neg-</sub>, deS<sub>neg-</sub>, sub-

De acordo com o autor, o que motiva tal divisão é o processo de epêntese que se dá entre o prefixo e a base, levando em consideração, também, alguns aspectos semânticos. Ele afirma que existem prefixos que se integram antes da epêntese e aqueles que se integram depois.

Tomemos um dos exemplos expostos pelo autor, o prefixo *in-*. Segundo ele, quando *in-* se junta a sC, tem comportamento distinto: com o sentido de movimento para dentro, rejeita a epêntese; de outro modo, quando significa negação, está sujeito a ela. O autor usou os seguintes exemplos:

(55)

(a) iNdentro-

iN + spirar

iN + scrito

(b) iNneg-

iN+e+sperado

iN+e+squecível

Assim, conforme o referido autor, em (a) entrariam no nível 1; já as formações de (b) seriam inseridas no nível 2, devido à epêntese.

Entretanto, Moreira (2003) fez alguns questionamentos em relação aos exemplos acima: será que *-spirar* é realmente uma base? Na formação *inspirar* há consciência da prefixação? Nas formações *inesperado* e *inesquecível*, o 'e' é epentético ou faz parte da base (*-esperado* e *-esquecível*)?

Se compararmos os exemplos de (a), ficará notória a diferença entre eles:

(56) in- + -spirar

trans- + spirar

as- + pirar

in- + -screver

re + e + -screver

trans + escrever

Isolando-se a suposta base –spirar, notamos que ela não mantém o mesmo significado em todas as formações. Diferentemente, a base –screver permanece com o mesmo sentido em todas as formações.

Diante das exposições acima, analisaremos o seguinte conjunto de formações com o propósito de questionar a proposta de Schwindt para o prefixo in-:

- |      |               |                |              |
|------|---------------|----------------|--------------|
| (57) | (a) inscrever | (b) inesperado | (c) inspirar |
|      | insculpir     | inesquecível   | instaurar    |

Em (a), temos como palavras bases, nessa ordem, -escrever e -esculpir. Porém, na junção com o prefixo in-, tais palavras perderam o e, processo aceitável no PB. Já nos exemplos de (b), as palavras bases são –esperado e –esquecível; distintamente do que postula Schwindt, o e não é epentético, já que faz parte da palavra base. Contrariamente aos exemplos de (a), não houve perda do e, pois o falante não aceitaria formas como insperado\* e insquecível\*.

Percebemos, portanto, que, quando in- se une a palavras bases iniciadas com e, pode provocar dois fenômenos distintos: i) a palavra base perde o e para que o prefixo in- seja anexado, como os exemplos de (a); e ii) ocorre a simples afixação do in- à base, sem alteração desta, como em (b).

Em (c), conforme já discutimos, temos vocábulos únicos, ou seja, somente uma palavra prosódica e uma palavra morfológica. O falante do PB não reconhece tais formações como formações derivadas. Nesses casos, parece-nos conveniente citar Moreno (op. cit.), quando afirma que existem

palavras que perderam a consciência da prefixação e funcionam como um só morfema. Ele cita exemplos como:

(58) seduzir, retiro

Nesses casos, segundo o autor, não há prefixação. Ele postula que são prefixos somente aqueles reconhecidos pelos falantes. Afirmamos, juntamente com Moreno, que, se não há consciência da prefixação, há uma única palavra morfológica e, também, uma só palavra prosódica.

Moreno cita Nespor e Vogel (op. cit.) e compara a análise que elas fazem do prefixo do italiano com a análise do PB. Vejamos um exemplo das autoras:

(59) resistenza

Tal formação não é considerada pelos falantes do italiano como palavra derivada, tendo em vista que o prefixo está afixado a um radical que não é uma palavra independente no italiano contemporâneo.

Similarmente, no PB, temos formações com o prefixo re-, por exemplo, que também são analisadas como uma palavra prosódica e, também, uma só palavra morfológica:

(60) resistência; requebrar; requerimento; recreio

Diante de tais discussões, é possível afirmarmos que os exemplos citados por Schwindt para explicar a segmentação dos PLs possuem a seguinte classificação:

- i. em inspirar não há prefixação; tal palavra entra no léxico como morfema único tendo em vista que o falante não reconhece a presença do prefixo;
- ii. em inscrever, a base é recorrente em várias formações, logo, é possível reconhecermos a presença do prefixo in-, que entrará, por sua vez, no nível do radical, ou seja, é realmente um prefixo legítimo.
- iii. em inesperado e inesquecível não há epêntese porque o e faz parte da base; portanto, o prefixo in- em ambas não se diferencia do que ocorre em inscrever:

(61) IN + -(e)screver;

IN + -esperado

IN + -esquecível

Assim, fica claro que os argumentos expostos pelo referido autor para justificar a segmentação dos PLs são problemáticos. Não há motivos suficientes, como vimos no caso do prefixo in-, para considerarmos parte deles como palavra prosódica autônoma.

Percebemos, portanto, que a descrição dos prefixos realizada pelo autor, apresenta uma rica e inovadora análise do prefixo do PB em termos da interação entre constituintes morfológicos e fonológicos. Contudo, além de

propor a organização em níveis ordenados, pudemos identificar alguns pontos divergentes em sua análise:

- i. Há formações nas quais o prefixo se incorporou à base, ou seja, o falante nativo reconhece a presença dele. Sincronicamente, são palavras prosódica e morfológicamente únicas, não são casos de derivações (resistir, inspirar, contracheque, entre outros). Portanto, devem ser considerados como somente uma palavra prosódica e somente uma palavra morfológica.
- ii. Os PCs, prefixos composicionais, possuem estatuto de palavra prosódica e, quando se unem a outras palavras, formam com elas uma composição fonológica, semelhantemente aos compostos lexicais (cf. LEE, op. cit.). O comportamento de tais composições será descrito no próximo capítulo, no qual trataremos, especificamente, da composição.
- iii. Os PLs, prefixos legítimos, são sílabas átonas à esquerda de uma base e não há razões suficientes para considerá-los como palavra prosódica. Logo, devemos aceitar que tais prefixos formam com a palavra a que se ligam uma palavra prosódica e também uma palavra morfológica formada por afixo e base, já que ocorre a derivação.

## **2.6. Vigário (2001, 2007, 2010)**

Vigário (2001, 2007, 2010) estuda a palavra prosódica do português europeu (doravante PE), utilizando como base teórica os pressupostos da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; HAYES, 1989)

e a concepção de gramática composta pelos níveis lexicais e pós-lexicais. A autora analisa a prosodização das palavras derivadas, clíticos e compostos, buscando inseri-los em um dos níveis: lexical ou pós-lexical.

O diagnóstico principal de uma palavra prosódica, segundo Vigário (2001), é o acento primário, já que esse domínio aceita apenas um acento. Tendo em conta tal diagnóstico, a autora classifica a palavra prosódica em dois tipos: palavra prosódica mínima e palavra prosódica máxima. As condições de boa formação da palavra prosódica determinam que uma palavra prosódica mínima tem um e apenas um acento primário (palavra), e uma palavra prosódica máxima tem somente um e apenas um elemento proeminente, sendo que uma unidade, aceitando um acento de palavra, deve estar incluída dentro de uma palavra prosódica mínima.

(62) *Condição de Boa Formação do domínio da palavra prosódica* (cf. VIGÁRIO, 2001, p. 278):

Uma palavra prosódica mínima tem um e apenas um acento primário.

Uma palavra prosódica máxima tem um e apenas um elemento proeminente.

Nesse sentido, a palavra prosódica máxima é a imediatamente dominada pelo nível prosódico acima dela (o sintagma fonológico), e a palavra prosódica mínima é a que imediatamente domina o nível prosódico mais baixo, ou seja, o pé.

No caso do português europeu, a autora se baseia em evidências fonológicas segundo as quais acento poderia ser atribuído a uma unidade que

não inclui um radical lexical, como no caso de prefixos e de sufixos acentuados que não formam um radical. Assim, os afixos que possuem acento primário, independente da palavra à qual se adjungem, formam palavras prosódicas autônomas da base morfológica. Schwindt (2000) afirma o mesmo sobre o PB, e nós o corroboramos nesta tese.

A autora coloca como condição geral para relacionar acento de palavra e o domínio da palavra prosódica que uma unidade portadora de acento de palavra deve ser incluída dentro de uma palavra prosódica mínima, que é a mesma palavra prosódica já constante na hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (op. cit.).

O que nos parece inovador e, ao mesmo tempo, passível de questionamento na abordagem da autora é a criação do conceito de palavra prosódica máxima. Esse é um recurso encontrado por ela para explicar a estrutura do composto. Segundo Vigário, o composto não pode pertencer ao domínio da palavra prosódica pelo fato de que possui mais de um acento e não pode também pertencer à frase fonológica pelo fato de ter um único elemento proeminente à direita. A autora utiliza a atribuição de foco para demonstrar tal proeminência.

Todavia, consideramos que a proposta de adicionar mais um constituinte na hierarquia prosódica somente para tratar dos compostos onera a teoria e a torna problemática, uma vez que teríamos uma palavra prosódica que domina outra palavra prosódica. E a utilização exclusiva da atribuição de foco como justificativa da não inserção do composto do domínio da frase fonológica é insuficiente.

Outros trabalhos, como o de Vogel (1990), assumem que a prosodização dos compostos constroem o domínio do Grupo Clítico (C) e, depois, Nespor e Ralli (1996) assumem que os domínios prosódicos relevantes para a prosodização dos compostos são a palavra fonológica e a frase fonológica. Isso nos parece mais pertinente, já que tal proposta mantém a não recursividade na estrutura prosódica, pois não permite, como fez Vigário, que um constituinte domine outro da mesma categoria, ou seja, duas palavras prosódicas são dominadas por outra palavra prosódica (palavra prosódica máxima). No entanto, não é propósito desta tese fechar essa questão e definir em que domínio prosódico os compostos podem ser inseridos. A discussão da (não) existência do grupo clítico e da frase fonológica como domínio prosódico causa ainda bastante polêmica e seria objetivo de estudo para outro trabalho deste porte.

Importa destacar, também, a distinção que Vigário faz de compostos morfológicos (compostos propriamente ditos) e compostos sintáticos (sequência de palavras não compostas), por meio da aplicação de alguns fenômenos fonológicos que têm a palavra prosódica como domínio de aplicação, tais como: redução vocálica; alguns processos de elisão; e atribuição de foco e de acento tonal.

Conforme os exemplos apresentados pela autora, os compostos morfológicos são formados pela concatenação de radicais, como em (a), ou de radicais mais palavras, como em (b). Os compostos formados por radicais, uma vez que apresentam acento único, podem não se distinguir prosodicamente de palavras simples. Todavia, existem compostos outros cujos radicais podem apresentar comportamento similar ao de palavras prosódicas independentes,

gerando palavras prosodicamente complexas, de acordo com Vigário.

Vejamos:

(63)

(a) [autónomo] ω

(b) [auto] ω [admiração] ω

(VIGÁRIO, 2001, p, 248; 249)

No exemplo (b), verificamos que cada um dos elementos possui acento de palavra, o que impede regras de vocalismo átono nas vogais tônicas. Seguindo esse raciocínio, a autora busca evidências, tais como a atribuição de foco fonológico, para afirmar que tais configurações se agrupam em um constituinte intermediário entre palavra prosódica e frase fonológica, que é a palavra prosódica máxima.

Em nosso entendimento, os argumentos apresentados pela autora, a saber, o acento e o foco, não são suficientes para assumir a criação de um novo constituinte na hierarquia prosódica. É mais pertinente aceitar que, em exemplos com *autónomo* temos uma só palavra prosódica, uma vez que a ele é atribuído somente um acento. E, em formações como em *autoadmiração*, em que se verifica a presença de dois acentos, devemos considerar a existência de duas palavras prosódicas independentes de fato. Não há, pois, necessidade de criar uma estrutura recursiva para representar a união de duas palavras prosódicas.

Concordamos com Lee (1995), conforme visto na seção 2.3, que compostos formados por radicais como *autónomo*, devem ser classificados

como compostos lexicais do tipo I, os quais projetam somente uma palavra prosódica e os compostos tais como *autoavaliação* são inseridos no grupo dos compostos lexicais do tipo II, os quais consistem em duas palavras prosódicas independentes. Sendo assim, utilizando o esquema de Lee, poderíamos representar essas formações da seguinte forma:

(64) a)  $\alpha$  composição I:  $\langle \_ \rangle_{m\alpha} \rightarrow [ \_ ]_{p\alpha}$   
 $\langle \text{autónomo} \rangle_{m\alpha} \rightarrow [\text{autónomo}]_{\omega}$

b)  $\alpha$  composição II:  $\langle \_ \rangle_{m\alpha} \rightarrow [ \_ ]_{p\alpha} [ \_ ]_{p\alpha}$   
 $\langle \langle \text{auto} \rangle_{m\alpha} \langle \text{avaliação} \rangle_{m\alpha} \rangle_{m\alpha} \rightarrow [\acute{\text{a}}\text{uto}]_{\omega} [\text{avaliação}]_{\omega}$

Outro tipo de composição discutida por Vigário é o que ela chama de composição sintática. A autora afirma que são agrupamentos constituídos de duas palavras prosódicas, dada a presença de acentos de palavra, bem como a redução vocálica. Conforme Vigário, o bloqueio da vogal [+rec] mostra que o composto faz parte de uma categoria que constitui a instância intermediária entre a palavra prosódica e a frase fonológica, qual seja a palavra prosódica máxima.

O outro argumento utilizado pela autora é a atribuição de foco fonológico, que ocorre à direita em formações compostas, como mostrado anteriormente. Vejamos o exemplo dado por ela com a formação *porta-óculos*.

(65)

A. O João ofereceu um estojo à Maria.

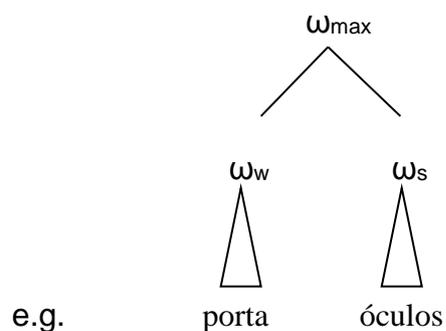
B. Não senhor. O João ofereceu um porta-Óculos à Maria.

B'. \*Não senhor. O João ofereceu um **PO**rta-óculos à Maria.

(VIGÁRIO, 2001, p. 255)

O exemplo mostra a atribuição de foco ao segundo elemento do composto porta-óculos, o que, de acordo com a autora, demonstra que os compostos sintáticos são prosodizados como palavras prosódicas compostas.

(66)



Em consonância com a proposta de Lee, optamos por não considerar formações como porta-óculos como composto sintático. Segundo Lee, formações desse tipo são constituídas por duas palavras morfológicas que projetam outra palavra morfológica com novo significado. Como argumento, podemos verificar que não pode haver derivação nem flexão entre seus constituintes. Por isso, devem ser considerados sintaticamente opacos.

(67) \*portas-óculos

Fonologicamente, devem ser considerados como duas palavras prosódicas autônomas, porque possuem dois acentos primários. Como vimos na seção 2.3, o autor classifica esse tipo de formação como compostos lexicais do tipo II, uma vez que consistem em uma palavra morfológica e duas palavras prosódicas.

Vigário (1999) propõe a existência de outro tipo de composto, além dos compostos morfológicos e sintáticos. Segundo a autora, há compostos que ultrapassam as noções morfossintáticas de composição: são os prefixos portadores de acento e prefixos dissilábicos (os chamados pseudoprefixos, cujo estatuto de prefixo ou radical não é de simples decisão, como afirma também Schwindt (2000), ao falar dos prefixos composicionais). A presença de acento de palavra, e conseqüente não alteração da vogal acentuada, bem como a ausência de redução das vogais átonas finais em sílabas fechadas por [r] constituem evidências de que prefixos dissilábicos têm o estatuto de palavras prosódicas independentes. Isso pode ser verificado em exemplos como os seguintes:

(68) super-homem; intra-muscular

Há, também, prefixos monossilábicos que se apresentam como palavras prosódicas independentes, devido à presença de acento e à ausência de regras de vocalismo átono, como em:

(69) pós-graduação; pré-história

Vigário trata ainda das estruturas formadas a partir de sufixos que recebem acento: sufixos *z-avaliativos* e sufixo *-mente*, que também recebem acento de palavra.

Para a autora, a presença do acento, pelo menos para as formas compostas com sufixos *z-avaliativos*, é verificada pela atribuição de foco fonológico, o qual é relacionado unicamente à segunda posição acentuada, como se verifica nos exemplos a seguir:

(70)

A: Acho que o João foi com a Maria ao cinema.

B: Não foi não. O João foi sozinho ao cinema.

\*sozinho

Vigário sugere como pista indicadora de que essas formações são uma palavra prosodicamente composta a não redução da vogal acentuada da base, conforme observamos no exemplo de Vigário:

(71) jacaré --> jacarÉzinho \*jacar[e]zinho \*jacar[i]zinho

Quanto ao sufixo *-mente*, apesar de a autora considerá-lo também como palavra prosodicamente composta, afirma que *-mente* não parece sujeito a receber foco. A presença do acento nesse caso é evidenciada pelo recebimento de acento tonal. Nessa distribuição, de acordo com Vigário, as palavras compostas têm sua primeira palavra prosódica acentuada quando

estão localizadas no início de uma frase, de outro modo, recai sobre a sílaba acentuada da segunda palavra prosódica.

Em nossa proposta, como será mostrado no capítulo 3, consideramos as formações com prefixos acentuados e formações com sufixos -zinho e -mente como compostos fonológicos, uma vez que consistem em duas palavras prosódicas. Sendo assim, temos que tais formações possuem comportamento prosódico semelhante aos compostos lexicais do tipo II.

Quanto aos compostos sintáticos, Lee considera que devem ser classificados como tais aqueles compostos cujos elementos podem sofrer flexões e/ou derivações entre eles:

- (72) presidente-ministro --> presidentes-ministros  
 pão-duro --> pães-duros

Lee denomina “compostos pós-lexicais” esses compostos que se realizam no ambiente sintático.

Como pudemos verificar, a pesquisadora utiliza vários fenômenos, tais como o vocalismo, o acento de palavra, o foco e o tom para diferenciar composto e sintagma e inserir a composição na hierarquia prosódica. Todavia, embora consiga mostrar que, de fato, existe um lugar para a composição que é distinto do lugar da frase fonológica, não explora a distinção entre a palavra prosódica simples<sup>13</sup> e a composição. Usa somente a proibição da recursividade para afirmar que o lugar do composto não é o mesmo da palavra prosódica dita

---

<sup>13</sup> Consideramos a palavra prosódica simples aquela constante na hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), que possui somente um acento primário.

simples. Também a divisão entre compostos morfológicos e sintáticos apresentada mostra-se problemática, pois considera como compostos sintáticos algumas formações que são sintaticamente opacas. Logo, deveriam ser consideradas como compostos morfológicos.

A autora faz uma análise cuidadosa de prefixos, compostos e clíticos a fim de diagnosticar a palavra prosódica no português europeu. No entanto, assim como Lee (1995), Moreno (1997) e Schwindt (2000), utiliza a organização em níveis ordenados. Além disso, em nosso ponto de vista, os argumentos para criação da categoria palavra prosódica máxima não se sustentam, uma vez que apresentam como única justificativa para justificar sua existência a atribuição de foco em um dos elementos do composto. Melhor seria considerar a manutenção da não recursividade na estrutura prosódica, ou seja, não permitir que determinado elemento domine outros da mesma categoria (duas palavras prosódicas sendo dominadas por outra palavra prosódica).

Vale ressaltar que os trabalhos de Vigário (2007, 2010), para acomodar das palavras compostas, substituem a palavra prosódica máxima, por uma nova nomenclatura, o Grupo da Palavra Prosódica, que seria um domínio acima da palavra prosódica no lugar do Grupo Clítico.

Assim sendo, tal grupo inclui as palavras compostas e, também, os clíticos junto ao seu hospedeiro. Nesse sentido, a autora propõe a eliminação do grupo clítico e a sua substituição pelo novo grupo citado. Discutiremos no capítulo 4 que é problemático eliminar o grupo clítico da hierarquia prosódica e incluir clítico com seu hospedeiro em um domínio junto com a palavra

composta, isso porque a adjunção do clítico junto ao hospedeiro possui características distintas da composição.

Toneli (2014) utiliza-se da teoria de Vigário para explicar a palavra prosódica no PB. Ela mantém a mesma posição de Vigário de que compostos e o clítico com seu hospedeiro devem ser inseridas no Grupo da Palavra Prosódica, do mesmo modo que Vigário o faz para o português europeu. A autora compara o PB ao português europeu, no âmbito da relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional, com o intuito de buscar evidências para a existência do Grupo de Palavra Prosódica.

Os trabalhos de Vigário e Toneli trataram, portanto, diretamente da palavra prosódica no português, todavia possuem objetivos distintos desta tese. Ambas as autoras priorizam o estudo da formação da palavra prosódica no português europeu e brasileiro, respectivamente, tendo em conta a hierarquia prosódica segundo a teoria de domínios prosódicos, buscando inseri-la em um dado domínio, distintamente de Nespor e Vogel (1986), qual seja o Grupo da Palavra Prosódica. A nossa abordagem difere-se daquelas, dado que se dedica à análise do estatuto da palavra prosódica, levando em consideração a interação Morfologia-Fonologia, e buscando evidenciar as contribuições do componente morfológico para a identificação e caracterização da palavra prosódica nas formações do PB. Buscaremos mostrar, nos capítulos posteriores, que o estudo da estrutura morfológica dos processos de formação de palavras no PB e sua relação com a estrutura prosódica é fundamental para tratar da palavra prosódica no PB. Desse modo, nosso estudo, além de se mostrar distinto das análises de Vigário e Toneli, revela-se inovador, já que

ainda inexitem pesquisas que tratam a palavra prosódica no PB, dando o devido destaque à análise morfológica, em consonância com esta tese.

## **2.7. Síntese do capítulo**

Neste capítulo, mostramos abordagens anteriores que trataram direta ou indiretamente da palavra prosódica no PB, para demonstrar quais as contribuições trouxeram e as lacunas apresentadas. Iniciamos a discussão com um percurso histórico dos estudos sobre palavra em geral até chegar na palavra prosódica propriamente dita, a qual foi tratada, primeiramente no PB, por Câmara Jr., o qual trouxe importante contribuição para esta tese ao tratar da distinção entre palavra morfológica e palavra prosódica.

Entre as propostas analisadas (NESPOR; VOGEL, 1986; LEE, 1995; MORENO, 1997; SCHWINDT, 2000; VIGÁRIO, 2001), utilizamos como fundamento teórico para esta tese o trabalho de Lee, do qual incorporamos a organização dos compostos no PB (lexicais e pós-lexicais) e a discussão sobre o acento no PB para aplicar nos processos de formação de palavras nessa língua e, a partir daí, identificar a palavra prosódica nas formadas resultantes desses processos. Paralelamente, retomamos, também, nossa dissertação de mestrado (MOREIRA, 2003), com intuito de utilizar as análises ali realizadas sobre o prefixo como argumento para identificar quais prefixos consistem em palavras prosódicas.

Neste capítulo, adiantamos a resposta ao questionamento de quais elementos morfológicos, a nosso ver, podem ser considerados palavras prosódicas no PB. Os argumentos que justificam tal proposta constam no

capítulo seguinte, no qual mostraremos as evidências morfológicas e prosódicas que especificam a palavra prosódica no PB. Para isso, descreveremos a relação da estrutura morfológica e prosódica de prefixos, compostos e sufixos.

### 3. EVIDÊNCIAS MORFOLÓGICAS E PROSÓDICAS NA BUSCA DO ESTATUTO DA PALAVRA PROSÓDICA NO PB

Buscaremos mostrar aqui como diagnosticar a palavra prosódica no PB tendo em vista a interação dos componentes morfológicos e prosódicos implicados na sua constituição. Para isso, será necessário apresentar as evidências prosódicas e evidências morfológicas que lhe são peculiares.

Pretendemos, com tal análise, argumentar a favor do que afirmamos no capítulo 2: são consideradas palavras prosódicas individuais no PB:

- i. radical + (marcadores);
- ii. radical + (sufixos derivacionais) + (marcadores);
- iii. os prefixos acentuados que, ao se unir a uma base, mantêm sua independência fonológica;
- iv. os prefixos inacentuados juntamente com o radical ao qual se juntam;
- v. cada parte de um composto lexical que consiste em duas palavras prosódicas. (cf. LEE, 1995);
- vi. cada parte do composto pós-lexical. (cf. LEE, 1995);
- vii. palavras compostas que formam somente uma palavra prosódica;
- viii. palavras compostas por radicais;
- ix. os sufixos -mente e z-avaliativo; e
- x. formações resultantes de processos não lineares de formação de palavras, tais como *blends*, truncamento, hipocorísticos e alguns casos de reduplicação.

Neste capítulo, pretendemos apresentar argumentos, sob o ponto de vista morfológico e prosódico, que comprovem a afirmação de que os elementos mostrados acima podem ser considerados como palavras prosódicas no PB. Buscaremos também demonstrar que somente é possível caracterizar a palavra prosódica no PB se analisarmos a interação entre componentes prosódicos e morfológicos.

Nesse sentido, é inevitável avaliarmos as estruturas internas das palavras primitivas, derivadas e compostas, para verificar como elas são formadas, sob a ótica morfológica e prosódica.

Para isso, inicialmente, retomaremos Moreira (2003) que, conforme exposto na introdução desta tese, apresentou três situações diferentes para os prefixos no PB, numa análise morfofonológica. Isso se justifica por considerarmos que as representações colocadas para os prefixos, nessa abordagem, podem servir também aos demais processos de formação da língua. A seguir mostraremos essas três situações de forma sintética, uma vez que serão detalhadas nas seções seguintes.

Moreira afirma que o primeiro tipo de prefixo é aquele que, sincronicamente, deixou de existir, devido à perda da consciência da prefixação pelo falante. Assim como qualquer palavra primitiva, não possui estrutura interna, por isso deve ser descrito como uma palavra prosódica e uma palavra morfológica e pode ser assim representado:

(73) < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> - > [ \_\_\_\_\_ ] <sub>PW</sub>  
 inspirar → < inspirar > <sub>MW</sub> - > [ inspirar ] <sub>PW</sub>



representações que foram demonstradas para servir somente aos prefixos podem ser estendidas às outras formações da língua. Ao fazer tal análise será possível avaliar como a palavra prosódica funciona nas formações do PB.

Como exemplo, observemos a representação das formações sufixais, tais como a palavra *felizmente*:

$$(76) \quad \langle \langle \rangle_{MW} \_ \rangle_{MW} \quad \rightarrow \quad [ \_ ]_{PW} [ \_ ]_{PW}$$

$$\text{felizmente} \rightarrow \langle \langle \text{feliz} \rangle_{MW} \text{mente} \rangle_{MW} \quad \rightarrow [ \text{felíz} ]_{PW} [ \text{ménte} ]_{PW}$$

Notamos que a representação da formação com sufixo produtivo *-mente* é semelhante à representação da formação que possui prefixo acentuado. Ambos, sufixo e prefixo, recebem acento de palavra e constituem palavra prosódica, como será mostrado nas seções seguintes; porém, o sufixo *-mente*, apesar de ser independente fonologicamente, não se pode estabelecer como forma livre. Já o prefixo acentuado, em determinados contextos, pode estabelecer-se como forma livre. Veremos, na seção seguinte, a atribuição de acento nos sufixos e prefixos e de que maneira se diferenciam morfológica e prosodicamente. Fato é, contudo, que ambos se configuram sozinhos como palavras prosódicas independentes, mas sob a ótica da Morfologia é que encontraremos diferenças, como veremos na seção 3.1.

Os compostos lexicais, tais como *couve-flor*, também possuem estrutura prosódica semelhante às formações com prefixo acentuado, como podemos visualizar na representação seguinte:

$$(77) \quad \langle \langle \rangle_{MW} \langle \rangle_{MW} \rangle_{MW} \quad \rightarrow \quad [ \_ ]_{PW} [ \_ ]_{PW}$$

couve-flor → <<couve><sub>MW</sub> < flor ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [couve]<sub>PW</sub> [flor]<sub>PW</sub>

Assim como as formações com prefixos acentuados, nos compostos lexicais temos uma palavra morfológica que projeta duas palavras prosódicas, uma vez que possuem dois elementos acentuados. Logo, em couve-flor, tal como em pré-silábico, temos um caso de composição fonológica. O que os diferencia são fatores semânticos e morfológicos: morfológicamente, por exemplo, pré-silábico é uma palavra derivada, já couve-flor é uma palavra composta. A categoria de palavra derivada depende do núcleo, que é sempre a palavra base, ao passo que a categoria lexical dos compostos é sempre N ou A, o que pode ser generalizado por [+N], independentemente da categoria lexical inerente:

(78) corre-corre (V + V = N); puxa-saco (V + N = A)

Semanticamente, os prefixos formam novas palavras que mantêm em geral uma relação de sentido com a palavra base derivante, o que torna o processo de derivação distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos elementos componentes, como as palavras dedo e duro, as quais, combinadas, formam o composto dedo-duro, sem nenhuma ligação de sentido com as palavras originárias.

A mesma comparação pode ser feita com as palavras comuns<sup>14</sup> e as palavras que possuem prefixos que se incorporaram à palavra a qual se

---

<sup>14</sup> Ou seja, palavras que apresentam somente um radical e não possuem estrutura interna.

anexou. Ambas não possuem estrutura interna e devem, portanto, ser descritas como uma palavra prosódica e uma palavra morfológica:

(79)

< \_\_\_\_\_ > <sub>MW</sub> - > [ \_\_\_\_\_ ] <sub>PW</sub>

inspirar → < inspirar > <sub>MW</sub> - > [ inspirar ] <sub>PW</sub>

obedecer → < obedecer > <sub>MW</sub> - > [ obedecer ] <sub>PW</sub>

pássaro → < pássaro > <sub>MW</sub> - > [ pássaro ] <sub>PW</sub>

Isso pode ocorrer, também, com determinados tipos de compostos formados por palavras ou por radicais que, quando se juntam, resultam em somente uma palavra prosódica, uma vez que recebem, ao final da composição, somente um acento.

(80) ferrovia → <<ferro><sub>MW</sub> <via><sub>MW</sub>> <sub>MW</sub> -> [ ferrovía ] <sub>PW</sub>

monólogo → <<mono> <logo>> <sub>MW</sub> -> [ monólogo ] <sub>PW</sub>

Como podemos observar nessas representações, todas possuem somente um acento e cada uma constitui uma palavra prosódica.

Nas seções seguintes, vamos demonstrar as evidências prosódicas e morfológicas implicadas nas formações de palavras no PB, com o propósito de verificar quais fatores são determinantes para caracterização da palavra prosódica nessa língua.

### **3.1. Evidências morfológicas na busca do estatuto da palavra prosódica no PB**

#### *3.1.1. A noção de forma livre / forma presa*

No âmbito da Morfologia, tendo em vista que pertence ao universo da linguagem, é inevitável considerar o componente semântico para explicar a delimitação da palavra. Todo morfema é portador de significado, seja forma livre, seja forma presa. O que pode ser diferente é a natureza do significado: lexical ou gramatical.

Uma questão que se coloca quando se discute a palavra é em que medida ela se diferencia do morfema, o que, conseqüentemente, provoca a discussão sobre o que se entende por forma livre.

Câmara Júnior (1989, p. 88) propõe três tipos de unidades significativas:

- i. a forma presa, que só aparece ligada a outra e é por ela condicionada;
- ii. a forma dependente, que nunca aparece isolada, mas pode aparecer ligada a outra que não é aquela que a condiciona, quando entre ela e a sua condicionante se intercalam livremente outras formas; e
- iii. a forma livre, que aparece não raro isolada.

O teórico considera que as formas livres e dependentes coincidem com os vocábulos. A forma livre se identifica com o que se chama “palavra lexical” (ou “lexema”), ao passo que uma forma dependente corresponde ao que se designa “palavra funcional” ou “gramatical”, tais como artigos, preposições e

conjunções. O conceito de forma presa se opõe ao de forma livre e abrange afixos e desinências.

Assim sendo, podemos relacionar, como fez Câmara Júnior (1989), o conceito de forma livre à noção de palavra morfológica. Compreendemos, como o autor, que a palavra morfológica se define como “vocábulo formal”, ou seja, a forma livre a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres e que se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. Sendo assim, entenderemos vocábulo formal, forma livre e palavra morfológica como termos sinônimos, para nos referirmos às palavras da língua que possuem significado próprio e podem aparecer sozinhas no contexto sintático.

Analisemos alguns exemplos de palavras da língua:

- (81) a) flor, sol  
b) florista, solação, incapaz  
c) couve-flor, guarda-sol

Em (a), (b) e (c), temos exemplos de palavras morfológicas no PB, porque possuem sentido próprio e se podem estabelecer sozinhas no nível sintático. O que as diferencia é a estrutura interna.

Em (a), as palavras morfológicas não possuem estrutura interna, ou seja, são palavras primitivas, que não derivam de palavra alguma, mas podem servir de base para formar outras palavras.

Em (b), temos palavras morfológicas que possuem estrutura interna, pois foram formadas a partir da junção de uma palavra morfológica base e um

afixo (sufixos –ista e –aço ou prefixo in-). Os afixos presentes nessas palavras, por sua vez, são considerados formas presas, uma vez que não podem aparecer sozinhos. Quanto ao sentido, os afixos trazem às bases as quais se unem um significado adicional, uma ideia acessória (por exemplo, o sufixo -ista em (b), significando “profissão”, “ocupação” ou “atividade”). Florista pode significar vendedora de flores ou aquela trabalha com flores, assim como podemos ter outras profissões que usam o mesmo sufixo, tais como recepcionista e manobrista.

Em (c), temos palavras compostas, que são consideradas palavras complexas, porque são formadas a partir da união de duas outras formas livres. Nesse caso, temos uma palavra morfológica formada por outras duas palavras morfológicas. A palavra composta representa sempre um sentido único e autônomo, muitas vezes dissociado das noções expressas pelos seus componentes. É bem verdade que, nos exemplos de (c), há uma certa associação de sentido, mas não podemos afirmar que o sentido é o mesmo. Temos exemplos de palavras compostas com sentido totalmente distinto do das palavras que a formaram. Por exemplo, a palavra composta amor-perfeito, que significa o nome de uma flor, e criado-mudo, que é nome de um móvel.<sup>15</sup>

Na tentativa de delimitação do que é um composto no âmbito da Morfologia, fica evidente a distinção desse em relação aos compostos puramente fonológicos, como as formações que possuem os sufixos -mente (felizmente) ou -(z)inho (chapéuzinho):

---

<sup>15</sup> Esse tipo de composto é chamado por Sandmann (1990) de “composto exocêntrico”, conforme discutiremos na seção 4.1.4.

- (82) felizmente → <<feliz ><sub>MW</sub> mente> <sub>MW</sub> ->[felíz] <sub>PW</sub> [ménte] <sub>PW</sub>  
 chapéuzinho → <<chapéu ><sub>MW</sub>zinho> <sub>MW</sub> ->[chápeu] <sub>PW</sub> [zínho] <sub>PW</sub>

Observamos que, nessas palavras, os sufixos também portam acentos e formam com a base uma composição prosódica, assim como ocorre na maioria dos compostos. Todavia, no que se refere à estrutura morfológica, não constituem palavras morfológicas autônomas. Na verdade, são formas presas, já que não se podem separar da palavra à qual se anexam. Assim sendo, as formações em que tais sufixos figuram apresentam a estrutura prosódica de uma palavra composta e a estrutura morfológica de uma palavra derivada. Temos, então, que sufixos produtivos são prosodicamente autônomos, mas morfológicamente dependentes, ou seja, não podem ser considerados formas livres sob o ponto de vista morfológico. Os exemplos demonstram a falta de isomorfia entre Morfologia e Fonologia.

Diante de tais considerações, pudemos verificar que a noção de palavra morfológica associa sentido e autonomia vocabular, o que consideramos elementos importantes para avaliar a relação do componente morfológico com a palavra prosódica no PB.

### 3.1.2. Fatoração

Alguns autores, tais como Moreno (1997), colocam outro critério para determinar a afirmação da autonomia vocabular, a fatoração. Veremos, na próxima seção, se a fatoração pode, também, servir como critério e ser considerado para esse fim.

A faturação é um dos critérios utilizados por alguns autores para identificação da palavra prosódica.

Booij (1984) apontou que a condição necessária para que um elemento seja fatorado é que esse elemento seja uma palavra fonológica independente.

Baseadas nessa noção, Nespore e Vogel (1986) analisam o prefixo em algumas línguas, tais como o húngaro e o italiano e reforçam a ideia de que a faturação é um indício seguro para a independência do prefixo.

Segundo as autoras, o que distingue os prefixos do húngaro e do italiano é que, no húngaro, é possível analisar os prefixos utilizando somente as informações morfológicas. Já no italiano, devem considerar-se noções fonológicas específicas, além das informações morfológicas.

Moreno (1997) considera que esse é, também, o caso do PB. O autor afirma que a generalização feita para o Italiano é a de que o prefixo só vai unir-se ao vocábulo seguinte se sua forma, em princípio, constituir um vocábulo separado — o que atesta a relevância de fatores fonológicos na construção da palavra prosódica, principalmente as condições de boa formação.

Moreno relaciona essa independência à faturação: “os prefixos que se incorporam ao vocábulo a que se ligam, ao contrário dos que constituem vocábulos fonológicos independentes, não podem ser fatorados” (op. cit., p, 89). Vamos retomar os exemplos que o autor citou para mostrar que a maioria dos prefixos do PB são vocábulos fonológicos no PB, já que podem ser fatorados.

intra e extramuros	intro e extrovertido
bi e tricampeonato	uni e tridimensional
pró a antiaborto	macro e microeconômico
sub e super-avaliado	mini e maxidesvalorização
in e exclusive	exo e endogâmico
ex e importar	retro e antecarga
supra e infraestrutura	neo e paleozóico

Há indícios, portanto, que nos permitem considerar a fatoração como um critério importante para verificação da independência de uma palavra prosódica; todavia, nem sempre os prefixos que podem ser fatorados são independentes fonologicamente.

Pensando nas três situações do prefixo no PB, cabe aqui testar se eles podem ser fatorados e se esse critério pode ser associado à (não) autonomia dos prefixos e sufixos.

Retomando a primeira situação dos prefixos, aqueles que se incorporaram à base a qual se anexaram devido à perda da consciência da prefixação, esses não podem ser fatorados, isso porque não podem ser separados da palavra à qual está ligado por não serem considerados mais como prefixos.

(84) \*in e respirar

\*con e reduzir

Com relação aos prefixos sem acento, aqueles que são considerados afixos legítimos, mesmo sendo suscetíveis à faturação, não constituem palavras prosódicas independentes.

(85) des- e refazer

Como mostramos no capítulo 2, esses prefixos tornam determinados contextos agramaticais quando se encontram separados da base, ou seja, são sintaticamente opacos. Por isso, não podem ser isolados da base, mesmo obtendo carga significativa, essa perde o sentido, ainda que esteja inserida em um contexto.

(86) Vou refazer o que você *des*\*.

O diretor *re*\* tudo que ela já tinha feito.

Quanto aos prefixos acentuados, eles podem ser fatorados e, em determinados contextos, ser isolados da base.

(87) tetra e pentacampeonato → Em 2002 o Brasil conquistou o **penta**.

ex e vice-diretor → O diretor foi substituído pelo **vice**.

Conforme vimos, Moreno (1997) utiliza a faturação como critério para demonstrar que prefixos são prosodicamente independentes, o que, reiteramos, é problemático se observamos o comportamento dos prefixos inacentuados. É, também, problemático se aplicamos o mesmo critério para os

sufixos. Note-se, pelos exemplos, que a faturação é permitida nas formações sufixais:

- (88) feliz e alegre **mente**  
 real e natural**ista**  
 anterior e posterior**idade**

Sendo assim, a maioria dos sufixos, já que podem ser fatorados, assim como o autor postula para os prefixos, seriam palavras prosódicas independentes, o que não é coerente com a análise dos sufixos do PB. Como veremos na próxima seção, somente os sufixos -zinho e -mente podem ser considerados como palavras prosódicas, pois recebem acento e formam um composto fonológico com base. Os demais sufixos, apesar de receberem acento, não são considerados palavras prosódicas independentes, já que o acento é deslocado da base para o sufixo e a palavra, ao final da sufixação, resulta em somente uma palavra prosódica.

Também temos palavras compostas que podem ser fatoradas, mas não formadas por duas palavras prosódicas:

- (89) flor e piscicultura<sup>16</sup>

Nesse exemplo, temos uma palavra composta formada por um radical e uma palavra que, ao se juntarem, recebem somente um acento e formam somente uma palavra prosódica.

---

<sup>16</sup> Exemplos sugeridos pelo Professor Seung Hwa Lee.

Logo, verificamos, distintamente de Moreno, que não há uma relação direta entre fatoração e independência fonológica. É certo que toda palavra prosódica pode ser fatorada, mas nem todo elemento que pode ser fatorado é uma palavra prosódica. Como vimos, existem prefixos inacentuados e sufixos que podem ser fatorados, entretanto não se configuram como palavras prosódicas autônomas.

A análise das evidências morfológicas aponta indícios importantes sobre o esclarecimento do estatuto da palavra prosódica no PB. No âmbito geral, podemos observar que as noções de forma livre e faturações devem ser consideradas para identificação de uma palavra prosódica.

É preciso, no entanto, analisar também outras especificidades de cada processo de formação de palavras (prefixação, derivação e composição) para fortalecer ainda mais a argumentação de que o estatuto da palavra prosódica do PB depende das estruturas morfológicas das palavras formadas nessa língua.

Para corroborar tal afirmação, demonstraremos como essas evidências morfológicas se realizam nas prefixações, sufixações e composições do PB na seção seguinte.

### *3.1.3. Evidências morfológicas na prefixação*

A prefixação é um processo de formação de palavras que forma palavras derivadas, por meio da junção de um afixo ao lado esquerdo de uma palavra primitiva.

- (90) descontente (des- + contente)  
supermercado (super + mercado)

Observamos, pelos exemplos, que os prefixos, ao serem adicionados junto à base, trazem a ela uma ideia acessória. Em descontente, o prefixo des- significa “negação”, “oposição”; em supermercado, o prefixo super- tem o sentido de “grande”.

Os prefixos adicionam noções semânticas específicas às bases a que se adjungem, por exemplo:

- (91) a) incapaz  
b) insensato  
c) infeliz

Percebemos que os significados das palavras prefixadas são constituídos pelos significados das palavras capaz, sensato e feliz mais o sentido de negação, representado pelo prefixo in-. O mesmo ocorre com o sentido de repetição, representado pelo prefixo re-: escrever/reescrever, fazer/refazer, editar/reeditar, animar/reanimar. Notamos, pois, que os prefixos têm como função atribuir às palavras bases uma ideia acessória e, recorrentemente, atribuem a mesma ideia às outras palavras bases.

Outra característica peculiar aos prefixos é que eles não têm o poder de modificar a classe gramatical das palavras às quais se unem. Na prefixação, o núcleo é sempre a palavra derivante, ou seja, é ela que recebe os sufixos

flexionais e derivacionais e também define a categoria lexical da forma resultante, como pode ser observado nos exemplos:

(92) contente (adjetivo) - descontente (adjetivo) - descontentes\_

No exemplo, verificamos que a adição do prefixo des- não influenciou na definição da categoria lexical nem na marcação do plural. Notamos, portanto, palavras prefixadas são sintaticamente opacas, ou seja, comportam-se como uma unidade (uma palavra comum) em relação a processos morfossintáticos, pois não permitem flexão, derivação nem concordância entre prefixo e palavra base. Logo, seriam agramaticais formações como estas:

(93) \*prés-escolares; \*minis-saias

Os prefixos são definidos pela tradição gramatical como formas presas, isto é, formas que não ocorrem isoladamente na língua. No entanto, conforme já esclarecemos nos capítulos anteriores, autores como Câmara Júnior (1969), Schwindt (2000) e Moreira (2003) já demonstraram que existem prefixos que podem funcionar como formas livres no PB.

Logo, baseando-nos especificamente em Moreira (2003), assumimos que os prefixos possuem triplo comportamento no PB, tendo em vista a interação entre Morfologia e Fonologia. A seguir, buscaremos analisar esses três tipos de prefixos, com o propósito de verificar as evidências morfológicas que podem ou não caracterizá-los como palavras prosódicas no PB.

### 3.1.3.1. Perda da consciência da prefixação

Existem palavras, antes consideradas derivadas, que são atualmente reconhecidas pelo falante como palavras primitivas. Temos, então, prefixos que, ligados a determinadas bases funcionam como tal; já com outras, não são notados como prefixos.

Tomemos como exemplo o prefixo *re-*. Em algumas formações, pode ser analisado como prefixo:

(94) reavaliar; releitura; rever

Os exemplos mostram a identidade semântica do prefixo *-re*, que é recorrente nas três palavras com o sentido de “repetir”, “fazer de novo”, o que o torna visível na estrutura interna das palavras.

Há, no entanto, muitas ocorrências em que esse prefixo desapareceu, ou seja, o falante do PB não o reconhece como afixo, e a palavra em que ele se encontra é vista como um todo, ou seja, como uma palavra morfológica única, sem estrutura interna.

(95) resistir; respirar; retiro

Nesses exemplos, não há como separar prefixo e base, uma vez que o prefixo *re-* não pode ser identificado como tal na estrutura morfológica da palavra.

Semanticamente, o prefixo *re-*, nessas palavras, não possui sentido sozinho, e o significado da palavra não se relaciona com o sentido do prefixo. A palavra base, por sua vez, não pode ser separada da partícula *re-*, pois também não tem sentido sozinha. São, portanto, indissociáveis, possuem unidade de sentido, assim como qualquer palavra primitiva.

Ao analisar a palavra *inspirar*, Machado (2002) propõe que a base deve ser conceituada como radical derivacional à qual são acrescentados afixos derivacionais e afixos flexionais. Assim, formas como *-spirar* não podem ser consideradas como bases, já que não podem ser analisadas como um radical quando lhe é retirado o afixo. De acordo com a autora, palavras como *inspirar* devem ser consideradas como vocábulos de um só morfema. Ou seja, não há estrutura interna em *inspirar*, trata-se de uma palavra morfológica e prosódica única.

Moreira (2003) menciona os exemplos a seguir, que mostram que, se isolarmos a suposta base *-spirar*, não se mantém o mesmo significado em todas as formações em que aparece.

- (96) *inspirar*: infundir sentimentos ou pensamentos; sugerir,  
incurtir, bafejar. introduzir ar nos pulmões  
*transpirar*: secretar (suor) pelos poros do corpo; suar. deixar  
surgir; transparecer; manifestar, exalar  
*aspirar*: atrair ou recolher por meio de sucção

Quanto ao uso da fatoração para verificação da autonomia de uma palavra, afirmamos que ela não se aplica a esse tipo de prefixo. Ou seja,

prefixos que sincronicamente não existem não podem ser fatorados. Se a palavra que o incorpora deve ser considerada primitiva e não derivada, não há como acionar a faturação nessas formações.

(97) \*re- e inspirar

Se o falante não reconhece esse prefixo, significa que ele não pode ser separado. Trata-se, pois, de uma palavra primitiva, ou seja, sem estrutura interna.

Portanto, temos justificativas suficientes para afirmar que os prefixos pertencentes a esse grupo não possuem uma estrutura morfológica que se configura como uma palavra prosódica no PB, em função dos três argumentos numerados a seguir.

i. Não são formas livres.

Uma vez que não são reconhecidos pelo falante, não se podem distanciar da base, já que são incorporados a ela.

(98) Durante o exercício, você deve inspirar e depois \*re.

Verificamos que o isolamento do suposto prefixo re- deixa a sentença agramatical.

ii. Semanticamente: não possuem identidade semântica.

Não têm significado consistente sozinhos, uma vez que são invisíveis na estrutura interna da palavra. Como vimos, as palavras transpirar, aspirar e inspirar têm significados distintos que não se relacionam, mesmo tendo o elemento -spirar recorrente em todas.

iii. Não podem ser fatorados.

Isso não ocorre porque não são reconhecidos pelo falante como prefixos. São apenas a sílaba inicial da palavra, assim como ocorre na estrutura interna das palavras primitivas.

### 3.1.3.2. Prefixos que funcionam como afixos genuínos

Há prefixos que são realmente afixos e funcionam como formas presas à esquerda de uma base, formando com ela uma palavra derivada. Logo, nesse caso, consideramos que a palavra é derivada porque possui em sua estrutura interna a formação prefixo + palavra base que juntos formam uma palavra morfológica.

(99) **des**armar, **in**quieto, **re**fazer

Observamos, nesses exemplos, que os prefixos podem ser identificados na estrutura interna da palavra. Possuem significado próprio, adicionando à base uma ideia acessória:

(100) desarmar (livrar-se da arma)

inquieto (não quieto)

refazer (fazer novamente)

Embora tenham significado próprio, mantêm uma relação de dependência com a palavra base. Prova disso é que não se podem estabelecer distanciados da base. Se isolarmos o prefixo, mesmo dentro de um contexto, a sentença perderá o sentido. Vejamos alguns exemplos:

(101) a) Ele desorganizou os livros mais depois re\*. (re- : “de novo”)

b) Alguns alunos do noturno são dependentes economicamente

dos pais, porém a maioria é in\*. (in- : negação)

Os prefixos re- e in-, apesar de ter sentido, quando não estão ao lado esquerdo da base perdem o sentido. Note-se, portanto, que os prefixos, mesmo obtendo carga significativa, não podem ser isolados, sob pena de tornar a sentença agramatical. Prefixos mantêm uma posição fixa ao lado esquerdo da base, e entre eles (prefixo e base), não pode haver flexão, derivação ou concordância. Logo, são sintaticamente opacos, como vimos na seção precedente. Isso ocorre porque o núcleo na prefixação é a palavra base. Então, é nela que se acrescentam os sufixos flexionais e derivacionais.

(102) reavaliações e não \*reavaliações

incapazes e não \*inçapazes

Como já demonstramos, prefixos, também, não são capazes de alterar a classe gramatical da palavra à qual se unem. Verificamos que, no exemplo (a), *reavaliações* é um substantivo, com ou sem prefixo (*avaliações*). Em (b), *incapazes* é um adjetivo, assim como *capaz*.

Quanto à faturação, embora sejam suscetíveis a ela (*dês-* e *refazer*), como já vimos nas seções anteriores, isso nem sempre é um fator determinante para diagnosticar uma palavra prosódica. Temos, então, prefixos genuínos que podem ser fatorados e não são considerados palavras prosódicas independentes, já que não atendem aos outros critérios, ou seja, não recebem acento e não são formas livres.

Portanto, temos razões suficientes para afirmar que os prefixos genuínos não possuem estrutura morfológica que os configurem como uma palavra prosódica, isso porque:

- i. são morfemas, formas presas e não possuem, portanto, independência vocabular;
- ii. semanticamente: possuem identidade semântica, no entanto necessitam manter relação de sentido com a palavra base. Trazem a ela uma ideia acessória que pode ser recorrente em várias formações da língua:

(103) readequar, reavaliar, readaptar -> re- significa fazer de novo

incapaz, insensível, intolerante -> in- significa não

- i. faturação: podem ser fatorados; no entanto, isso não os tornam formas livres.

### 3.1.3.3. Prefixos como formas livres

Muitos prefixos não podem ser considerados como afixos genuínos, pois possuem características típicas de palavra prosódica: podem receber acento primário (será discutido na próxima seção) e podem, em um dado contexto, funcionar como formas livres. Tais prefixos, quando se juntam a uma base, formam com ela uma palavra morfológica e duas palavras prosódicas, assim como ocorre com os compostos. Por isso são considerados compostos fonológicos, sob o ponto vista prosódico. Vejamos alguns exemplos:

- (104) a) pré-silábico  
 b) contraindicação  
 c) supermercado

Sob o ponto de vista morfológico, os prefixos mostrados nesses exemplos encontram-se, assim como os prefixos genuínos, anexados a uma base. No entanto, devido à autonomia vocabular que possuem, podem estabelecer-se isoladamente em determinados contextos:

- (105) Esse negócio é realmente **super!**  
 Vamos analisar os **prós** e os **contras**.  
 Vou começar pelo **pré**.

Isso justifica o fato de serem considerados como formas livres no PB.

Podemos encontrar alguns exemplos em que prefixos acentuados funcionam perfeitamente como categorias lexicais do PB, tais como advérbio e adjetivo, respectivamente nas sentenças abaixo:

(106) (a) Ela é super legal. → Ela é muito legal.

(b) Assistimos a uma mini palestra. → Assistimos a uma palestra pequena.

Vale ressaltar, porém, que prefixos, ainda que se possam isolar da base, não são plenamente independentes do ponto de vista semântico. Analisemos os exemplos a seguir.

Por exemplo, na frase do exemplo anterior, “Vou começar pelo pré”, é necessário um contexto em que esteja especificado anteriormente a que se refere o prefixo pré- (pré-vestibular, pré-treinamento etc.).

Constatamos que a palavra antecedente ao prefixo (pelo – masculino, singular) concorda com a palavra base, que está implícita no contexto. Prefixos sozinhos não determinam as flexões (gênero, número grau), como também não tem o poder de determinar a classe gramatical da palavra. As flexões ocorrem sempre do lado direito, junto à base, como podemos observar a seguir:

(107) supermercados/supermercadoria; ex-maridos, ex-maridinho

Os exemplos mostram que sufixos flexionais e derivacionais se anexam ao lado direito, já o lado esquerdo da prefixação permanece inalterado.

Portanto, morfologicamente, não podemos considerar que esse prefixo seja uma palavra morfológica independente. Ainda que o prefixo possa isolar-se em determinados contextos, não possui total independência da palavra a que se anexa. Nos exemplos abaixo:

(108) (a) O prefeito será substituído pelo vice.

(b) Maria saiu com seu ex.

Podemos observar que, em (a), vice teve seu significado esclarecido porque foi possível retomar o sentido da base que estava na mesa frase. Em (b), o prefixo *ex-* não teve seu significado não ficou totalmente esclarecido no âmbito da sentença, mas podemos inferir que possa ser *ex-marido*, *ex-noivo*, *ex-namorado* etc.

Também os radicais, presentes em compostos, ainda que sejam formas presas, possuem maior carga significativa que os prefixos como, por exemplo:

(109) a) ítalo-brasileiro

b) pré-candidato

Em 109 (a), temos um caso de composto lexical, formado por um radical e uma palavra e, em 109 (b), temos uma formação com prefixo acentuado. Os exemplos (a) e (b) têm em comum o fato de serem compostos fonológicos e projetarem somente uma palavra morfológica. No entanto, note-

se que ítalo (relativo à Itália) substitui uma palavra da língua que possui sentido próprio e autonomia vocabular. Já os prefixos, ainda que apareçam isolados, sempre necessitarão da palavra base para estabelecer relação de sentido.

Já nas formas compostas, o distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes pode ocorrer em vários exemplos da língua:

(110) olho-de-sogra; dedo-duro; puxa-saco

Podemos observar que o significado dessas composições está totalmente desligado do significado estrito de seus componentes. Veremos, na próxima seção, que esse tipo de composto tem significado determinado por metáfora ou metonímia (compostos exocêntricos). Distintamente da derivação, que terá sempre a função de carregar uma ideia acessória e recorrente às várias bases (pré-escolar; pré-vestibular; pré-história), a estrutura da composição se relaciona com a natureza de sua função, que é nomear seres, eventos, fatos ou ações. Daí o fato de a combinação de elementos na formação de uma palavra composta ser imprevisível, na medida em que depende das necessidades específicas de cada caso, além da alternativa metafórica.

Diante dessas evidências, não podemos considerar que esses prefixos, ainda que tenham acento e se possam estabelecer como forma livre em alguns contextos, devam ser uma palavra morfológica. Na verdade, esse tipo de prefixo possui características prosódicas de palavra e características morfológicas de afixo, não de composto.

Na condição de afixo, possui semelhanças e diferenças em relação ao prefixo genuíno. Morfemas como vice, ex, super, mini, etc., funcionam

distintamente dos prefixos genuínos, porque possuem acento e se podem isolar da base em alguns contextos, além de poderem ser fatorados:

(111) micro e macrorregião, super e hipercalórico, ex- e vice-reitor

Já os prefixos genuínos, como vimos na seção precedente, não se podem distanciar da base sob pena de tornar a sentença agramatical, apesar de muitos deles estarem sujeitos a fatoração (*des-* e *refazer*).

No entanto, prefixos genuínos e prefixos acentuados assemelham-se, no que diz respeito à identidade semântica, aos prefixos genuínos. Possuem uma função semântica pré-determinada, o que vem a delimitar seus possíveis usos e significados: *super* pode significar muito (*superinteressante*) ou grande (*supermercado*), *vice* terá sempre sentido de cargo imediatamente inferior a outro. Além disso, sempre necessitam do apoio da palavra que o acompanha para estabelecer sentido, funcionando como um modificador, ainda que se mostrem como categoria lexical em uma frase:

(112) Comprou um carro super moderno.

O prefixo *super*, ainda que se comporte como um advérbio de intensidade (= muito), está ligado ao significado do adjetivo que ele modifica (*moderno*). Como ocorre também em *super-requintado*, *superinteressante*.

Outra característica que aproxima o prefixo acentuado à condição de afixo é que, assim como os prefixos genuínos, não alteram a classe gramatical

ao serem anexados à base: vice-diretor ou diretor, ambos são substantivos, super-requintado ou requintado, funcionam como adjetivos.

Também não influenciam, assim como prefixos genuínos, as flexões e derivações da palavra a que se une:

(113) a) supermercado, supermercados, supermercadoria

b) vice-prefeito, vice-prefeita, vice-prefeitinho

Como mostram os exemplos, os prefixos, pelo fato de se adjungirem ao lado esquerdo de uma palavra, não recebem as flexões e os sufixos derivacionais. A palavra base, que é considerado o núcleo,<sup>17</sup> é que receberá as flexões e derivações sufixais.

Portanto, temos argumentos suficientes para afirmar que esses prefixos são, do ponto de vista fonológico, palavras prosódicas, uma vez que recebem acento, mas, morfologicamente ainda figuram como afixos e não se estabelecem como palavras morfológicas, ainda que demonstrem mais autonomia vocabular do que os prefixos legítimos.

#### *3.1.4. Evidências morfológicas na composição*

A composição é tratada como o processo de formação de palavras complexas por meio da junção de dois ou mais elementos, que podem ser palavras ou radicais.

---

<sup>17</sup> Lee (1995) o núcleo das palavras prefixadas ocorrem sempre à direita, na sufixação á esquerda e na composição essa posição pode variar.

A palavra composta pode ter as seguintes formações no PB:

- (114) a) couve-flor → <<couve><sub>MW</sub> < flor ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [couve]<sub>PW</sub> [flor]<sub>PW</sub>  
 b) primeiro-ministro → <primeiro><sub>MW</sub> < ministro ><sub>MW</sub> ->  
 [primeiro]<sub>PW</sub> [ministro]<sub>PW</sub>  
 c) ferrovia → <<ferro><sub>MW</sub> < via ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ferrovia]<sub>PW</sub>  
 d) fonólogo → <<\_\_\_\_> <\_\_\_\_> ><sub>MW</sub> -> [fonólogo]<sub>PW</sub>

Em 114(a), temos duas formas livres, que são palavras correntes da língua, que se uniram para formar outra palavra, como vimos. O resultado é a formação de uma palavra morfológica composta por duas palavras prosódicas, já que ambas (couve e flor) possuem acento. Como já dissemos, tal formação é chamada por Lee (1995) de composto lexical.

O exemplo 114(b) se difere do exemplo 114(a), porque as palavras que formam tal composto possuem maior autonomia vocabular do que em (a). Podem, por exemplo, sofrer flexão de número entre seus elementos formadores (primeiros-ministros). Em (b), temos o que Lee chama de compostos pós-lexicais, palavras que passam por processos típicos do componente sintático da língua. Trata-se, portanto, de duas palavras morfológicas e duas palavras prosódicas.

A palavra composta em 114(c) é o resultado da junção de duas formas livres que, ao se unirem, formam somente uma palavra morfológica, assim como ocorre em (a). No entanto, diferem-se porque formam ao final da composição uma única palavra prosódica pelo fato de receberem somente um acento (ferrovía).

Em 114(d), para formar uma palavra composta, temos a união de dois radicais. Radicais são considerados como formas presas na língua porque, sozinhos, não se estabelecem como palavras. São, pois, morfemas e não formas livres. A exemplo de (c), também recebem apenas um acento ao final da composição, configurando-se, também, como somente uma palavra prosódica cada um.

Verificamos, pela análise dos exemplos 114(a-d) que, embora sejam considerados como palavras compostas na língua, sob o ponto de vista prosódico, somente (a) e (b) formam composições fonológicas. Isso deixa clara a falta de isomorfia entre componentes prosódicos e morfológicas.

Como vimos, os compostos no PB podem ser formados pela concatenação de palavras ou pela concatenação de radicais.

Ao descrever os compostos do PB, Lee (1995) afirma que existem dois tipos distintos: os compostos lexicais (ou verdadeiros compostos), e os compostos pós-lexicais são idênticos às palavras sintáticas e, por isso, considerados como falsos compostos. A tipologia de cada uma das categorias é a que segue abaixo:

(115)

### **Compostos lexicais**

N + N - ferrovia, autopeça, radiotáxi

A + A - ítalo-brasileiro, médico-cirúrgico

V + N - guarda-chuvas, puxa-saco, toca-discos

### **Compostos pós-lexicais**

N + (p) + N - sofá-cama, homem-rã, pé de moleque

N + A - boia-fria, pão-duro, carro-forte

A + A - surdo-mudo

A + N - curto-circuito, primeiro-ministro, boa-vida

Os compostos lexicais, de acordo com Lee, são sintaticamente opacos, ou seja, esses compostos se comportam como uma unidade (uma palavra comum) em relação a processos morfossintáticos, pois não permitem flexão, derivação nem concordância entre seus elementos. Para mais bem entender essas características, vamos dividir os compostos lexicais em dois, tendo em vista seus componentes prosódicos e morfológicos.

#### 3.1.4.1. Compostos lexicais do tipo I

São os compostos do tipo N + N, formados a partir de um domínio morfológico e um domínio prosódico. No contexto morfológico, tem-se a união de duas palavras (ferro + via) para formar somente uma palavra morfológica, com significado próprio. No contexto prosódico, forma-se somente uma palavra prosódica, uma vez que os elementos formadores estão de tal forma integrados que recebem somente um acento.

(116) a) ferrovia (ferro + via)

b) autopeça (auto + peça)

c) radiotáxi (radio + táxi)

Os exemplos em (a-c) mostram que essa composição é o resultado da união de duas palavras morfológicas (formas livres), cada uma com seu significado, que, ao se juntarem formaram outra palavra morfológica com um significado distinto, embora relacionado com os elementos formadores.

Os compostos formados por radicais resultam da junção de duas formas presas que formam uma palavra morfológica.

(117) biólogo (bio + logo)

geógrafo (geo + grafo)

Morfologicamente, diferem-se de compostos tais como ferrovia, cuja formação se dá pela junção de duas palavras, ou seja, duas formas livres. Já compostos como biólogo e geógrafo são formados por radicais que, sincronicamente, são tratados como formas presas.

No que diz respeito ao sentido, os radicais são de origem grega e latina e representam palavras.

(118) biólogo -> bio (vida) + logo (estudo)

geógrafo -> geo (terra) + grafo (escrita)

Notamos que, ao unirem em composição, assim como ferrovia, resultam em um significado distinto dos radicais, embora tenham alguma relação de sentido: biólogo é o estudioso da área biológica e geografia é o estudo das questões espaciais, geográficas.

### 3.1.4.2. Compostos lexicais do tipo II

São formados a partir de um domínio morfológico e dois domínios prosódicos. Morfologicamente, duas palavras se unem (puxa + saco), para formarem somente uma palavra morfológica, a exemplo dos compostos lexicais do tipo I. Contudo, fonologicamente, formam duas palavras prosódicas, pois carregam dois acentos primários.

(119) a) guarda-chuva

b) puxa-saco

c) couve-flor

Os exemplos (a-c) mostram que esses compostos são formados por duas formas livres que se juntam para formar outra palavra morfológica. Quanto ao fator semântico, os compostos de (a) e (c) demonstram relação de sentido com seus elementos formadores. Já no composto (b), não há relação de sentido da formação resultante com as palavras que o formaram: *puxa-saco* significa “bajulador”.

Para tratar desse critério semântico, Sandmann (1990), classifica os compostos em dois tipos: compostos endocêntricos e compostos exocêntricos. Os compostos endocêntricos são aqueles que têm o significado relacionado aos significados dos seus próprios constituintes, como os exemplos (a) e (c). Nesse caso, o núcleo do composto determina sua referência. No caso de *couve-flor*, o núcleo é *couve*, que nomeia um tipo de couve, e a palavra *flor* é uma designação metafórica. Os compostos exocêntricos, exemplificado em (b),

têm significado determinado por metáfora ou metonímia. A formação *puxa-saco* é totalmente metafórica, segundo o autor, o falante faz uma alusão algo relacionado a fatores culturais para atribuir esse significado.

A formação do composto lexical do tipo II se assemelha à dos prefixos acentuados, uma vez que ambos são formados por uma palavra morfológica e duas palavras prosódicas. Além disso, são sintaticamente opacos, uma vez que a forma resultante é somente uma palavra morfológica, as flexões e as derivações entre seus constituintes são rejeitadas.

Para comprovar nossa afirmação, façamos uma comparação entre uma formação de prefixo que funciona como palavra fonológica (*ex-professor*) à formação considerada por Lee como composto lexical (*guarda-roupa*):

- i. recebe flexão apenas na posição final:

(120) *ex-professores*; *guarda-roupas*

- ii. forma diminutivo:

(121) *ex-professorzinho*, *guarda-roupinha*

- iii. apresenta a sequência Determinante (DT) + Determinado (DM):

(122) *ex-professor*; *guarda-roupa*  
 ↓     ↓     ↓     ↓  
 DT   DM   DT   DM

- iv. não manifesta concordância de gênero e número entre seus elementos:

(123) \*exs-professores; \*guardas-roupas

Percebemos que todas as propriedades peculiares ao composto lexical guarda-roupa foram atribuídas também à formação ex-professor: Morfologicamente, quando unidos a uma base, funcionam como uma só palavra; já fonologicamente, funcionam como duas, daí serem chamados também de compostos fonológicos.

Não podemos afirmar, todavia, que as representações são idênticas. Morfologicamente, esses compostos lexicais são formados por duas formas livres. Já o prefixo acentuado é um afixo que se adiciona à esquerda de uma palavra base. Logo, prefixos não possuem a mesma autonomia vocabular que o composto. Outra diferença quanto à formação é que prefixos se submetem a categorial lexical da palavra a que une, uma vez que ela é o núcleo na derivação. Todavia os compostos, na maioria das vezes, formam substantivos, independentes das categoriais gramaticais dos elementos formadores:

(124) a) corre-corre (verbo + verbo) = substantivo

b) guarda-chuva (verbo + substantivo) = substantivo

### 3.1.4.3. Compostos pós-lexicais

São formados a partir de dois domínios morfológicos e dois domínios prosódicos. Assim como compostos lexicais do tipo II e formações com prefixos acentuados, são formados por duas palavras prosódicas.

- (125) a) primeiro-ministro  
 b) curto-circuito  
 c) pão-duro

Todavia, diferem-se deles porque, morfológicamente, os compostos pós-lexicais consistem em duas palavras morfológicas, que têm visibilidade na Sintaxe. Por isso, aceitam, por exemplo, concordância entre seus elementos.

- (126) primeiros-ministros

O que não é permitido nem para compostos lexicais, nem para formações com prefixos acentuados.

- (127) \*ferrosvias, \*puxas-sacos, \*prés-escolas

### 3.1.5. Evidências morfológicas na sufixação

Sufixos são afixos que se anexam ao lado direito das palavras, o que provoca algumas alterações na palavra base, distintamente do prefixo, que,

pelo fato de ser anexado ao lado esquerdo, não influencia a formação nem a categoria da palavra núcleo.

O sufixo, ao ser anexado, pode (ou não) alterar a forma da palavra base, ocorrendo perda ou ganho de material fônico. Além disso, a sufixação tem o poder de alterar a categoria gramatical da palavra derivada.

(128) a) brasil --> brasil + eiro = brasileiro

b) casa --> casa + eiro = caseiro

Nesses casos, temos dois substantivos que formam adjetivos. Em (a), não houve a necessidade de alterar a forma da palavra base para receber sufixo. Já em (b), o marcador de palavra de *casa* é apagado, uma vez que o marcador de gênero está no sufixo.

De acordo com Lee (1995, p. 40), “o gênero das formas não-verbais do PB é imprevisível e idiossincrático”. Segundo o autor, a vogal temática do não verbo que fica à margem direita de seu domínio é o marcador de palavra, que tem a função fonológica e morfológica de ser o marcador de gênero. Ao receber um sufixo derivacional, porém, essa vogal perde o estatuto de marcador de palavra e pode ser apagada. Isso acontece porque o sufixo *-eiro* pode determinar o gênero do radical derivacional.<sup>18</sup>

No caso dos sufixos diminutivos *-inho* há uma diferença: o marcador de gênero deve preceder a sufixação.

---

<sup>18</sup> De acordo com Lee, esse apagamento está sujeito à Condição de Perifericidade em que o constituinte pode ser extramétrico se, e somente se, ficar à margem designada (direita ou esquerda) de seu domínio. (LEE, 1995, p. 27)

(129) a) a casaN + inho --> a casinhaN, \*a casinho

b) o gatoN + inho --> o gatinhoN \* o gatinha

(LEE, 1995, p. 39)

Lee mostra, nesses exemplos, que, se o gênero não existe antes da formação do diminutivo, não é possível identificar o gênero e a categoria da palavra derivada (diminutivo), uma vez que o sufixo diminutivo não contém traços de categoria e de gênero. Conforme o autor, o gênero e a categoria da palavra derivada são determinados pela cópia dos traços de radical derivacional.

Com relação à combinação de derivação e flexão que se encontram juntas ao lado direito da base, podemos afirmar, juntamente com Lee, que os processos derivacionais sempre precedem os processos flexionais:

(130) a. [[[menin] ada] s]

b. \*[[[menin] s] ada]

(LEE, 1995, p. 44)

Os exemplos mostram que o sufixo não pode ser acrescentado à palavra flexionada, pois os afixos flexionais não podem ocorrer antes de afixo derivacional, como em (b). O afixo derivacional -ada deve ocorrer antes do afixo flexional -s, como em (a).

Existe um grupo de sufixos especiais que são as formações produtivas com os sufixos -zinho e -mente. Eles se diferenciam dos demais sufixos porque eles mesmos são radicais derivacionais, já que também recebem acento. Logo,

essas formações são, fonologicamente, também casos de composição, pelo fato de a elas serem atribuídos dois acentos primários, como será explicado na próxima seção:

- (131) a) cáfe**z**inho  
 b) fórmalmé**n**te

Apesar de receberem acento, morfologicamente, assemelham-se aos demais sufixos, já que são formas presas e não se podem isolar da base. Também têm em comum o fato de ambos estarem sujeitos à fatoração:

- (132) real e natural**ista**  
 feliz e alegre **mente**

Em síntese, podemos afirmar que existem dois tipos de sufixos:

- i. aqueles que são afixos e formam com a palavra a que se anexam uma palavra prosódica apenas.
  - São formas presas e não podem se estabelecer sozinhos como palavras da língua.
  - Podem ser fatorados: real e natural**ista**
- ii. os sufixos especiais -zinho e -mente que se constituem como palavra prosódica e formam com a base uma composição fonológica.

- Morfologicamente: são formas presas e, por isso, podem aparecer isolados da base.
- A fatoração é permitida nas formações produtivas: feliz e alegre **mente**.

As evidências morfológicas reunidas nesta seção mostraram que a verificação das noções de forma livre e a fatoração são critérios importantes para a caracterização da palavra prosódica no PB. Vimos também, no entanto, que somente esses critérios não são suficientes para identificação desse constituinte. Vimos que existem elementos que podem ser fatorados, mas nem por isso podem ser considerados autônomos prosodicamente. No que diz respeito à forma livre, é certo que toda forma livre é uma palavra prosódica, mas nem toda palavra prosódica é uma forma livre, como os sufixos *-mente* e *-zinho*, por exemplo.

Será necessário, portanto, avaliar as evidências prosódicas para chegar a uma conclusão mais precisa sobre os fatores que determinam o estatuto da palavra prosódica no PB.

### **3.2. Evidências prosódicas na busca do estatuto da palavra prosódica no PB**

Como já demonstramos, a maioria dos estudiosos (NESPOR; VOGEL, 1986; LEE, 1995; SCHWINDT, 2000; BISOL, 2000, 2004; VIGÁRIO, 2001, entre outros) assumem que o acento primário é um importante critério para identificação do constituinte palavra prosódica no PB. Do mesmo modo,

reiteramos a afirmação de que toda palavra prosódica recebe um e apenas um acento primário.

Tendo em vista que um dos objetivos deste trabalho que é destacar as contribuições do componente morfológico para a análise do estatuto da palavra prosódica no PB, assumimos, portanto, as propostas de Lee (1995, 1997, 2002) relativas ao acento primário e secundário do PB.

Segundo Lee (1997), o acento primário no PB é previsível e sempre cai numa das três últimas sílabas da palavra. Ele afirma que as análises anteriores sobre acento nessa língua levam em conta o domínio de aplicação de regras, a sensibilidade à quantidade e a sensibilidade à categoria lexical. O autor argumenta, todavia, que no PB o acento é insensível à quantidade, porém sensível à categoria lexical. Isso pode ser constatado quando o sufixo é acrescentado ao radical: na maioria das vezes, o acento muda para o sufixo, como em *cása* -> *caséiro*.

As abordagens do autor são relevantes para esta tese, uma vez que leva em consideração a formação morfológica da palavra e a estrutura interna da palavra. Ele estabelece que a regra de acento primário se aplica ao radical derivacional para os não verbos e na palavra prosódica, para os verbos, e mostra como funciona essa regra nas diferentes formações de palavra no PB. Por exemplo, no caso dos compostos lexicais, como em *guarda-chuva*, o acento primário é atribuído lexicalmente em cada domínio prosódico, formando duas palavras prosódicas distintas. No caso dos prefixos, o acento primário é critério distintivo para mostrar que há tipos diferentes de prefixos no PB, como mostraremos a seguir.

Analisaremos como se dá o acento nos prefixos, sufixos e compostos no PB. Visto que o principal critério para identificação da palavra prosódica é o acento primário, deveremos observar como isso se dá nas formações prefixais, sufixais e composições.

### *3.2.1. O acento nos prefixos*

No início deste capítulo, mostramos, conforme Moreira (2003), que existem três tipos de prefixos no PB, tendo em vista as evidências morfológicas e prosódicas implicadas nas formações prefixais. Mostramos também, nas seções precedentes, que essa tripla divisão se justifica no que diz respeito aos fatores morfológicos. Procederemos, então, à análise prosódica desses prefixos, com o intuito de reforçar a diferença existente entre eles e mostrar que somente um deles pode ser considerado palavra prosódica no PB.

#### *3.2.1.1. Prefixos que funcionam como palavra prosódica*

Existem prefixos que funcionam como palavra prosódica na língua, pois são acentuados. Por isso, formam com a base a que se ligam uma composição fonológica, já que ambos, prefixo e base, recebem acento primário. Em geral, pertencem a esse grupo prefixos monossilábicos tônicos, tais como *pré* e *pós* (exemplo (a)); e prefixos dissilábicos acentuados, tais como *auto*, *super*, *mega* e *infra* (exemplo (b)).

<\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW

a) pré-silábico → <pré< silábico > MW > MW -> [pré]<sub>PW</sub> [silábico]<sub>PW</sub>

b) autoescola → <auto< escola > MW > MW -> [auto]<sub>PW</sub> [escola]<sub>PW</sub>

Os exemplos mostram que morfologicamente temos um afixo e uma palavra. Prosodicamente, entretanto, temos duas palavras, em que afixos preservam sua autonomia prosódica na fronteira com as palavras a que estão anexados e, por isso, estão sujeitos a processos fonológicos típicos de palavras.

(134)

a) prĕ-silábico

b) aut[U]escola

Verificamos, no exemplo (a), que a vogal média baixa foi mantida, preservando a independência fonológica do prefixo e demarcando a fronteira entre palavras prosódicas. Já em (b), ocorreu a redução da átona final, que também é um processo típico de final de palavra.

Sobre o prefixo pré-, é interessante observar que há duas ocorrências dele em formações da língua.

Numa delas, o acento é evidenciado pela manutenção da vogal média baixa, o que é uma evidência de que ele se comporta como palavra prosódica independente.

(135) pr[ɛ]-história

E a outra se dá quando ele se incorpora à palavra base e, sincronicamente, não é reconhecido pelo falante. Nesse caso, ocorre o alçamento da vogal média do prefixo em posição pretônica.

(136) pr[e]ver

Esse é um dado importante para afirmarmos que, nesse caso, o prefixo não é uma palavra prosódica independente.

Quanto à redução da átona final, podemos notar que, por ser um fenômeno que ocorre em final de palavra, não o podemos identificar quando se trata de junções de palavras que constituem somente uma palavra prosódica:

(137) ferrovia --> \*ferr[U]via  
 espaçonave --> \*espaç[U]nave

E também não ocorre em formações que contêm prefixos inacentuados:

(138) coabitar --> \*c[U]abitar

É possível, portanto, afirmar que a redução da vogal átona ocorre somente em final de palavra prosódica, o que torna esse fenômeno um bom diagnóstico para identificação da palavra prosódica, assim como a manutenção da vogal média.

O sândi vocálico externo, especificamente o fenômeno da elisão, pode ocorrer com prefixos dissilábicos acentuados, pois é um processo que ocorre entre palavras.

- (139) a) intrauterino > intr[u]terino  
 b) infraestrutura > infr[e]strutura  
 c) blusa escura > blus[e]scura

O que ocorre com as formações com prefixo acentuados em (a) e (b), ocorrem também entre duas palavras comuns da língua, como em (c), em que as sílabas criadas pela elisão ficam no domínio de acento do vocábulo seguinte. No entanto, quando ocorre a elisão ocorre também uma alteração no sistema acentual, como, por exemplo, em (b):

- (140) ífra-estrutúra --> infr[e]strutúra/ infr[e]strutúra

Ao sofrer a elisão, o acento do prefixo é apagado, e a formação passa a ter uma só palavra prosódica com acento primário no radical derivacional, e é possível aplicar o acento secundário, que ultrapassa os limites entre prefixo e palavra. Isso demonstra que, ao sofrer a elisão, o prefixo *infra* perde o estatuto de palavra, uma vez que se integra à estrutura acentual de uma palavra prosódica apenas. Lee (2002) dá o nome de acento secundário lexical a esse acento secundário que é atribuído em relação à estrutura interna das palavras. Esse tipo de acento é um bom diagnóstico para identificação de palavras prosódicas, visto que, quando a formação possui duas palavras prosódicas, ele

não consegue ultrapassar os limites prosódicos entre as palavras. Vejamos o exemplo:

(141) a) hipermercado --> hípermercádo/\*hipérmercádo

b) felicidade --> félicidáde/felícidáde

Em (a), podemos observar que o acento secundário lexical só pode ser atribuído dentro do domínio de uma palavra prosódica. O acento não ultrapassa as fronteiras lexicais, pelo fato de o prefixo hiper e a palavra base mercado serem palavras prosódicas independentes. Já em (b) podemos ter alternância de acento secundário, por se tratar de uma junção de palavra base e sufixo, que formam somente uma palavra prosódica.

Assim, podemos concluir a atribuição de acento secundário em infraestrutura, que constrói somente um domínio prosódico, ocorre distintamente do que em hipermercado, que possui dois domínios prosódicos.

Outra formação interessante é a palavra Infraero,<sup>19</sup> que é uma palavra formada a partir das palavras infraestrutura aeroportuária, por um processo conhecido como fusão vocabular, em que há a junção de partes das palavras das quais se originaram. Nessa formação, o acento recai sobre aero e ao prefixo infra não é atribuído acento, o que resulta em uma só palavra prosódica, semelhantemente ao que ocorre com a formação infr[e]strutura. No entanto, em infraero ocorre o processo de degeminação (infra + aero = infraero), processo que pode ocorrer em formações onde há a junção de duas formas morfológicas que projetam somente uma palavra prosódica, como em compostos (água +

---

<sup>19</sup> Empresa brasileira de infraestrutura aeroportuária.

ardente = aguardente) e em formações com prefixos sem acento (co + ordenar = cordenar). Já em formações em que há prefixos acentuados, a degeminação pode ser bloqueada:

(142) mégaa-áula --> \*megáula

microo-ônibus --> \*micrónibus

Tendo em vista as evidências apontadas, podemos afirmar que **prefixos acentuados são palavras prosódicas, já que podem constituir determinados contextos como forma livre e formam com a base a que se ligam duas palavras prosódicas, ou seja, uma composição fonológica.**

Os mais conhecidos são ante, anti, auto, bi, contra, entre, ex, extra, hiper, infra, inter, intra, justa, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, pan, para, pós, pré, pró, pseudo, recém, sem, semi, sobre, super, supra, trans, tri, ultra, vice.

### 3.2.1.2. Perda da consciência da prefixação

Existem prefixos que sincronicamente não são mais reconhecidos pelo falante. Logo, as palavras que os possuem não apresentam estrutura interna e são considerados, sob o ponto de vista morfológico, como uma palavra primitiva. Fonologicamente, assim como qualquer palavra primitiva, possuem somente um acento primário e constituem, portanto, somente uma palavra prosódica. Pode ser assim representado:

(143)

< \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> - > [ \_\_\_\_\_ ] <sub>PW</sub>

inspirar → < inspirar > <sub>MW</sub> - > [ inspirar ] <sub>PW</sub>

conceber → < conceber > <sub>MW</sub> - > [ conceber ] <sub>PW</sub>

reduzir → < reduzir > <sub>MW</sub> - > [ reduzir ] <sub>PW</sub>

destruir → < destruir > <sub>MW</sub> - > [ destruir ] <sub>PW</sub>

Nesses exemplos, os prefixos in-, con-, re- e des- não se comportam como afixos, pois foram de tal forma integrados à palavra base, que não são mais visíveis como prefixos. As representações acima mostram que os limites prosódicos nessas formações se igualam ao das palavras simples.

Nessas palavras o prefixo não recebe acento, uma vez que não são sequer identificados como prefixos e, mesmo que fossem, tais prefixos quando figuram como afixos no PB também não recebem acento, conforme veremos a seguir.

(144) a) reduzír

b) reestruturár

Em (a), temos a palavra em que o prefixo não é reconhecido, já em (b) o mesmo prefixo pode ser identificado com afixo, de modo que podemos atribuir a ele sentido (re- significa “fazer de novo”, “repetir”). Já em (a), não conseguimos depreender o sentido do prefixo re- dissociado da base. No entanto, no que diz respeito ao acento, em ambas as palavras re- não recebe o acento, que é atribuído no radical derivacional. Em (b), mesmo que o afixo seja reconhecido como tal, ele não recebe acento porque não é uma palavra

prosódica independente. Prova disso é que entre eles e a palavra base são se aplicam regras fonológicas típicas de fronteira vocabular, tal como a redução da vogal em final de palavra:

(145) \*riestruturar

Portanto, temos justificativas suficientes para afirmar que os prefixos pertencentes a esse grupo não possuem evidências prosódicas nem evidências morfológicas de palavras prosódicas:

- i. fonologicamente: não são portadores de acento, já que se integram à base e esta que recebe o acento.

(146) \*respirar

- ii. seus limites prosódicos se igualam aos limites da palavra simples.

(147) [respirar]<sub>PW</sub>

#### 3.2.1.4. Prefixos genuínos

Há prefixos que também não recebem acento, mas são identificados como afixos junto à palavra base e formam com ela somente uma palavra prosódica. Devem ser tratados como formas presas, que dependem da base a qual se anexam e não se podem estabelecer como formas livres da língua.

São, portanto, morfemas que se juntam a uma palavra morfológica modificando seu sentido dela, já que trazem a ela uma ideia acessória.

(148)

in + feliz → <in<feliz ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ infeliz ]<sub>PW</sub>

re + avaliar → <re <avaliar ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ reavaliar ]<sub>PW</sub>

des + fazer → <des<fazer ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ desfazer ]<sub>PW</sub>

Formam com ela uma só palavra prosódica. Portanto, trata-se de somente uma palavra morfológica e uma palavra prosódica, como podemos observar nas representações acima.

(149)

<\_\_\_\_><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>

infelíz → <in<felíz ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ infelíz ]<sub>PW</sub>

Em infeliz, o prefixo in- não influencia na atribuição de acento da palavra. A atribuição de acento leva em conta o radical derivacional felíz, que termina em sílaba pesada, portanto o acento cai naquela sílaba.

Logo, podemos afirmar que prefixos que são afixos legítimos não influenciam o padrão acentual da palavra base, uma vez que, segundo Lee (1995), tal acento cai sempre no radical derivacional. Sendo assim, esse é mais argumento a favor de que formações com esses prefixos têm o mesmo comportamento prosódico de uma palavra primitiva.

Podemos também buscar evidências nas regras fonológicas. Esses prefixos estão sujeitos a processos fonológicos tipicamente de prefixos. Por exemplo, esses prefixos tendem a evitar sequências de consoantes [+Son], reparando essa estrutura com apagamento.

(150) iN + legal --> ilegal

iN + [R]egular --> i[R]egular

iN + moral --> imoral

Esse processo, contudo, curiosamente, não ocorre em palavras primitivas:

(151) genro --> \*gero

Também não ocorre em formações nas quais o in- não é identificado como prefixo:

(152) INMETRO --> \*IMETRO

Nesse caso, temos uma palavra formada a partir do processo de siglagem, em que a partícula IN- é a forma reduzida da palavra instituto. Distintamente do que ocorre com o exemplo já citado imoral (in + imoral), em que o in- é um prefixo e está, logo, sujeito ao apagamento da nasal.

Verificamos, portanto, que o apagamento da nasal diante de consoante soante é um fenômeno típico de fronteira de morfema. Logo, é um bom

diagnóstico para identificação de prefixo genuíno, ou seja, de prefixo que não funciona como palavra prosódica.

A ressilabificação também pode servir para identificação de prefixo inacentuado. Em formações com o mesmo prefixo diante de bases iniciadas com vogal, ocorre a ressilabificação da nasal com a vogal seguinte:

(153) iN + esperado --> i[Nes]perado

iN + (h)ável --> i[Na]bil

iN + ativo --> i[NA]tivo

Observamos que tal fenômeno ocorre porque essas formações constituem uma só palavra prosódica. No entanto, em palavras compostas, a ressilabificação é bloqueada.

(154) bem-amado --> \*be[NA]amdo

O bloqueio ocorre porque bem é palavra prosódica independente. Então, ao se juntar a uma base, mantém sua integridade prosódica. O mesmo ocorre em formações com prefixos acentuados:

(155) pan-eslavismo --> p[ã]-eslavismo --> \*pa[NES]lavismo

Aqui temos um prefixo acentuado com nasal em posição de coda, que também bloqueia a ressilabificação, por se tratar de uma palavra prosódica autônoma.

Notamos, pois, que formações com prefixos genuínos permitem a ocorrência de processos fonológicos que acontecem no interior da palavra, mas bloqueiam processos fonológicos que ocorrem entre palavras.

Outro exemplo é a neutralização de /e, o/ em final de palavra, em que /i, u/, que ocorre em final de palavras (garotu lindu) e entre prefixos acentuados e palavra base (aut[u]escola), mas não é aplicada em formações com prefixos sem acento:

- (156) reorientar --> \*riorientar  
 coabitar --> \*cuabitar

É interessante observar que a neutralização de /e, o/ pode ocorrer no interior de palavras primitivas:

- (157) teatro --> t[ʃ]atro  
 coalho --> c[u]alho

Nesses exemplos temos palavras sem estrutura interna, o que as distingue das palavras do exemplo anterior, as quais possuem a estrutura interna de prefixo + palavra, em que o prefixo é um morfema.

Diante dos exemplos mostrados, verificamos que a neutralização é bloqueada em fronteira de morfema, mas é permitida em final de palavra e no interior de palavras primitivas. Logo, é um bom diagnóstico para diferenciarmos palavras com prefixo, palavras compostas e palavras primitivas.

Vale ressaltar, também, o que ocorre com o prefixo *sub*:

- (158) a) sublime  
b) sublingual

Em (a), temos, na verdade, uma palavra primitiva, já que o prefixo sub- não é reconhecido pelo falante. Em (b), o prefixo sub- pode ser identificado, o que pode ser comprovado pelo fato de haver a possibilidade de inserção de i após o prefixo (epêntese), na fronteira com a palavra. Em (a), a epêntese não é permitida, porque não identificamos o prefixo na estrutura da palavra.

- (159) a) \*sub[i]lime  
b) sub[i]lingual

É evidente, portanto, que, em formações com sub-, a epêntese ocorre em fronteira de prefixo com palavra, mas não ocorre no interior das palavras primitivas.

Outro argumento que diferencia prefixo genuíno e prefixo acentuado é a distribuição de acento secundário:

- (160) a) impiedoso --> impíedóso/ímpíedóso  
b) supermercado --> súpermercádo/\*supérmercádo

Em (a), podemos ter alternância de acento secundário, por se tratar de uma junção de palavra base a um prefixo e um sufixo que formam somente

uma palavra prosódica, não bloqueia a distribuição de acento secundário. Já em (b), podemos observar que o acento secundário lexical só pode ser atribuído dentro do domínio de uma palavra prosódica. O acento não ultrapassa as fronteiras lexicais, pelo fato de o prefixo *super-* e a palavra base *mercado* serem palavras prosódicas independentes.

Diante de tais argumentos, esta tese afirma que **são prefixos genuínos aqueles que não são acentuados e comportam-se como formas presas, ou seja, são dependentes da base a que se unem para formar uma só palavra prosódica.** Os mais conhecidos são *a-*, *ad-*, *co-*, *com-*, *de-*, *des-*, *di-*, *dis-*, *e-*, *em-*, *en-*, *es-*, *i-*, *im-*, *in-*, *re-*, *sub*.

Fica claro, portanto, que o acento primário, além de ser um critério para identificação de palavra prosódica, é também critério para diferenciar os prefixos no PB. Os prefixos inacentuados estão sujeitos a processos fonológicos tipicamente de afixos. Já os prefixos acentuados estão sujeitos a processos fonológicos típicos de palavras. Isso faz com que estes se assemelhem aos compostos no PB, como será mostrado na seção seguinte, já que formam uma composição fonológica com a base a que se unem. Também o acento secundário contribui para identificação da palavra prosódica, uma vez que ele só ocorre dentro do domínio prosódica da palavra. Quando ele pode ultrapassar esse limite, significa que não há duas palavras prosódicas, mas uma só.

### 3.2.2. O acento nos compostos

Prosodicamente, tendo em vista o acento primário, existem dois tipos de compostos: aqueles que apresentam um acento primário e aqueles que exibem dois ou mais acentos primários.

Os chamados compostos lexicais tipo I, conforme Lee (1995), possuem dois tipos de estruturas, tendo em vista as categorias lexicais dos elementos que os compõem. Os compostos lexicais com estrutura N + N, são constituídos por um domínio morfológico e um domínio prosódico. Logo, apresentam somente um acento primário.

(161)

<< ><sub>MW</sub> < ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>

ferrovia → <<ferro><sub>MW</sub> <via><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ ferrovía ]<sub>PW</sub>

espaçonave → <<espaço><sub>MW</sub> <nave><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ espaçonáve ]<sub>PW</sub>

Os exemplos mostram que esses compostos são formados a partir de duas formas livres (férro + vía e espaço + náve), sendo que cada uma possui um acento primário. Todavia, ao se juntarem, formam uma só palavra morfológica e uma só palavra prosódica, uma vez que recebem somente um acento primário ao final da composição.

Já os compostos lexicais do tipo II possuem comportamento prosódico semelhante às formações com prefixo acentuado, ou seja, os dois elementos que o compõem recebem acento primário e, por isso, são considerados

palavras prosódicas autônomas. Conseqüentemente, resultam em uma composição fonológica, como podemos visualizar na representação seguinte:

(162)

$\langle \langle \rangle_{MW} \langle \rangle_{MW} \rangle_{MW} \rightarrow [ \quad ]_{PW} [ \quad ]_{PW}$

puxa-saco  $\rightarrow \langle \langle \text{puxa} \rangle_{MW} \langle \text{saco} \rangle_{MW} \rangle_{MW} \rightarrow [\text{púxa}]_{PW} [\text{sáco}]_{PW}$

couve-flor  $\rightarrow \langle \langle \text{couve} \rangle_{MW} \langle \text{flor} \rangle_{MW} \rangle_{MW} \rightarrow [\text{cóuve}]_{PW} [\text{flór}]_{PW}$

Os exemplos mostram que os compostos lexicais resultam em uma unidade no componente morfológico, todavia, fonologicamente, podem ser constituídos por uma ou mais palavras prosódicas, tendo em vista o fato de receberem um ou mais acentos primários.

Compostos lexicais que recebem somente um acento, tais como *ferrovia* e *espaçonave*, estão de tal forma integrados que não estão sujeitos a processo fonológicos que atuam nos limites de palavras, como a redução vocálica em final de palavra:

(163) \*ferr[U]via

\*espaç[U]nave

Isso é comum entre os elementos dos compostos lexicais que possuem dois acentos, como podemos verificar no exemplo:

(164) couv[i]-flor

ítal[u]-brasileiro

O composto *ívalo-brasileiro* é formado por um radical e uma palavra que, prosodicamente, consistem em duas palavras prosódicas, conforme representado no esquema abaixo:

(165)

<<ívalo><sub>MW</sub> < brasileiro ><sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ívalo]<sub>PW</sub> [brasiléiro]<sub>PW</sub>

Lee (1997) utiliza esse composto como exemplo para desenvolver a análise do acento secundário no PB. De acordo com o autor, o acento secundário cai na segunda sílaba à esquerda a partir do acento primário, porém isso não é possível em compostos prosódicos, cuja delimitação prosódica em cada domínio impede que esse acento ultrapasse os limites lexicais:

(166) ívalo-brasiléiro -> ìvalo-brasiléiro /\*itàlo-bràsiléiro

(LEE, 1997, p. 152)

O exemplo mostra que a forma pela qual o acento secundário ultrapassa as fronteiras lexicais torna-se agramatical.

Nos compostos formados por dois radicais, cuja fronteira vocabular já não é mais visível, desfaz-se, também, o contexto para a redução da átona final.

(167) monólogo --> \*mon[u]logo

filosofia --> \*fil[u]sofia

Assim como os compostos lexicais do tipo I, os compostos formados por radicais possuem somente um acento primário ao final da composição e os elementos formadores não se realizam como palavras prosódicas independentes.

Igualmente aos compostos lexicais do tipo II, também recebem dois acentos os compostos pós-lexicais (cf. Lee, 1995).

(168) primeiro-ministro → <primeiro><sub>MW</sub> <ministro><sub>MW</sub> ->  
 [priméiro]<sub>PW</sub> [minístro]<sub>PW</sub>

Tais compostos possuem estrutura prosódica semelhante à dos compostos lexicais do tipo II, pelo fato de ambos resultarem em duas palavras prosódicas. No entanto, são diferentes na estrutura morfológica, já que os compostos pós-lexicais possuem duas ou mais palavras morfológicas e não são sintaticamente opacos. Por isso, diferentemente dos compostos lexicais, podem exibir concordância entre seus constituintes.

(169) presidentes<sub>u</sub>-ministros<sub>u</sub>  
 \*puxas<sub>u</sub>-sacos<sub>u</sub>  
 \*ferros<sub>u</sub>vias<sub>u</sub>

### 3.2.3. O acento nos sufixos

De maneira geral, os sufixos se comportam como afixos e, como tais, se anexam a uma base, não se podendo separar dela. No que diz respeito ao acento, sufixos se diferem de prefixos, uma vez que, no processo derivacional, o acento do radical derivacional pode ser apagado e, conseqüentemente, o sufixo pode carregar o acento.

(170) *brasíl* --> *brasiléiro*

*feliz* --> *felicidáde*

Dessa forma, podemos afirmar que as formas que possuem tais sufixos apresentam somente um acento primário e constituem, portanto, somente uma palavra prosódica, como podemos verificar na representação seguinte:

(171) *brásil* + *eiro* → <<brasíl ><sub>MW</sub> *eiro*> <sub>MW</sub> -> [ *brasiléiro* ] <sub>PW</sub>

Algumas formas sufixadas, devido a essa especificidade do acento, motivam o fenômeno da neutralização vocálica:

(172) *b[É]lo* --> *b[e]léza*

*h[Ó]spede* --> *h[o]spedágem*

Nesses exemplos, notamos que a alternância vocálica elimina o contraste entre as vogais médias baixas e as vogais médias altas na sílaba átona, evidência de que a qualidade vocálica é previsível nesses casos.

A redução vocálica em posição pretônica ocorre no interior da palavra prosódica, e a mudança da posição do acento ocorre no âmbito da palavra prosódica.

Dado que esse é um fenômeno que ocorre somente dentro da palavra prosódica, os compostos que constituem duas palavras prosódicas não serão afetados por esse processo. Eles preservam a vogal do primeiro elemento com qualidade média.

(173) rodapé ---> r[ɔ]dapé (\*r[o]dapé)

porta-copo --> p[ɔ]orta-copo (\*porta-copo)

A qualidade da vogal média baixa é preservada no primeiro elemento dos compostos, o que indica a presença do acento, que bloqueia o fenômeno da neutralização. Essa é uma evidência de que se trata de compostos formados por elementos prosodicamente independentes, ou seja, duas palavras prosódicas.

Também as formações produtivas, com os sufixos -zinho e -mente, não são afetadas pelo fenômeno da neutralização vocálica. (cf. LEE, 1995, p. 90)

(174) caf[É] --> caf[E]zinho

b[É]lo --> b[E]laménte

Isso ocorre porque nas formações produtivas, distintamente das outras formações sufixais, os próprios sufixos são radicais derivacionais, já que também recebem acento. Por isso, ambos, radical derivacional e sufixo, são formas acentuadas, ou seja, são palavras prosódicas, daí a diferença da qualidade vocálica, como em:

- (175) a) b[É]lo --> b[e]léza  
 b) b[É]lo --> b[E]lamente

Como vimos, em (a), por se tratar de uma única palavra prosódica, pois recebe somente um acento, ocorre a neutralização vocálica. Já em (b), o sufixo *-mente* também é acentuado, então o radical derivacional *b* mantém a vogal acentuada e forma com o sufixo um composto prosódico, assim como ocorre com os compostos lexicais do tipo II.

Já as formações com os sufixos *-inho* e *-zinho* não se sujeitam à regra de neutralização vocálica.

- (176) a) b[É]la -> b[E]linha  
 b) caf[É] -> caf[E]zinho

Também há diferenças entre os sufixos *-inho* e *-zinho*, já que somente *-zinho* é uma palavra prosódica, ao passo que o sufixo *-inho* não é acentuado. Então, prosodicamente formações com *-inho* são palavras derivadas, ao passo que as formações com *-zinho* formam um composto prosódico. Além disso, segundo Lee (1995), a palavra com o sufixo *-zinho* permite o morfema plural

entre o radical derivacional e o sufixo, enquanto o sufixo -inho não permite.

Vejamos os exemplos:

- (177) a) casinhas, \*casasinhas  
 b) hotelzinho -> hotezinhos  
 c) marzinho -> marezinhos

(LEE, 1995, p. 79)

Temos que os sufixos de formação produtiva podem provocar o deslocamento ou o apagamento de acento, como o autor demonstra nos exemplos seguintes:

- (178) a) càfezínho, fòmalménte  
 b) só, sozínho

(LEE, 1997, p. 11)

Nas formações como em (a), quando são atribuídos dois acentos adjacentes, como em /kafÉzínho/, ocorre um choque de acentos e, por isso, o acento do radical derivacional desloca-se para a esquerda. Os exemplos de (a) são casos de compostos fonológicos, nos quais existem sufixos acentuados que se juntam a uma palavra base, também acentuada, ambos considerados, portanto, palavras prosódicas independentes.

Já em (b), o acento do radical derivacional se apaga, de forma que a palavra formada não se configura como um composto fonológico, uma vez a ela será atribuído somente um acento primário.

Em suma, podemos afirmar que existem dois tipos de sufixos: aqueles que se unem à palavra base, formando com ela somente uma palavra prosódica, pelo fato de possuir somente um acento primário e os sufixos especiais -zinho e -mente que pelo fato de possuírem acento, são considerados como palavras prosódicas e formam, pois, um composto prosódico com a palavra base à qual se anexam.

Este capítulo apresentou as evidências morfológicas e prosódicas que nos levam a identificar a palavra prosódica na prefixação, sufixação e composição.

A seguir, apresentaremos um resumo das principais evidências morfológicas e prosódicas referentes aos processos de formação de palavras discutidas naquele capítulo.

#### **Podemos afirmar sobre a prefixação:**

- i. É um processo de derivação, no qual prefixos se posicionam ao lado esquerdo de uma palavra morfológica.
- ii. Prefixos não mudam a classe gramatical das palavras a que se adjungem.
- iii. Prefixos podem ser forma presa (sem acento) ou forma livre (com acento).
- iv. Prefixos genuínos são formas presas, por isso não se podem estabelecer distanciados da base. Se isolarmos o prefixo, mesmo dentro de um contexto, a sentença perde o sentido.

(179) Ele desorganizou os livros mas depois **re**\*. (re- : “de novo”)

- v. Prefixos apresentam uma identidade semântica: ao se anexar à palavra modificam o sentido dela, trazendo uma ideia acessória;
- vi. Prefixos com acento são formas livres e podem se isolar da base em determinados contextos, como em: o brasil conquistou o **penta**.
- vii. Prefixos com ou sem acento podem ser fatorados: des e refazer; ex e vice-prefeito.
- viii. Prefixos sem acento se comportam como afixos e formam com a base a que se ligam somente uma palavra prosódica.
- ix. Prefixos com acento comportam prosodicamente como palavra e formam com a base a que unem um composto prosódico.
- x. Formações com prefixo sem acento estão sujeitos a processos fonológicos que ocorrem no interior da palavra, tais como a assimilação da nasal.
- xi. Prefixos acentuados se sujeitam a regras fonológicas que ocorrem nos limites entre palavras, devido à sua independência prosódica, tais como a redução da vogal átona final, como em aut[u]avaliação. Assim como bloqueiam processos fonológicos que se dão no interior de palavras, como em:

(180) pan-eslavismo--> p[ã]-eslavismo

- xii. Prefixos acentuados têm comportamento prosódico semelhante aos compostos lexicais do tipo II, uma vez que ambos formam um composto prosódico.

- xiii. Existem prefixos que, sincronicamente, não são mais identificados como tais, ou seja, o falante do PB não o reconhece como afixo e a palavra em que ele se encontra é vista como um todo, ou seja, como uma palavra morfológica única, sem estrutura interna, como em *inspirar* e *reduzir*.

**Podemos afirmar sobre a composição:**

- i. É o processo em que ocorre a união entre duas palavras (formas livres), dois radicais (formas presas) ou um radical e uma palavra (forma presa + forma livre).
- ii. Os elementos da composição, ao se unirem, podem estar justapostos, conservando cada um a sua integridade, como em *couve-flor*.
- iii. Os elementos podem também ser aglutinados. Nesses casos, há perda (*planalto*) ou inserção de material fonético (*floricultura*). Os elementos formadores, embora sejam formas livres, se integram de tal modo que formam uma só palavra prosódica, já que recebem somente um acento primário.
- iv. Quanto ao sentido, nem sempre podemos determinar o seu significado de um composto a partir das palavras que os constituem, ou seja, o significado de um composto não é sempre a soma dos significados das partes. Há casos em que o significado da forma resultante é totalmente distinto de seus elementos formadores.

- v. Compostos lexicais do tipo I consistem em duas formas livres que se juntam e formam uma palavra morfológica e uma palavra prosódica, pelo fato de receberem somente um acento ao final da composição.
- vi. Compostos lexicais do tipo II são formados a partir de duas formas livres que se unem para formar uma palavra morfológica. Todavia formam duas palavras prosódicas, já que ambos os elementos formadores recebem acento. Compostos lexicais dos tipos I e II são sintaticamente opacos, uma vez que não aceitam flexão nem derivação entre seus elementos.
- vii. Compostos pós-lexicais consistem em duas formas livres que projetam duas palavras morfológicas e duas palavras prosódicas. Logo, não são sintaticamente opacos, uma vez que podem receber sufixos flexionais entre seus elementos.
- viii. Compostos lexicais do tipo II e compostos pós-lexicais estão sujeitos a redução da átona final, uma vez que ambos são formados por duas palavras prosódicas.

**Podemos afirmar sobre a sufixação:**

- i. É um processo de derivação, no qual os sufixos se posicionam ao lado direito de uma palavra morfológica;
- ii. Sufixos são sempre formas presas, pois não se podem estabelecer separados da base.
- iii. Sufixos mantêm uma relação de sentido com a base a que se ligam.

- iv. Sufixos tem o poder de mudar a classe gramatical das palavras a que se adjungem.
- v. O núcleo da palavra sufixada fica à esquerda, ou seja, é o próprio sufixo.
- vi. Sufixos podem carregar o gênero do radical derivacional.
- vii. Nos sufixos diminutivos o gênero e a categoria da palavra derivada são determinados pela cópia dos traços de radical derivacional (cf. Lee, 1995).
- viii. Sufixos podem ser fatorados: *real e naturalista*. Também nas formações produtivas a fatoração é permitida: *feliz e alegre mente*.
- ix. Na sufixação, os processos derivacionais sempre precedem os processos flexionais (cf. Lee, 1995).
- x. Quando o sufixo é acrescentado ao radical, na maioria das vezes, o acento muda para o sufixo.
- xi. Os sufixos *-zinho* e *-mente* são considerados sufixos especiais pelo fato de receberem acento primário e, portanto, serem considerados como palavras prosódicas.
- xii. Formações com sufixos *-mente* e *-zinho* forçam o deslocamento do acento secundário para evitar o choque de acentos.
- xiii. A sufixação pode motivar o fenômeno da neutralização vocálica. Já os sufixos especiais *-zinho* e *-mente* bloqueiam essa regra pelo fato de receberem acento e serem considerados como palavras prosódicas.

### 3.3. Em busca do estatuto da palavra prosódica

Após a análise das evidências morfológicas e prosódicas que caracterizam a palavra prosódica no PB, convém voltarmos ao objetivo geral desta pesquisa colocado na introdução, que foi o de analisar o estatuto da palavra prosódica no PB, tendo em vista a interação entre os componentes morfológicos e fonológicos, a fim de evidenciar a suma importância de analisar os processos de formação de palavras para caracterização da palavra prosódica.

Podemos afirmar que este capítulo cumpriu, em boa medida, esse objetivo, já que nele pudemos identificar a palavra prosódica nos principais processos de formação de palavras no PB. Ao descrever as evidências morfológicas e prosódicas das prefixações, composições e sufixações, ficou claro que, de fato, o acento primário é fundamental para verificação da palavra prosódica, todavia a análise do comportamento da palavra prosódica nessas formações, levando em conta a falta de isomorfia entre Morfologia e Fonologia, foi de suma importância para cumprir os objetivos deste estudo.

A análise desses processos de formação de palavras mostrou que eles são resultado dessa falta de coincidência entre palavra morfológica e palavra prosódica, o que confirma o que já havíamos apontado na introdução, ao apresentar um quadro que mostrava a relação pela qual palavras morfológicas podem ser constituídas uma ou mais palavras prosódicas, a depender do número de acentos:

PALAVRA MORFOLÓGICA	ACENTO	PALAVRA PROSÓDICA
só, mês, por, táxi, casa, lanterna, pássaro	1	1
desonesto, insatisfeito, cozinheiro, lealdade	1	1
couve-flor, guarda-roupa	2	2
planalto, floricultura	1	1
primeiro-ministro	2	2
chafé, portunhol	1	1
neura, refri	1	1
pré-avaliação, pós-graduação	2	2
chapeuzinho, felizmente	2	2

O quadro elenca as várias formações possíveis no PB e mostra que as palavras primitivas, derivadas e compostas podem resultar em uma ou mais palavras prosódicas.

Então, diante da análise aqui realizada, podemos agora sistematizar o que foi inicialmente apresentado no quadro acima.

**No PB, constituem palavra prosódica única:**

- i. palavras em que prefixos não são reconhecidos como afixos:

(182) < \_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW  
 < respirar > MW -> [ respirar ] PW

- ii. palavras que possuem prefixos genuínos:

(183) < \_\_\_\_ < > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW  
 < re < fazer > MW > MW -> [ refazer ] PW

## iii. compostos lexicais do tipo I:

(184) <<\_\_\_\_\_> MW < \_\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

ferrovia → <<ferro> MW <via> MW > MW -> [ ferrovia ] PW

## iv. compostos formados por radicais:

(185) <<\_\_\_\_> <\_\_\_\_> > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

monólogo → <<mono> <logo> > MW -> [ monólogo ] PW

## v. palavras que possuem sufixo derivacional (exceto -zinho e -mente):

(186) <<\_\_\_\_\_> MW \_\_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

brasileiro → <<brasil > MW eiro > MW -> [ brasileiro ] PW

## vi. formações resultantes de processos não lineares de formações de palavras no PB:

(187) < \_\_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

<cervéja > MW -> [cérva] PW

<<\_\_\_\_\_> MW < \_\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

<<saco> MW <picolé> MW > MW -> [sacolé] PW

**No PB, constituem duas ou mais palavras prosódicas, formando um composto fonológico:**

i. palavras que possuem prefixos acentuados:

(188) <\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
 <super<mercado>MW>MW -> [super]PW [mercado]PW

ii. compostos lexicais do tipo II:

(189) <<\_\_\_\_> MW <\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
 puxa-saco → <<puxa> MW < saco > MW > MW -> [púxa]PW [sáco]PW

iii. compostos pós-lexicais:

(190) <\_\_\_\_> MW <\_\_\_\_> MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
 primeiro-ministro → <primeiro> MW < ministro > MW ->  
 [priméiro]PW [minístro]PW

iv. formações produtivas com sufixo –mente e –zinho:

(191) <<\_\_\_\_> MW \_\_\_\_ >MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
 chapéuzinho → <<chapéu> MW zinho> MW -> [chapéu] PW [zínho] PW  
 felizmente → <<feliz > MW mente> MW -> [felíz] PW [ménte] PW

As representações acima demonstram claramente a falta de isomorfia entre Morfologia e Fonologia, já que as estruturas morfológicas e prosódicas das formações apresentadas na maioria das vezes não são correspondentes. Verificamos, por exemplo, que duas palavras morfológicas podem formar uma só palavra prosódica, como no caso dos compostos lexicais do tipo I (*ferro + via = ferrovia*) e dos *blends* (*saco + picolé = sacolé*), assim como temos uma palavra morfológica que resulta em duas palavras prosódicas, tais como as formações com prefixos acentuados (*super + mercado = supermercado*) e as formações com os sufixos *-mente* e *-zinho* (*feliz + mente = felizmente* e *chapéu + zinho = chapéuzinho*). Isso se justifica, uma vez que tais prefixos e sufixos, ainda que acentuados, não se configuram como uma palavra morfológica, porque, como mostramos na seção 3.1, não se estabelecem como formas livres no PB, todavia, fonologicamente, trata-se de compostos prosódicos.

Diante das evidências demonstradas, ficou claro que a análise da estrutura morfológica das palavras é essencial para a caracterização do estatuto da palavra prosódica no PB. Nesse sentido, se perguntarmos “quais são as palavras prosódicas no PB?”, a resposta fará menção a elementos morfológicos da língua.

Portanto, a análise apresentada nesta tese mostra argumentos suficientes a favor da afirmação feita no capítulo 2 e ao início deste: **os elementos morfológicos que devem ser considerados palavras prosódicas individuais no PB são:**

- i. radical + (marcadores);

< \_\_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

ii. radical + (sufixos derivacionais) + (marcadores);

<< \_\_\_\_\_ > MW \_\_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

iii. os prefixos acentuados que, ao se unirem a uma base, mantêm sua independência fonológica;

< \_\_\_\_\_ > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW

iv. os prefixos inacentuados juntamente com o radical ao qual se juntam;

< \_\_\_\_\_ < \_\_\_\_\_ > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

v. cada parte de um composto lexical que consiste em duas palavras prosódicas. (cf. LEE, 1995);

<< \_\_\_\_\_ > MW < \_\_\_\_\_ > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW

vi. cada parte do composto pós-lexical. (cf. LEE, 1995);

< \_\_\_\_\_ > MW < \_\_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW

vii. palavras compostas que formam somente uma palavra prosódica;

<< \_\_\_\_\_ > MW < \_\_\_\_\_ > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

viii. palavras compostas por radicais;

<< \_\_\_\_\_ > < \_\_\_\_\_ > > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

ix. os sufixos *-mente* e *-zinho*.

<<\_\_\_\_\_> MW \_\_\_\_\_>MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW

x. formações resultantes de processos não lineares de formação de palavras, tais como *blends*, truncamento, hipocorísticos e alguns casos de reduplicação.

<<\_\_\_\_\_> MW < \_\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW (blends)

< \_\_\_\_\_> MW - > [ \_\_\_\_\_ ] PW (truncamento, hipocorísticos e reduplicação<sup>20</sup>)

Os elementos elencados acima mostram que, além das palavras primitivas, podemos ter prefixos, elementos da composição e até sufixos que se estabelecem como palavras prosódicas independentes.

Neste momento da análise temos, então, argumentos suficientes para responder à pergunta central desta tese, mencionada na introdução: qual é o estatuto da palavra prosódica no PB, tendo em vista a interação Morfologia-Fonologia no PB?

**A palavra prosódica no PB é aquela que:**

**i. é identificada na estrutura morfológicas das palavras dessa língua;**

<sup>20</sup> Consideramos aqui os casos de reduplicação em que se repete uma das partes de uma mesma palavra, tais como Viviane (Vivi) e Eduardo (Dudu).

- ii. **é domínio de atribuição de acento primário, o que implica que cada palavra possui somente um acento primário;**
- iii. **é domínio de acento secundário, uma vez que este não ultrapassa as fronteiras lexicais;**
- iv. **é domínio de aplicação de processos fonológicos, tais como a neutralização da átona final, que ocorre na fronteira vocabular, e a redução vocálica em posição pré-tônica, que se dá no interior da palavra;**
- v. **é domínio para formação de palavras resultantes de processos não concatenativos de formação de palavras;**
- vi. **nem sempre coincide com a palavra morfológica nas formações da língua: podemos ter uma palavra morfológica que consiste em duas ou mais palavras prosódicas e, de outro modo, uma palavra prosódica resultante da junção de duas ou mais palavras morfológicas; e**
- vii. **só pode ser caracterizada através da análise dos processos de formação de palavras no PB.**

Logo, podemos afirmar que o critério para a verificação do estatuto da palavra prosódica no PB é a análise das evidências morfológicas e fonológicas desse constituinte nos diversos processos de formação de palavras nessa língua.

### 3.4. Síntese do capítulo

A análise das evidências prosódicas e morfológicas dos processos de prefixação, sufixação e composição mostradas neste capítulo mostraram a importância de se analisar a interação entre os componentes morfológicos e fonológicos para cumprir os objetivos desta tese. Ao explicitarmos a estrutura desses componentes, ficou notória a falta de isomorfia entre eles. E é justamente nessa relação não biunívoca que é possível identificarmos a palavra prosódica no PB e esclarecermos o seu estatuto.

Além disso, essas evidências serviram como forte argumento a favor da lista apresentada neste capítulo, na qual elencamos os elementos morfológicos que consideramos como palavras prosódicas no PB. Em seguida, reforçamos os argumentos que justificam tal lista, para depois, finalmente, demonstrar quais são as características peculiares que definem a palavra prosódica no PB.

Importa ainda, no entanto, fornecer alguns argumentos adicionais para justificar:

- i. o fato de os clíticos não estarem presentes na referida lista, ou seja, não serem considerados como palavras prosódicas; e
- ii. a inserção nessa lista de palavras formadas a partir de processos não-lineares de formação de palavras, tais como *blend* e hipocorísticos, quem se constituem, na maioria das vezes, em somente uma palavra prosódica no PB.

Para isso, no capítulo seguinte, apresentaremos uma breve análise da estrutura morfológica e prosódica dos clíticos e dos processos não lineares de formação de palavras no PB.

## 4. CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS IMPORTANTES PARA A ANÁLISE

### 4.1. A palavra prosódica e os clíticos no PB

Muitos autores já problematizaram a situação dos clíticos no PB. O cerne dessa discussão é a (não) possibilidade de o clítico ser considerado uma palavra prosódica e se aquele deve constituir um grupo autônomo na hierarquia prosódica, diferente de palavra prosódica, sílaba e pé. Alguns autores consideraram como a melhor alternativa inseri-los na hierarquia prosódica como um grupo separado, outros optam por dividi-los em grupos distintos.

Nespor e Vogel (1986), ao construir a hierarquia prosódica, afirmam que o clítico, junto com seu hospedeiro, forma um constituinte prosódico no contexto sintático, o grupo clítico, que se localiza entre a palavra prosódica e a frase fonológica.

Vigário (2007, 2010), contrapondo-se à proposta de Nespor e Vogel, criou o grupo da palavra prosódica para substituir o grupo clítico. A autora defende, então, a eliminação do grupo clítico em favor da criação do grupo da palavra prosódica, que inclui, segundo ela, clíticos e palavras prosódicas simples e compostos. Também Toneli (2014), corroborando a proposta de Vigário, argumenta numa proposta de divisão em níveis lexicais, em que o clítico é prosodizado como sílaba átona no léxico e, no pós-léxico, junta-se a uma palavra prosódica e com ela forma o Grupo da Palavra Prosódica.

Entretanto, tais análises mostram-se problemáticas, uma vez que clíticos e palavras prosódicas possuem propriedades prosódicas que os distinguem. Além disso, propor a exclusão do grupo clítico da hierarquia prosódica é

desconsiderar as especificidades dos clíticos que os distinguem significativamente dos demais constituintes da hierarquia prosódica.

No que diz respeito aos objetivos desta tese, podemos afirmar, com efeito, que o clítico se difere da palavra prosódica por ter natureza frasal e também pelo fato de não receber acento. Nesse sentido, concordamos com Nespor e Vogel, quando argumentam que não é possível classificá-los como parte de uma palavra prosódica ou de uma frase fonológica devido a seu caráter híbrido, por estarem em posição intermediária entre afixos e palavras, uma vez que não se comportam como afixos de uma palavra tampouco como palavra independente, justificando a necessidade de um domínio para os acomodar.

Como afirmarmos no capítulo 2, no entanto, não é propósito desta tese definir qual domínio prosódico abrigaria clíticos e palavras prosódicas. Sabemos que é essa uma discussão importante e necessária para os estudos fonológicos, todavia foge aos objetivos a que nos propusemos nesse trabalho.

Ainda assim, os argumentos utilizados pelos autores a favor da inserção desses constituintes (clíticos e palavras prosódicas) são importantes para delinear as peculiaridades prosódicas e morfológicas de ambos, o que é relevante para nossa análise, que pretende caracterizar o estatuto da palavra prosódica e, portanto, necessita mostrar o motivo pelo qual não devemos considerar clíticos como palavras prosódicas no PB.

Quanto ao estatuto dos clíticos do PB, podemos afirmar que eles não são palavras prosódicas independentes, uma vez que a eles não é atribuído acento primário. De outro modo, também diferem de morfemas (afixos e desinências), pois são formas livres que se realizam no ambiente sintático.

Em função das evidências prosódicas e morfológicas apresentadas no capítulo anterior, temos que, morfológicamente, devem ser considerados como palavras morfológicas, já que se estabelecem como formas livres no contexto sintático.

Todavia, fonologicamente, os clíticos não são palavras prosódicas, pelo fato de não receberem acento. Logo, não podem ocorrer isoladamente, devendo, portanto, apoiar-se na palavra prosódica que se encontra a seu lado.

Diante de tais evidências, argumentamos a favor de que o clítico forma uma única palavra prosódica com seu hospedeiro. No entanto, trata-se de uma relação distinta daquela que o prefixo inacentuado mantém com a palavra base:

(192) a) de casa

b) reavaliar

O exemplo (a) mostra que o clítico e seu hospedeiro formam um grupo de origem sintática, em que o clítico é dominado pela palavra que ele acompanha, mas cada um mantém sua independência no que diz respeito a aplicação de processos fonológicos. Em (b), notamos que o prefixo aparece junto à palavra prosódica, integrando-a e mantendo com ela uma relação de dependência. De outro modo, os clíticos se unem a uma palavra prosódica pronta, sem integrá-la e conseguem manter sua autonomia. Prova disso é que, em (a),b o clítico está sujeito ao fenômeno da neutralização da vogal final, processo com típica ocorrência em final de palavra. Já em (b), isso não ocorre, pelo fato de ser um prefixo que não pode ser separado da palavra base:

- (193) a) di casa  
b) \*riavaliar

Outra distinção importante entre afixos e clíticos é a posição: clíticos têm mobilidade na sentença e afixos não podem mudar sua posição, dada a sua dependência da palavra a que se anexa. Os clíticos pronominais *me*, *se*, *te*, *lhe(s)*, *o(s)*, *a(s)*, por exemplo, podem ser enclíticos ou proclíticos em relação ao verbo:

- (194) disse-me, ele me disse

No que diz respeito ao acento, clíticos não recebem acento primário porque são, por natureza, átonos. Entretanto, distinguem-se dos prefixos inacentuados e também não podem ser considerados como uma das sílabas átonas de uma palavra. Por exemplo, em palavras comuns como *relâmpago*, a forma \**relâmpago* não é permitida; também não são aceitas formas em que prefixos como *re-* e *in-* sejam acentuados (\**réavaliação* e \**ínadequado*). Isso ocorre porque tais formações desobedeceriam à regra da janela de três sílabas, uma vez que se trata de uma palavra prosódica, que recebe um acento primário.

Todavia, Bisol (2000) cita formações de verbos acompanhados de clíticos que não obedecem a tal regra:

- (195) dávamos-lhe, considerávamo-lo, contávamos-lhes

Tais exemplos demonstram que os clíticos não integram a palavra prosódica, porque, se assim o fosse, o acento primário na sílaba inicial dessas palavras não seria permitido.

Clíticos são, portanto, insensíveis à restrição da janela de três sílabas, já que sua característica de forma livre faz com que ele não participe do sistema acentual da palavra a qual se une. Isso reforça a tese de que clítico não se integra à palavra nem forma com ela uma só palavra prosódica. Percebemos, pois, que há implicações sintáticas na adjunção do clítico que os especificam e o diferenciam de afixos, sílabas e palavra prosódicas.

Diantes de tais argumentos, consideramos pertinente a não inserção dos clíticos no rol que elencamos das palavras prosódicas no PB, uma vez que suas propriedades morfológicas e fonológicas dão a ele estatuto distinto das daquele constituinte.

#### **4.2. Os processos não concatenativos no PB e as restrições de minimalidade**

No PB, temos palavras formadas por um processo de formação de palavras em que a sucessão linear das bases é muitas vezes rompida por perdas de segmentos ou sobreposições, como em:

(196) a) chafé (chá + café)

b) sacolé (saco + picolé)

Em (a), a junção resultou na perda da primeira sílaba do segundo elemento 'ca'. Em (b), além da perda da primeira da sílaba do segundo elemento 'pi', há o compartilhamento da sílaba que eles têm em comum 'co'.

Nesse processo, chamado por alguns autores de *blend* (MARTINI, 2010; BAT-EL, 1996) ou cruzamento vocabular (GONÇALVES, 2006; SILVEIRA, 2002), apesar de duas palavras servirem de *input* à formação de uma terceira, como na composição, essas se diferem de compostos por serem caracterizados pela interseção de bases e não pelo encadeamento. A sucessão linear estrita não é preservada no *blend*, já que as bases são literalmente fundidas, havendo, em decorrência, perda de material fônico não justificável por processos fonológicos segmentais.

Morfologicamente, os *blends* caracterizam-se pela fusão de duas palavras morfológicas, de modo a formar uma nova palavra morfológica com um novo sentido. Fonologicamente, ao se unir, recebem somente um acento primário e formam, portanto, uma palavra prosódica. Logo, a representação do *blend* é semelhante à dos compostos lexicais do tipo I:

(197) a) <<espaço><sub>MW</sub> <nave><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ espaçonáve ]<sub>PW</sub>

b) <<saco><sub>MW</sub> <picolé><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ sacolé ]<sub>PW</sub>

Em (a), temos um composto lexical do tipo I e em (b) um *blend*. Verificamos que, tanto em (a) como em (b) temos, a junção de duas palavras morfológicas que formam somente uma palavra prosódica.

No entanto, de acordo com Martini (2010), embora haja similaridades semânticas e morfológicas, no que diz respeito à estrutura prosódica de cada

um, existe uma diferença considerável entre compostos e *blends*. Nos *blends*, diferentemente dos compostos, uma das formas de base está contida dentro da estrutura prosódica da outra. Para constatar essa característica dos *blends*, vê-se que nos dados dos exemplos seguintes, os *blends* copiam sempre a estrutura prosódica de uma das formas de base.

(198)

a) [(dedo)]PWd	[demo(cracia)]PWd	Formas de Base
	[dedo(cracia)]PWd	Blend
b) [(chá)]PWd	[ca (fé)]PWd	Formas de Base
	[cha (fé)]PWd	Blend
c) [(beber)]PWd	[come(morar)]PWd	Formas de Base
	[bebe(morar)]PWd	Blend

(MARTINI, 2010, p. 48)

Segunda a autora, a estrutura prosódica da forma resultante no *blend* é equivalente à palavra prosódica mais longa. O *blend* tem como tendência a manutenção do mesmo número de sílabas e a mesma estrutura do pé da forma de base mais longa. No *blend*, a forma de base mais curta se ajusta à estrutura da palavra prosódica mais longa.

Porém, o mais importante para esta análise, é a constatação de que *blends*, mesmo tendo formação diferenciada, possuem, ao final dessa fusão, um único acento primário, o que indica que as duas formas da palavra base compartilham uma única palavra prosódica.

Vemos, portanto, que *blends* se diferem significativamente de compostos, no que tange à sua estrutura prosódica, tendo em vista a fusão de morfemas. Nesse processo, a palavra prosódica serve como domínio para formação da palavra morfológica. Dessa forma, para que a palavra morfológica seja bem formada, é necessário que esse amalgamento de morfemas respeite a estrutura prosódica na formação da palavra prosódica nessa língua. Isso é assunto para a Morfologia Prosódica (McCarthy; Prince, 1990a, 1990b, 1993a), segundo a qual a distribuição de morfemas nas línguas naturais é afetada pela estrutura prosódica.

Além dos *blends*, temos outros fenômenos não lineares que também projetam somente uma palavra prosódica, já que subordinam a um único acento primário:

(199) a) cerveja --> céerva

b) neurose --> néura

Nesses exemplos, as palavras foram constituídas por um processo de formação de palavras denominado truncamento, em que ocorre a supressão de segmentos fônicos da palavra derivante e conseqüente inserção de uma vogal à direita dos elementos copiados. Nesse processo, as formações resultantes não apresentam mudança de sentido. Trata-se de um fenômeno de redução somente.

Temos, nesse caso, uma palavra morfológica que sofre encurtamento e resulta também em uma palavra prosódica uma vez que permanece com um acento primário que, na redução, pode ser deslocado.

(200)

a) <cervéja > <sub>MW</sub> -> [céerva] <sub>PW</sub>

b) <neuróse > <sub>MW</sub> -> [néura] <sub>PW</sub>

De forma semelhante, temos também outro processo em que há redução, denominado hipocorístico. Tal processo consiste numa alteração do prenome, com encurtamento que pode reduzir a palavra base a até uma sílaba apenas.

(201) a) Juliana --> Jú

b) Marlene --> Lena

c) Eduardo --> Edu ou Du

Tais exemplos fornecem indícios que reforçam a argumentação de que não se verifica, de fato, a síndrome da palavra mínima no português, uma vez que as formas resultantes podem ser somente uma sílaba.

Distintamente dos *blends* e semelhantemente às formas truncadas, os hipocorísticos mantém relação de sentido com a palavra base. E, assim como os outros fenômenos não lineares citados, resultam em somente uma palavra prosódica. Podem ser assim representado:

(202) <Juliána > <sub>MW</sub> -> [Jú] <sub>PW</sub>

Outro processo considerado não linear no PB é a reduplicação. Trata-se de um fenômeno no qual ocorre o aumento na extensão de uma dada palavra através do redobro de uma parte da palavra base (exemplo (a)) ou cópia integral da palavra base (exemplo (b)):

(203) a) Juliane --> Jujú

Carlos --> Cacá

b) corre-corre

quebra-quebra

Em (a), temos uma palavra morfológica que sofre reduplicação de uma parte da palavra base. Pelo fato de ser um processo que envolve somente uma palavra, a formação resultante recebe somente um acento, geralmente deslocado para a sílaba final, e consiste, logo, em uma só palavra prosódica.

Em (b), temos duas palavras morfológicas idênticas que projetam somente uma palavra morfológica com novo sentido. Os casos de reduplicação de formas verbais, como em (b), projetam duas palavras prosódicas e apenas uma palavra morfológica, com mudança de classe gramatical: duas formas verbais formam um substantivo. Observa-se nesse caso uma linearidade na junção dos dois elementos, distintamente das outras formações mostradas nessa seção.

Portanto, podemos afirmar que a formação reduplicada em (b) possui as mesmas características do composto lexical do tipo II, explicitada no capítulo 3, nos quais há a união de duas palavras morfológicas que formam uma outra

palavra morfológica e que resultam em duas palavras prosódicas, pelo fato de cada uma delas receberem acento primário.

As formas reduplicadas podem ser assim representadas:

(204) a) <Viviáne ><sub>MW</sub> -> [Viví]<sub>PW</sub>

b) <<corre><sub>MW</sub> < corre ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [corre]<sub>PW</sub> [corre]<sub>PW</sub>

Em síntese, temos que os *blends*, formas truncadas, hipocorísticos e alguns casos de reduplicação, independente das mudanças que ocorrem em sua estrutura, projetam sobre uma palavra prosódica, pelo fato de receberem somente um acento primário. Somente a última forma reduplicada consiste em duas palavras prosódicas e, por isso, podem ser consideradas um composto lexical do tipo II.

Vimos também que a análise desses processos reforça a afirmação de que o PB não apresenta restrições de palavra mínima, uma vez que podemos formar palavras com somente uma sílaba. Segundo Bisol (2000), não há no PB nenhum recurso de alongamento para satisfazer o requisito das duas moras, nem se registra a aplicação de processos fonológicos para evitar o surgimento de palavras com uma sílaba apenas.

A literatura, ao discutir o tamanho que uma palavra pode ter, faz referência às restrições de palavra mínima. Considerando as várias línguas existentes, podemos afirmar que o possível tamanho de uma palavra pode variar, dependendo da língua em análise.

Podemos verificar, por exemplo, o alemão ou o inglês, que apresentam restrições de minimalidade, e outras línguas, como o português, o espanhol e o francês, em que essas restrições parecem estar ausentes.

Na língua portuguesa, o fato de não haver uma restrição de minimalidade significa que nem a extensão nem a estrutura silábica constituam critérios para identificar uma dada sequência de sons enquanto palavra, como pudemos perceber na observação das formações resultantes de processos não lineares. Acrescente-se a isso a ausência de processos fonológicos nessa língua que possam impedir palavras monossilábicas de terminarem em vogal (como em Ju, Fê e Lu), ou seja, que sejam pés degenerados. De outro modo, existem processos fonológicos que contribuem para que a glide e a consoante em coda ocorram à superfície como vogal (como em mal, bem). Bisol (2000, p. 17) também afirma que “a menor palavra do português é constituída de apenas uma sílaba sem coda”. A autora mostra que uma palavra prosódica no PB pode consistir em um uma única sílaba aberta ou fechada, como só, mi, nu e fé, que servem como evidência de que algumas palavras monossilábicas formam uma palavra, não sofrendo a síndrome da palavra mínima. Esse fato é atestado também no português europeu, por Vigário (2001).

Diferentemente do português, o espanhol parece, conforme Piñeros (2000), ter outro comportamento: em virtude da preferência por pés trocaicos, as palavras espanholas tendem, num processo de truncamento, a preservar os segmentos correspondentes ao pé acentuado. A forma truncada preserva o pé binário, simplificando toda a coda ramificada à exceção da que apresenta um segmento nasal ou acrescentando um segmento vocálico para formar uma

nova sílaba, como se pode verificar em nomes como Anselmo, em (a), que, num processo de truncamento apresentariam formas como em (b):

(205) a) [an.(sél.mo)] PWd

b) [(čé.mo)] PWd

Outro exemplo que permite constatar essa preservação do pé acentuado é a truncamento possível para o nome Beatriz:

(206) [be.a.(trís)] PWd

Esse processo pode ter como resultado a introdução de uma vogal epentética que origina uma nova sílaba e permite igualmente simplificar a estrutura marcada do pé, como acontece no exemplo seguinte:

(207) [(bí.če)] PWd ]

A forma truncada pode ainda apresentar a estrutura de uma sílaba pesada, como [(tís)], uma vez que a consoante em coda contribui com uma mora, o pé é bimoraico, embora seja monossilábico. A restrição de palavra mínima, neste caso, é respeitada no nível moraico. Essa restrição se estende à constituição do pé métrico, que deve ser sempre uma sílaba pesada.

Em PB, como vimos, temos também casos de truncamento de duas sílabas (cerveja - cerva; refrigerante - refri), em que a forma resultante não é, necessariamente, a que possui sílaba tônica da palavra que se origina. O

mesmo ocorre nos hipocorísticos de uma sílaba, em qual a sílaba única resultante do processo de formação não é a sílaba tônica da palavra derivante:

(208) Lu - de Luciana

Fe - de Fernando

Logo, ao analisar os processos não lineares no PB, diante das evidências encontradas, podemos fazer as seguintes afirmações:

- i. De fato, não existe palavra mínima em nossa língua.
- ii. A maioria das formas resultantes consistem em palavra prosódica única.
- iii. A fusão de morfemas é afetada pela estrutura prosódica, o que implica dizer que a palavra prosódica serve como domínio para formação da palavra morfológica resultante nessas formações.

#### **4.3. Síntese do capítulo**

Neste capítulo, fizemos breve análise dos clíticos, com o objetivo de demonstrar porque eles não devem ser considerados palavras prosódicas no PB. Analisamos, também, os processos não concatenativos de formação de palavras, para mostrar que a maioria deles correspondem à junção de duas ou mais palavras morfológicas que resultam em somente uma palavra prosódica. A observação desses processos serviu, também, de argumento para afirmarmos que no PB não existe a síndrome da palavra mínima.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta-problema que deu origem a esta tese foi: **qual é o estatuto da palavra prosódica no PB, tendo em vista a interação Morfologia-Fonologia?**

Para responder a tal questão, levantamos a **hipótese** de que, **para uma análise precisa do estatuto da palavra prosódica no PB, é imprescindível avaliar as evidências prosódicas e morfológicas desse constituinte nos processos de formação de palavras nessa língua.**

Optamos, nesta tese, por não adotar uma teoria específica; no entanto, partimos de alguns **pressupostos teóricos**:

- i. **Uma palavra prosódica possui somente um acento primário (cf. NESPOR e VOGEL, 1986).**
- ii. **Os componentes morfológicos e fonológicos interagem para a constituição da palavra prosódica (cf. NESPOR e VOGEL, 1986).**
- iii. **A palavra prosódica e a palavra morfológica nem sempre são coincidentes nas formações do PB (cf. CÂMARA JÚNIOR, 1967; LEE, 1995).**

Embora não tenhamos partido de um quadro teórico específico, nossa análise foi norteadada, principalmente, pela abordagem realizada por Lee (1995), que, ao estudar a Morfologia e a Fonologia do PB, considera os pressupostos acima mencionados, além de fornecer conceitos e exemplos importantes para o propósito da nossa pesquisa.

Definimos como objetivo geral analisar o estatuto da palavra prosódica no português brasileiro, tendo em vista a interação entre os componentes morfológicos e fonológicos, a fim de evidenciar a importância de analisar os processos de formação de palavras para a caracterização da palavra prosódica.

A fim de satisfazer esse objetivo geral, formulamos um conjunto de procedimentos, ou seja, de objetivos específicos:

- i. Rever o estatuto da palavra prosódica no PB, levando em conta as contribuições trazidas pelas análises anteriores.
- ii. Verificar como se dá a interação entre palavra morfológica e palavra prosódica nos diferentes processos de formação de palavras no PB;
- iii. Apresentar as evidências fonológicas e morfológicas na constituição da palavra prosódica no PB;
- iv. Verificar se os clíticos podem ser considerados como palavras prosódicas no PB;
- v. Verificar se a palavra prosódica no PB é domínio de restrições de minimalidade.
- vi. Demonstrar quais elementos morfológicos devem ser considerados palavras prosódicas no PB.

Esse roteiro balizou a redação dos capítulos 2 a 4, cujos pontos principais retomaremos brevemente a seguir, para que possamos explicitar em que medida nossa proposta aproxima-se e, sobretudo, distancia-se das que tivemos a oportunidade de conhecer.

No capítulo 2, fizemos a revisão da literatura mostrando abordagens anteriores que trataram direta ou indiretamente da palavra prosódica no PB, para demonstrar quais as contribuições trouxeram e as lacunas apresentadas. Iniciamos com um percurso histórico dos estudos sobre palavra em geral até chegar à palavra prosódica propriamente dita, a qual foi tratada, primeiramente no PB, por Câmara Jr. Entre os trabalhos analisados (NESPOR; VOGEL, 1986; LEE, 1995; MORENO, 1997; SCHWINDT, 2000; VIGÁRIO, 2001), utilizamos como fundamento teórico para nossa análise o trabalho de Nespor e Vogel (1986), ao considerar a posição da palavra prosódica proposta pelas autoras na hierarquia prosódica. E, principalmente, a análise de Lee, da qual utilizamos a organização dos compostos no PB (lexicais e pós-lexicais) e a discussão sobre o acento no PB para aplicar nos processos de formação de palavras nessa língua e, a partir daí, identificar a palavra prosódica nas formadas resultantes desses processos. Paralelamente, retomamos também, a nossa dissertação de Mestrado, Moreira (2003), com intuito de utilizar as análises ali realizadas sobre o prefixo como argumento para identificar quais prefixos consiste em palavras prosódicas. Ainda nesse capítulo, adiantamos a proposta de quais elementos, a nosso ver, podem ser considerados palavras prosódicas no PB, os quais serão retomados a seguir.

O capítulo 3 mostrou o cerne da nossa análise. Apresentamos nele as evidências morfológicas e prosódicas dos principais processos de formação de palavras no PB, buscando, em todas as discussões, identificar e caracterizar a palavra prosódica em cada um deles: prefixação, composição e sufixação.

Nesse capítulo elencamos também os elementos morfológicos que devem ser considerados como palavras prosódicas no PB, bem como as

características que especificam esse constituinte em nossa língua. Tendo em vista a discussão apresentada, demonstramos, por fim, qual é, de fato, o estatuto da palavra prosódica no PB.

O capítulo 4 trouxe as considerações adicionais, mas importantes, para a busca do estatuto da palavra prosódica. Traçamos uma breve discussão sobre os clíticos e mostramos que eles não podem ser considerados palavras prosódicas no PB. Analisamos os processos de formação de palavras não lineares (*blend*, truncamento, hipocorístico e reduplicação) e verificamos que a maioria deles consistem em uma só palavra prosódica no PB. A observação desses processos forneceram argumentos a favor da afirmação de que não existe palavra mínima em nossa língua. Vimos também que a palavra prosódica pode ser domínio para a formação de palavras no PB. Ficou evidente na análise dos processos não lineares de formação de palavras, que a fusão de morfemas para formação de uma palavra é afetada pela estrutura prosódica, o que implica dizer que a palavra prosódica serve como domínio para formação da palavra morfológica resultante nessas formações.

Concluimos que, para analisar a palavra prosódica no PB é imprescindível a verificação das estruturas morfológicas dos processos de formações de palavras nessa língua. A discussão realizada demonstra claramente que muitas são as estruturas morfológicas que existem em nossa língua, no entanto, em cada uma delas, podemos encontrar uma ou mais palavras prosódicas, a depender da quantidade de acentos de primários existentes nas formações.

Embora saibamos que o critério primordial para verificar a existência da palavra prosódica seja a atribuição de acento primário, vimos, também, que as

noções de forma livre e fatoração podem constituir critérios adicionais para identificação da palavra prosódica no PB.

Esta pesquisa se mostrou inovadora, na medida em que buscou evidenciar o componente morfológico na análise da palavra prosódica no PB. Vimos que os trabalhos anteriores se concentraram no componente prosódico e se preocuparam, sobretudo, em definir o lugar da palavra prosódica na hierarquia prosódica.

Distintamente dos autores das demais propostas, buscamos detalhar as características e especificidades da palavra prosódica no PB e chegamos à conclusão de que isso só é possível por meio da análise morfofonológica dos processos de formação de palavras existentes nessa língua.

## REFERÊNCIAS

BAT-EL, O. Selecting the best of the worst: the grammar of Hebrew blends. *Phonology*, [online], n. 13, p. 283-328, 1996. Disponível em: <<http://migre.me/sKUSJ>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BISOL, Leda. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-184, 2005.

\_\_\_\_\_. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *Delta*, [online], *Pu* n. 20, especial, p. 59-70, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502004000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300006)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. O clítico e seu *status* prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000.

\_\_\_\_\_. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 29, p. 25-36, 1994.

BOOIJ, G.; RUBACH, J. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, [online], n. 1, p. 1-27, 1984. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/4615380?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/4615380?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. The role of the prosodic word in phonotactic generalizations. In: HALL, T. A.; KLEINHENZ (Eds.). *Studies on the phonological words*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. Cap. 3. p. 47-72.

BLOOMFIELD, Leonard. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem (1926). In: DASCAL, Marcelo (Org.) *Concepções gerais da teoria da linguística*. São Paulo: Global, 1978.

\_\_\_\_\_, L. *Language* (1933). New York: Holt.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. *Princípios de Linguística Geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

CHOMSKY, Noam. Novos horizontes no estudo da linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, [online], v. 13, 1997, p. 5. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000300002)>. Acesso em 14 jan. 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindsley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A ambimorfemia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por ranking de restrições. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 169-183, dez. 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Restrições de identidade em modelos paralelistas: Morfologia e Fonologia. *DELTA*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 70-112, 2005.

HALL, T. A. The phonological word: a review. In: HALL, T. A.; KLEINHENZ (Eds). *Studies on the phonological words*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 1-22.

HAYES, Bruce. Compensatory lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry*, [online], v. 20, n. 2, p. 253-306, 1989. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/243722118\\_Compensatory\\_lengthening\\_in\\_Moraic\\_Phonology](https://www.researchgate.net/publication/243722118_Compensatory_lengthening_in_Moraic_Phonology)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

INKELAS, Sharon. Deriving Cyclicity. In: HARGUS, Sharon; KAISSE, Ellen M. (Eds.) *The studies in Lexical Phonology*. San Diego: Academic Press, 1993.

\_\_\_\_\_, Sharon. *Prosodic constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing, 1990.

\_\_\_\_\_, Sharon. *Prosodic constituency in the Lexicon*. 1989. Tese (Doutorado). Universidade de Stanford. Stanford.

\_\_\_\_\_. Deriving cyclicity. In: HARGUS, Sharon; KAISSE, Ellen M. (Eds.). *Studies in Lexical Phonology*. San Diego: Academic Press, 1993. p. 75-110.

KENTOWSKY, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge; Oxford: Blackwell, 1994.

KIPARSKY, Paul. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook*, [online], n. 2, p. 85-138, 1985. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4419953>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

KIPARSKY, Paul. Lexical Morphology and Phonology. In: In-Seok Yang for the Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm: selected papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. v. 1. p. 3-91.

LEE, Seung Hwa. Acento secundário do PB. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 149-162, mar. 2002.

\_\_\_\_\_. O acento primário do Português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 44-69, 1997.

\_\_\_\_\_. *Morfologia e Fonologia Lexical do português do Brasil*. 1995. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

LIBERMAN, M & PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquire*, Cambridge, v. 8, p. 249-336, 1977.

LIEBER, R. *On the organization of the lexicon*. 1980. Tese (Doutorado). Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.

MACHADO, Renata C. *A base para formação de palavras no Português*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

MARTINI, Lirian D. *Morfologia prosódica do português brasileiro*. 2010. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Linguística, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. *Morfologia não-concatenativa do português brasileiro: uma abordagem por restrições*. 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Linguística, Belo Horizonte.

McCARTHY, J. Generalized Alignment: introduction and theory. In: McCARTHY, J. (Ed.) *Optimality Theory in Phonology: a Reader*. Amherst, Massachusetts: Blackwell, 2004.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction. Cambridge: 221Alfa, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 195-221, 2009  
Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993a.

\_\_\_\_\_. Foot and word in Prosodic Morphology: the arabic broken plurals. *Natural language and linguistic theory*, Dordrecht, v. 8, p. 25-50, 1990a.

\_\_\_\_\_. Prosodic Morphology and Templatic Morphology. In: EID, M.; McCARTHY, J. J. (Org.). *Perspectives on Arabic Linguistics: papers from the second symposium*. Amsterdam: Benjamins. 1990b. p.1-54.

MOREIRA, Sofia M. *Sobre o estatuto do prefixo no português brasileiro: uma análise morfofonológica*. 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Linguística, Belo Horizonte.

MORENO, Cláudio. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

NESPOR, M.; RALLI, A. Morphology-Phonology Interface: Phonological domains in Greek Compounds. *The Linguistic Review*, [online], 1986, v. 13, p. 357-382. Disponível em: <[http://www.academia.edu/2431210/Morphology-Phonology\\_interface\\_phonological\\_domains\\_in\\_Greek\\_compounds](http://www.academia.edu/2431210/Morphology-Phonology_interface_phonological_domains_in_Greek_compounds)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

NESPOR, M. and VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

PEPERKAMP, Sharon. Prosodic words. *Glott International*, [online], v. 4, n. 4, p. 15-16, 1999. Disponível em: <[http://www.lscp.net/persons/peperkamp/Peperkamp\\_\(1999\)\\_Prosodic\\_Words.pdf](http://www.lscp.net/persons/peperkamp/Peperkamp_(1999)_Prosodic_Words.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *Prosodic words*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997. Originalmente publicado como tese de doutorado.

PIÑEROS, Carlos-Eduardo. Foot-Sensitive word minimization in Spanish. *Probus*, [online], v. 12, n. 2, p. 291–324, 2000. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/308-0399/308-0399-PINEROS-0-0.PDF>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

ROSA, Maria. Carlota. *Introdução à morfologia*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 1916. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SELKIRK, E. O. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, [online], n. 3, p. 371-405, 1986. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=2396224>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Massachusetts: The MIT Press, 1984.

\_\_\_\_\_. The role of prosodic categories in English word stress. *Linguistic Inquiry*, [online], v. 11, 1980, p. 563-605. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4178179>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVEIRA, C. M. da. *Cruzamento vocabular em português: acaso ou processo?* 2002. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras.

TONELI, Priscila M. *A palavra prosódica no português brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

VIGÁRIO, Marina. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, [online], n. 27, p. 485-530, 2010. Disponível em: <[http://labfon.letras.ulisboa.pt/texts/vigario\\_2010.pdf](http://labfon.letras.ulisboa.pt/texts/vigario_2010.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. & COUTINHO, M. A. (Orgs.). *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística – Textos seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.

\_\_\_\_\_. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003b.

\_\_\_\_\_. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. Tese (Doutorado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

\_\_\_\_\_. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. *Studies on the phonological word*. Current Issues in Linguistic Theory. Edited by T. Alan Hall and Ursula Kleinhenz. Amsterdam/Philadelphia, 1999.

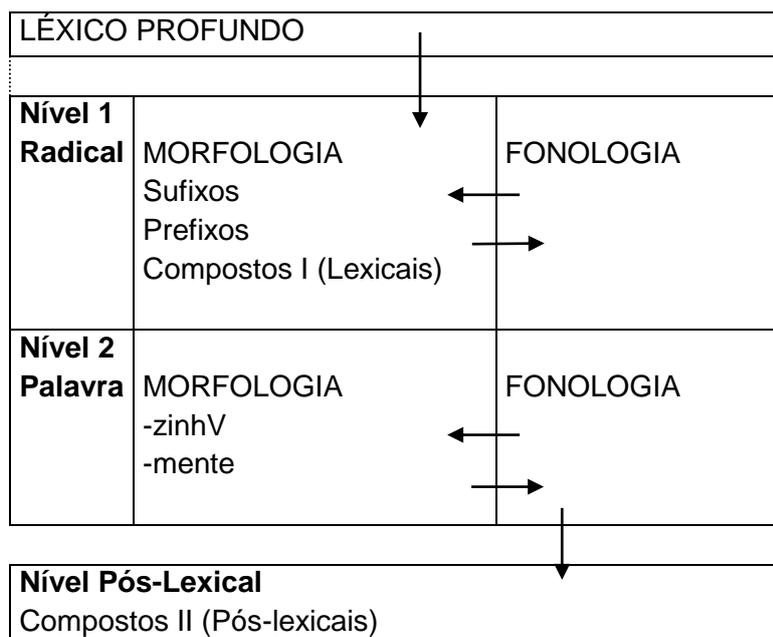
VILLALVA, Alina. *Compounding in Portuguese: Working Papers 2*. Lisboa: Instituto de Lingüística Teórica e Computacional, 1990.

VOGEL, I. The clitic group in prosodic phonology. In: MASCARÓ, J.; NESPOR, M. (Eds.). *Grammar in progress*. Dordrecht: Foris, 1990. p. 447-454.

## ANEXOS

## A) LISTA DE EXEMPLOS

- (1) inspirar → < inspirar ><sub>μα</sub> -> [ inspirar ]<sub>πα</sub>
- (2) infeliz → < in<feliz ><sub>μα</sub> ><sub>μα</sub> -> [ infeliz ]<sub>πα</sub>
- (3) < pré< silábico ><sub>μα</sub> ><sub>μα</sub> -> [ pré ]<sub>ω</sub> [ silábico ]<sub>ω</sub>
- (4)



- (5) amoral, adjunto, co-autor, desaconselhar, inábil, reanimar.
- (6) rádio-táxis
- (7) boias-frias
- (6) rádio-táxis
- (7) boias-frias
- (8) **pós**-graduação, **tri**-campeão
- (9) (a) só, mês, por, táxi, casa, lanterna, pássaro
- (b) desonesto, insatisfeito, cozinheiro, lealdade
- (c) couve-flor, guarda-roupa
- (d) planalto, floricultura
- (e) primeiro-ministro
- (f) chafé, portunhol

- (g) neura, refri  
 (h) pré-avaliação, pós-graduação  
 (i) chapeuzinho, felizmente  
 (j) come e bebe, pensa-se, doce de leite

(10) cozinha → cozinheiro

leal → lealdade

(11)

PALAVRA MORFOLÓGICA	ACENTO	PALAVRA PROSÓDICA
só, mês, por, táxi, casa, lanterna, pássaro	1	1
desonesto, insatisfeito, cozinheiro, lealdade	1	1
couve-flor, guarda-roupa	2	2
planalto, floricultura	1	1
primeiro-ministro	2	2
chafé, portunhol	1	1
neura, refri	1	1
pré-avaliação, pós-graduação	2	2
chapeuzinho, felizmente	2	2

(12)

- |             |                   |
|-------------|-------------------|
| 1. nikwika  | “eu canto”        |
| 2. tikwika  | “você canta”      |
| 3. nikonis  | “eu vou beber”    |
| 4. tikwikas | “você vai cantar” |

(13) pré-avaliação, pós-graduação

(14) (a) habilidade                      celebridade

a.bi.li.da.de	ce.le.bri.da.de
1 1 1 3 0	1 1 1 3 0

(b) hábil idade                      célebre idade

a.bi.li.da.de	ce.le.bri.da.de
2 0 1 3 0	2 0 0 3 0

(op. cit. p. 36)

(15) Diga-me/ não me diga/ que não me diga. (intercalação)  
 Casa de detenção (presença de preposição)

(16) inspirar, destituir, reduzir

(17) infeliz, descontente, reavaliar

(18) pré-silábico, pós-graduação

(19) Enunciado U

Frase entoacional I  
 Frase fonológica  $\phi$   
 Grupo clítico C  
 Palavra fonológica  $\omega$   
 Pé  $\Sigma$   
 Sílabas  $\sigma$

(20) (a) a[z]ola ‘casa de botão’

a[z]ilo ‘asilo’

(b) la [s]irena \*la[z]irena ‘a sirene’

hanno [s]eminato \*hanno [z]eminato ‘terminaram’

(c) a[s]ociale

pre[s]entire (ouvir antes)

(d) pre[z]entire (pressentir)

re[z]istenza

(21) resistência, retiro, resistir,

(22) a) in rima

con molti

b) \*inregolare (irregolare)

c) \*inmaturo (immaturo)

d) in + racional → i [R] acional (irracional)

e) in + móvel → i [m] óvel (imóvel)

(23) pré-escolar; supermercado, mini palestra

(24) a) guarda-chuva

b) garota

c) fala-lhe a verdade

(25) a) prefixo: in- [ \_\_\_\_ [ ]  $\alpha$  ]  $\alpha$

b) sufixo: -eza [ [ ]  $\alpha$  \_\_\_\_ ]  $\alpha$

c) sufixo: -inho [ [ ]  $\beta$  \_\_\_\_ ]  $\beta$

d) raiz: -logo [ [ ]  $\alpha$  \_\_\_\_ ]  $\alpha$

(26)	<puro> <sub>mα</sub>	MCF	
	[pur] <sub>pα</sub> o	PCF	
	<<puro> <sub>mα</sub> eza> <sub>mα</sub>	afixação de α (-eza) e MCF	
	[[puro] <sub>pα</sub> ez] <sub>pα</sub> a	PCF	:
	[[purez] <sub>ap</sub> a	truncamento	:
	[[púrez] <sub>pα</sub> a	acento	
	:		
	:		
	[pureza]		:

(27) [ferrovia]<sub>ω</sub> [espaçonave]<sub>ω</sub>

(28) [puxa]<sub>ω</sub> [saco]<sub>ω</sub>

(29) [presidente]<sub>ω</sub> [ministro]<sub>ω</sub>

(30)	<ferro> <sub>m</sub>	[feR] <sub>pα</sub> o	MCF e PCF
	<via> <sub>m</sub>	[vi] <sub>pα</sub> a	MCF e PCF
	<ferrovia>	[feRovi] <sub>pα</sub> a	composição de α e PCF
		:	
		[feRovía]	

(31)	<puxa> <sub>m</sub>	[puš] <sub>pα</sub> a	MCF e PCF
	<saco> <sub>m</sub>	[sak] <sub>pα</sub> o	MCF e PCF
	<puxasaco> <sub>m</sub>	[puš] <sub>pα</sub> a [sak] <sub>pα</sub> o	composição de α e PCF
	<puxasaco> <sub>m</sub>	[pùš] <sub>pα</sub> a [sák] <sub>mα</sub> o	acento

:

[pùšasáco]

(32) <presidente><sub>m</sub> <ministro><sub>m</sub> [prezidénte]<sub>p</sub> [minístro]<sub>p</sub>(33) pré-história --> [pré]<sub>ω</sub> [história]<sub>ω</sub>supermercado --> [súper]<sub>ω</sub> [mercádo]<sub>ω</sub>(34) chapeuzinho --> ) [chapéu]<sub>ω</sub> [zínho]<sub>ω</sub>felizmente --> ) [felíz]<sub>ω</sub> [ménte]<sub>ω</sub>(35) infeliz --> ) [infelíz]<sub>ω</sub>

(36) seduzir, considerar, retiro

(37) preexistente, maxidesvalorização, inconsequente, reavaliar

(38) pré e pós fixado hipo e hipercalórico

intra e extramuros intro e extrovertido

bi e tricampeonato uni e tridimensional

pró a antiaborto macro e microeconômico

sub e super-avaliado mini e maxidesvalorização

in e exclusive exo e endogâmico

ex e importar retro e antecarga

supra e infraestrutura neo e paleozóico

(39) That country has both **IN**ternal and **EX**ternal problems.

(40)

adivinhar

retiro

instalar

(41) anormal, reavaliar, intolerante

(42) des e refazer

(43) Vou refazer o que você *des*\*.O diretor *re*\* tudo que ela já tinha feito.

(44) in- e exterior

in- e externo

(45) inspirar, conspirar, transpirar, expirar

(46) cafezinho

(47) coração → coraçõeszinhos

porta → portinhas

(48) pr(E)-sil[A]bico

p[O]s-operat[O]rio

(49) inesquec[I]vel

descuid[A]do

(50) Está faltando **infra**. (infra-estrutura)

Carlos decidiu fazer uma **pós**. (pós-graduação)

João reencontrou sua **ex**. (ex-mulher)

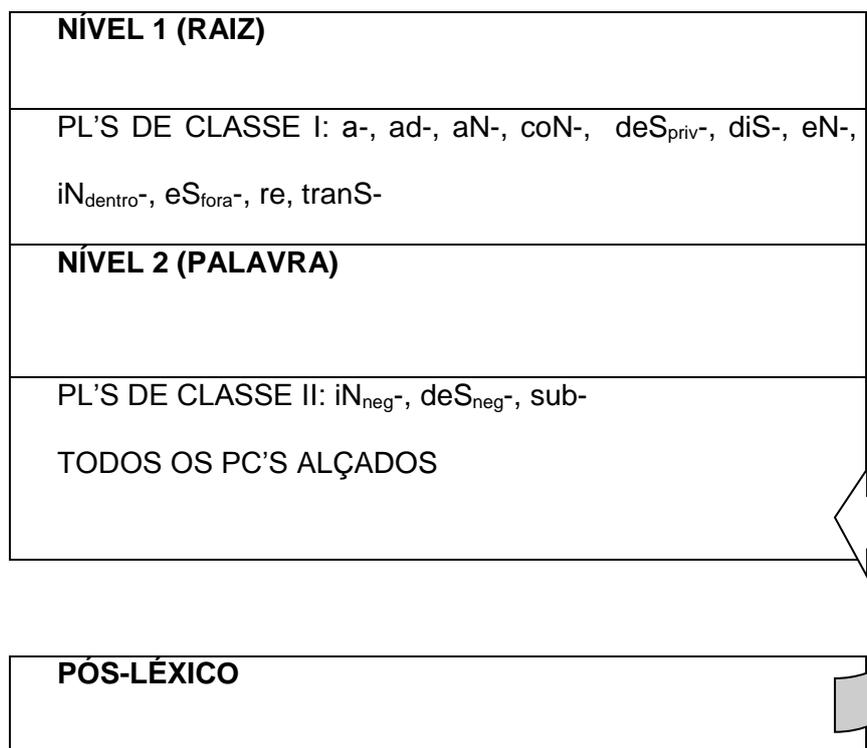
Eles estão sonhando em ser **tri**. (tricampeões)

Ele já retornou, mas ela ainda não **\*re**.

Enquanto ela expirou, ele também **\*ex**.

Paulo desfez as malas, antes que Maria **\*des** as dela.

(51)



(52)

## 5. LÉXICO

Nível 1

Sufixação [au.to] [a.va.li.a.] tivo ]

Silabificação [au.to] [a.va.li.a.ti.vo]

Acento [áu.to] [a.va.li.a.tí.vo]

Nível 2

Prefixação n.a. [autu [avaliatívu] ]

Silabificação n.a. [au.tu. [a.va.li.a.tí.vu] ]

Pós-léxico

Neutralização [áu.tu] [a.va.li.a.tí.vu] n.a.

Ressilabificação n.a. [au.tu.a.va.li.a.tí.vu]

(53) rádio-táxis

guarda-roupinha

- italo-brasileiros
- (54) pré-vestibulares
- ex-maridinho
- auto-avaliativo
- (55)
- (a) iNdentro- (b) iNneg-
- iN + spirar iN+e+sperado
- iN + scrito iN+e+squecível
- (56) in- + -spirar in- + -screver
- trans- + spirar re + e + -screver
- as- + pirar trans + escrever
- (57) (a) inscrever (b) inesperado (c) inspirar
- insculpir inesquecível instaurar
- (58) seduzir, retiro
- (59) resistencia
- (60) resistência; requebrar; requerimento; recreio
- (61) IN + -(e)screver;
- IN + -esperado
- IN + -esquecível
- (62) *Condição de Boa Formação do domínio da palavra prosódica* (cf. VIGÁRIO, 2001, p. 278):
- Uma palavra prosódica mínima tem um e apenas um acento primário.
- Uma palavra prosódica máxima tem um e apenas um elemento proeminente
- (63)

(a) [autónomo]  $\omega$

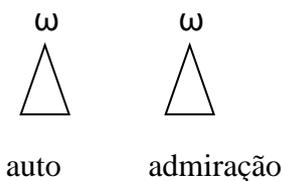
(b) [auto]  $\omega$  [admiração]  $\omega$  (VIGÁRIO, 2001, p, 248; 249)

(64) A: Disseram-me que o João é o responsável pela publicidade desta página.

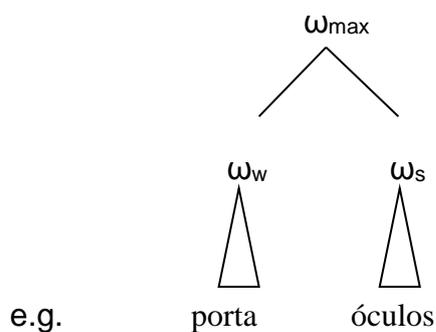
B: Mas não: O João é o responsável pela foto-mon**T**Agem desta página.

B': .\*Mas não: o João é o responsável pela **F**Oto-montagem desta página. (VIGÁRIO, 2001, p. 250)

(65)  $\omega_{\max}$



(66)



(67) \*portas-óculos

(68) super-homem; intra-muscular

(69) pós-graduação; pré-história

(70)

A: Acho que o João foi com a Maria ao cinema.

B: Não foi não. O João foi sozinho ao cinema.

## \*sozinho

- (71) jacaré --> jacarÉzinho \*jacar[e]zinho \*jacar[i]Zinho
- (72) presidente-ministro --> presidentes<sub>z</sub>-ministros<sub>z</sub>  
pão-duro --> pães<sub>z</sub>-duros<sub>z</sub>
- (73) < \_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW  
inspirar → < inspirar > MW -> [ inspirar ] PW
- (74) < \_\_\_\_ < > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW  
infeliz → < in<feliz > MW > MW -> [ infeliz ] PW
- (75) < \_\_\_\_ < > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
pré-silábico → < pré< silábico > MW > MW -> [pré]PW [silábico]PW
- (76) << > MW \_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
felizmente → <<feliz > MW mente> MW -> [felíz] PW [ménte] PW
- (77) << > MW < > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW  
couve-flor → <<couve> MW < flor > MW > MW -> [couve]PW [flor]PW
- (78) corre-corre (V + V = N); puxa-saco (V + N = A)
- (79)  
< \_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW  
inspirar → < inspirar > MW -> [ inspirar ] PW  
obedecer → < obedecer > MW -> [ obedecer ] PW  
pássaro → < pássaro > MW -> [ pássaro ] PW
- (80) ferrovia → <<ferro> MW <via> MW > MW -> [ ferrovia ] PW  
monólogo → <<mono> <logo> > MW -> [ monólogo ] PW
- (81) a) flor, sol  
b) florista, solaço, incapaz  
c) couve-flor, guarda-sol

- (82) felizmente → <<feliz ><sub>MW</sub> mente> <sub>MW</sub> ->[felíz] <sub>PW</sub> [ménte] <sub>PW</sub>  
 chapéuzinho → <<chapéu ><sub>MW</sub>zinho> <sub>MW</sub> ->[chápeu] <sub>PW</sub> [zínho] <sub>PW</sub>
- (83) pré e pós fixado                      hipo e hipercalórico  
 intra e extramuros                      intro e extrovertido  
 bi e tricampeonato                      uni e tridimensional  
 pró a antiaborto                      macro e microeconômico  
 sub e super-avaliado                      mini e maxidesvalorização  
 in e exclusive                      exo e endogâmico  
 ex e importar                      retro e antecarga  
 supra e infraestrutura                      neo e paleozóico
- (84) B\*in e respirar  
 \*con e reduzir
- (85) des- e refazer
- (86) Vou refazer o que você **des\***.  
 O diretor **re\*** tudo que ela já tinha feito.
- (87) tetra e pentacampeonato → Em 2002 o Brasil conquistou o **penta**.  
 ex e vice-diretor → O diretor foi substituído pelo **vice**.
- (88) feliz e alegre **mente**  
 real e natural**ista**  
 anterior e posterior**idade**
- (89) flor e psicultura
- (90) descontente (des- + contente)  
 supermercado (super + mercado)
- (91) a) incapaz  
 b) insensato

c) infeliz

(92) contente (adjetivo) - descontente (adjetivo) - descontentes

(93) \*prés-escolares; \*minis-saias

(94) reavaliar; releitura; rever

(95) resistir; respirar; retiro

(96) *inspirar*: infundir sentimentos ou pensamentos; sugerir,

incurtir, bafejar. introduzir ar nos pulmões

*transpirar*: secretar (suor) pelos poros do corpo; suar. deixar

surgir; transparecer; manifestar, exalar

*aspirar*: atrair ou recolher por meio de sucção

(97) \*re- e inspirar

(98) Durante o exercício, você deve inspirar e depois \*re.

(99) **des**armar, **in**quieto, **re**fazer

(100) desarmar (livrar-se da arma);

inquieto (não quieto);

refazer (fazer novamente)

(101) a) Ele desorganizou os livros mais depois **re**\*. (re- : “de novo”)

b) Alguns alunos do noturno são dependentes economicamente

dos pais, porém a maioria é **in**\*. (in- : “negação”)

(102) reavaliações e não \*reavaliações

incapazes e não \*inçapazes

(103) readequar, reavaliar, readaptar -> re- significa fazer de novo

incapaz, insensível, intolerante -> in- significa não

(104) a) pré-silábico

b) contraindicação

c) supermercado

(105) Esse negócio é realmente **super**!

Vamos analisar os **prós** e os **contras**.

Vou começar pelo **pré**.

(106) (a) Ela é super legal. → Ela é muito legal.

(b) Aquela jovem usava uma minissaia. → Aquela jovem usava uma saia pequena.

(107) supermercados/supermercadoraia; ex-maridos, ex-maridinho

(108) O prefeito será substituído pelo vice.

Maria saiu com seu ex.

(109) a) ítalo-brasileiro

b) pré-candidato

(110) olho-de-sogra; dedo-duro; puxa-saco.

(111) micro e macrorregião, super e hipercalórico, ex- e vice-reitor.

(112) Comprou um carro super moderno.

(113) a) supermercado, supermercados, supermercadora

b) vice-prefeito, vice-prefeita, vice-prefeitinho

(114) a) couve-flor → <<couve><sub>MW</sub> < flor ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [couve]<sub>PW</sub> [flor]<sub>PW</sub>

b) primeiro-ministro → <primeiro><sub>MW</sub> < ministro ><sub>MW</sub> ->

[primeiro]<sub>PW</sub> [ministro]<sub>PW</sub>

c) ferrovia → <<ferro><sub>MW</sub> < via ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ferrovia]<sub>PW</sub>

d) fonólogo → <<\_\_\_\_> <\_\_\_\_> ><sub>MW</sub> -> [fonólogo]<sub>PW</sub>

(115)

### **Compostos lexicais**

N + N - ferrovia, autopeça, radiotáxi

A + A - ítalo-brasileiro, médico-cirúrgico

V + N - guarda-chuvas, puxa-saco, toca-discos

### Compostos pós-lexicais

N + (p) + N - sofá-cama, homem-rã, pé de moleque

N + A - boia-fria, pão-duro, carro-forte

A + A - surdo-mudo

A + N - curto-circuito, primeiro-ministro, boa-vida

(116) a) ferrovia (ferro + via)

b) autopeça (auto + peça)

c) radiotáxi (radio + táxi)

(117) biólogo (mono + logo)

geógrafo (geo + grafo)

(118) biólogo -> bio (vida) + logo (estudo)

geógrafo -> geo (terra) + grafo (escrita)

(119) a) guarda-chuva

b) puxa-saco

c) couve-flor

(120) ex-professores; guarda-roupas

(121) ex-professorzinho, guarda-roupinha

(122) ex-professor; guarda-roupa

↓	↓	↓	↓
DT	DM	DT	DM

(123) \*exs-professores; \*guardas-roupas

(124) a) corre-corre (verbo + verbo) = substantivo

b) guarda-chuva (verbo + substantivo) = substantivo

(125) a) primeiro-ministro

b) curto-circuito

c) pão-duro

(126) primeiros-ministros

(127) \*ferrosvias, \*puxas-sacos, \*prés-escolas

(128) a) brasil --> brasil + eiro = brasileiro

b) casa --> casa + eiro = caseiro

(129) a) a casaN + inho --> a casinhaN, \*a casinho

b) o gatoN + inho --> o gatinhoN \* o gatinha

(LEE, 1995, p. 39)

(130) a. [[[menin] ada] s]

b. \*[[[menin] s] ada]

(LEE, 1995, p. 44)

(131) a) cáfezínho

b) formalmente

(132) real e naturalista

feliz e alegre mente

(133)

<\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW [ \_\_\_\_\_ ] PW

a) pré-silábico → <pré< silábico > MW > MW -> [pré]PW [silábico]PW

b) autoescola → <auto< escola > MW > MW -> [auto]PW [escola]PW

(134)

a) prÉ-silábico

b) aut[U]escola

(135) pr[ε]-história

(136) pr[e]ver

(137) ferrovia --> \*ferr[U]via

espaçonave --> \*espaç[U]nave

(138) coabitar --> \*c[U]abitar

(139) a) intrauterino > intr[u]terino

b) infraestrutura > infr[e]strutura

c) blusa escura > blus[e]scura

(140) ínfra-estrutúra --> infr[e]strutúra/ infr[e]strutúra

(141) a) hipermercado --> hípermercádo/\*hipérmercádo

b) felicidade --> félicidáde/felícidáde

(142) méga-áula --> \*megáula

micro-ônibus --> \*micrónibus

(143)

< \_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

inspirar → < inspirar > MW -> [ inspirar ] PW

conceber → < conceber > MW -> [ conceber ] PW

reduzir → < reduzir > MW -> [ reduzir ] PW

destruir → < destruir > MW -> [ destruir ] PW

(144) a) reduzír

b) reestruturár

(145) \*riestruturar

(146) \*respirar

(147) [respirar] PW

(148)

in + feliz → <in<feliz > MW > MW -> [ infeliz ] PW

re + avaliar → <re <avaliar > MW > MW -> [ reavaliar ] PW

des + fazer → <des<fazer > MW > MW -> [ desfazer ] PW

(149)

<\_\_\_\_> MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

infelíz → <in<felíz > MW > MW -> [ infelíz ] PW

(150) iN + legal --&gt; ilegal

iN + [R]egular --> i[R]egular

iN + moral --> imoral

(151) genro --&gt; \*gero

(152) INMETRO --&gt; \*IMETRO

(153) iN + esperado --&gt; i[Nes]perado

iN + (h)ábil --> i[Na]bil

iN + ativo --> i[NA]tivo

(154) bem-amado --&gt; \*be[NA]amdo

(155) pan-eslavismo --&gt; p[ã]-eslavismo --&gt; \*pa[NES]lavismo

(156) reorientar --&gt; \*riorientar

coabitar --> \*cuabitar

(157) teatro --&gt; t[ʃ]atro

coalho --> c[u]alho

(158) a) sublime

b) sublingual

(159) a) \*sub[i]lime

b) sub[i]lingual

(160) a) impiedoso --&gt; impíedóso/ímpíedóso

b) supermercado --> súpermercádo/\*supérmercádo

(161)

<< > MW < > MW > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

ferrovia → <<ferro><sub>MW</sub> <via><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ ferrovía ]<sub>PW</sub>

espaçonavē → <<espaço><sub>MW</sub> <nave><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ espaçonáve ]<sub>PW</sub>

(162)

<<><sub>MW</sub> <><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>

puxa-saco → <<puxa><sub>MW</sub> <saco><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [púxa]<sub>PW</sub> [sáco]<sub>PW</sub>

couve-flor → <<couve><sub>MW</sub> <flor><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [cóuve]<sub>PW</sub> [flór]<sub>PW</sub>

(163) \*ferr[U]via

\*espaç[U]nave

(164) couv[i]-flor

ítal[u]-brasileiro

(165) <<ítalo><sub>MW</sub> <brasileiro><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [ítalo]<sub>PW</sub> [brasiléiro]<sub>PW</sub>

(166) ítalo-brasiléiro -> ítalo-brasiléiro /\*itàlo-bràsiléiro

(167) monólogo --> \*mon[u]logo

filosofia --> \*fil[u]sofia

(168) primeiro-ministro → <primeiro><sub>MW</sub> <ministro><sub>MW</sub> ->

[priméiro]<sub>PW</sub> [minístro]<sub>PW</sub>

(169) presidentes-ministros

\*puxas-sacos

\*ferrosvias

(170) brasíl --> brasiléiro

feliz --> felicidade

(171) brásil + eiro → <<brasil><sub>MW</sub> eiro><sub>MW</sub> -> [ brasiléiro ]<sub>PW</sub>

(172) b[É]lo --> b[e]léza

h[Ó]spede --> hospedagem

(173) rodapé ---> r[ɔ]dapé (\*r[o]dapé)

porta-copo --> p[ɔ]orta-copo (\*porta-copo)

(174) caf[É] --> caf[E]zínho

b[É]lo --> b[E]laménte

(175) a) b[É]lo --> b[e]léza

b) b[É]lo --> b[E]lamente

(176) a) b[É]la -> b[E]linha

b) caf[É] -> caf[E]zinho

(177) a) casinhas, \*casasinhas

b) hotelzinho -> hoteizinhos

c) marzinho -> marezinhos

(178) a) càfezínho, fòmalménte

b) só, sozínho

(179) Ele desorganizou os livros mais depois **re**\*. (re- : “de novo”)

(180) pan-eslavismo--> p[ã]-eslavismo

(181)

PALAVRA MORFOLÓGICA	ACENTO	PALAVRA PROSÓDICA
só, mês, por, táxi, casa, lanterna, pássaro	1	1
desonesto, insatisfeito, cozinheiro, lealdade	1	1
couve-flor, guarda-roupa	2	2
planalto, floricultura	1	1
primeiro-ministro	2	2
chafé, portunhol	1	1
neura, refri	1	1
pré-avaliação, pós-graduação	2	2
chapeuzinho, felizmente	2	2

(182) < \_\_\_\_\_ > MW -> [ \_\_\_\_\_ ] PW

- < respirar ><sub>MW</sub> -> [ respirar ]<sub>PW</sub>
- (183) < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- < re < fazer > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ refazer ]<sub>PW</sub>
- (184) << \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- ferrovia → <<ferro><sub>MW</sub> <via><sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ ferrovia ]<sub>PW</sub>
- (185) << \_\_\_\_ > < \_\_\_\_ > > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- monólogo → <<mono> <logo>> <sub>MW</sub> -> [ monólogo ]<sub>PW</sub>
- (186) << \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- brasileiro → <<brasil > <sub>MW</sub> eiro > <sub>MW</sub> -> [ brasileiro ]<sub>PW</sub>
- (187) < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- < cervéja > <sub>MW</sub> -> [ cerva ]<sub>PW</sub>
- << \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- <<saco><sub>MW</sub> <picolé><sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ sacolé ]<sub>PW</sub>
- (188) < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- < super < mercado > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ super ]<sub>PW</sub> [ mercado ]<sub>PW</sub>
- (189) << \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- puxa-saco → <<puxa><sub>MW</sub> < saco > <sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ púxa ]<sub>PW</sub> [ sáco ]<sub>PW</sub>
- (190) < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> < \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- primeiro-ministro → < primeiro > <sub>MW</sub> < ministro > <sub>MW</sub> ->
- [ priméiro ]<sub>PW</sub> [ ministró ]<sub>PW</sub>
- (191) << \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> \_\_\_\_ > <sub>MW</sub> -> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub> [ \_\_\_\_\_ ]<sub>PW</sub>
- felizmente → <<feliz > <sub>MW</sub> mente > <sub>MW</sub> -> [ felíz ]<sub>PW</sub> [ ménte ]<sub>PW</sub>
- (192) a) de casa
- b) reavaliar
- (193) a) di casa

b) \*riavaliar

(194) disse-me, ele me disse

(195) dávamos-lhe, considerávamo-lo, contávamos-lhes

(196) a) chafé (chá + café)

b) sacolé (saco + picolé)

(197) a) <<espaço><sub>MW</sub> <nave><sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ espaçonáve ] <sub>PW</sub>

b) <<saco><sub>MW</sub> <picolé><sub>MW</sub> > <sub>MW</sub> -> [ sacolé ] <sub>PW</sub>

(198)

a) [(dedo)]<sub>PWd</sub> [demo(cracia)]<sub>PWd</sub> Formas de Base

[dedo(cracia)]<sub>PWd</sub> Blend

b) [(chá)]<sub>PWd</sub> [ca (fé)]<sub>PWd</sub> Formas de Base

[cha (fé)]<sub>PWd</sub> Blend

c) [(beber)]<sub>PWd</sub> [come(morar)]<sub>PWd</sub> Formas de Base

[bebe(morar)]<sub>PWd</sub> Blend

(199) a) cerveja --> céerva

b) neurose --> néura

(200) a) <cervéja > <sub>MW</sub> -> [céerva] <sub>PW</sub>

b) <neuróse > <sub>MW</sub> -> [néura] <sub>PW</sub>

(201) a) Juliana --> Jú

b) Marlene --> Lena

c) Eduardo --> Edu ou Du

(202) <Juliána > <sub>MW</sub> -> [Jú] <sub>PW</sub>

(203) a) Juliane --> Juju

Carlos --> Cacá

b) corre-corre

quebra-quebra

(204) a) <Viviáne ><sub>MW</sub> -> [Viví]<sub>PW</sub>

b) <<corre><sub>MW</sub> < corre ><sub>MW</sub> ><sub>MW</sub> -> [corre]<sub>PW</sub> [corre]<sub>PW</sub>

(205) a) [an.(sél.mo)] PWd

b) [(čé.mo)] PWd

(206) [be.a.(trís)] PWd

(207) [(bí.če)] PWd ]

(208) Lu - de Luciana

Fe - de Fernando